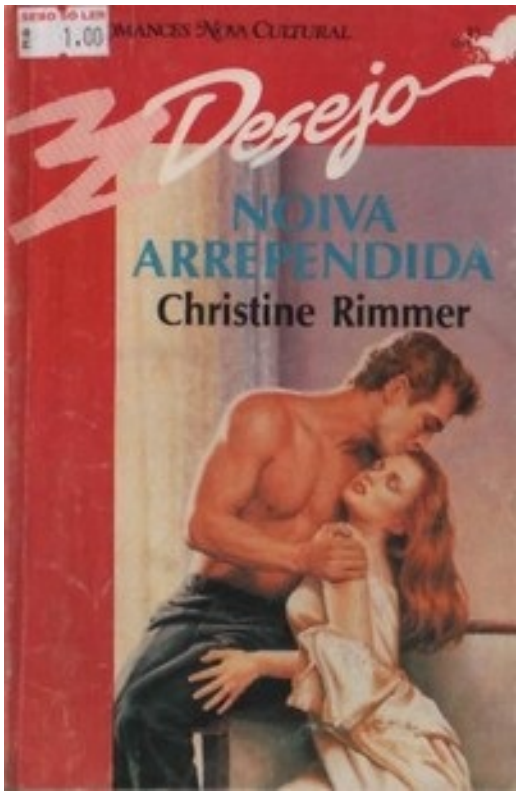
NOIVA ARREPENDIDA

COUNTERFEIT BRIDE



Christine Rimmer

PROCURA-SE UMA ESPOSA...

No último instante, Eve Tanner, a noiva de Jordan McSwain desistiu de casar! E faltava uma semana para a reunião de família em que os parentes dele iriam conhecer sua bonita esposa. O mínimo que Eve podia fazer para ajudá-lo era representar esse papel...

Eve viu-se obrigada a dividir a cama com um homem que não era seu marido e, ainda por cima, a inventar histórias românticas sobre sua "maravilhosa lua-de-mel"! Aos poucos, porém, convenceu-se de que jamais seria feliz ao lado de outra pessoa... Mas depois de ser abandonado no altar, será que Jordan ainda iria querer casar com ela?

Digitalização: Tinna

Revisão: Ana Cristina

Formatação: Ana Ribeiro

Copyright © 1993 by Christine Rimmer

Originalmente publicado em 1993 pela Silhouette Books,
Divisão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.
Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Título original: COUNTERFEIT BRIDE
Tradução: Jurandy Bravo Nogueira Jr.
Copyright para a língua portuguesa: 1994
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901
São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 9442
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Eve não agüentava mais. Precisava extravasar de uma vez por todas.

— Jordan, não posso me casar com você.

Mas em vez do esperado alívio, no mesmo instante ela teve vontade de voltar atrás. Mas não pôde. De qualquer forma, eram palavras que precisavam ser ditas.

Jordan balançou a cabeça, incrédulo.

— Como? Acho que não ouvi direito.

À voz grave, cuja alegria sempre a reconfortara, dessa vez faltava qualquer traço de bom humor. Eve sentiu vontade de desviar os olhos para a janela da casa da praia, de buscar refúgio na areia mansa, na nesga de mar que dali se divisava, na lua em forma de foice. Em vez disso, porém, continuou encarando-o.

— Eu disse que não posso me casar com você. Não agora. Muito menos no próximo sábado, como planejamos.

Não encontrava as palavras certas para explicar sua decisão. Sabia por quê. Também seu coração relutava em aceitá-la. Eve Tanner estava apaixonada por Jordan McSwain. No entanto, a razão lhe dizia que havia muita coisa em jogo a ser considerada antes de se deixar levar pelos sentimentos.

Desconsolada, e ao mesmo tempo ansiosa em fazê-lo compreender, acrescentou:

— É que... tudo aconteceu depressa demais...

Seguiu-se um silêncio terrível. De repente o ar de espanto desapareceu do rosto de Jordan, dando lugar a um sorriso forçado, porém muito sensual.

— Droga, Eve. Você me assustou.

— Jordan, eu... — Um nó na garganta obrigou-a a parar e engolir em seco.

— Está tudo bem, querida. Eu compreendo. Você está nervosa.

O murmúrio suave e cadenciado das ondas chegava aos ouvidos de Eve. Soava como compridos e voluptuosos suspiros. Iguais aos que ouvira nos lábios que naquele momento se dirigiam a ela e conseguiam acalmá-la um pouco.

Porém, quando Jordan tentou se aproximar, Eve recuou.

— Por favor, não.

— Por quê? Fique tranqüila, isso passa.

— Não é tão simples assim, Jordan.

Precisava ser firme, resistir à tentação de concordar e, com um suspiro, recostar-se em seu peito forte. Nada mais fácil que imaginá-lo enlaçando-a em seus braços e levando-a para o quarto, onde a cama ampla e os lençóis brancos os esperavam para juntar seus gemidos ao gemido do mar.

— Ouça, Eve. Eu...

— Você é que vai me ouvir — disse ela, mais que depressa, livrando-se do devaneio e empertigando-se. — Não se trata de nervosismo. Desde que nos conhecemos, eu não tive chance de parar e pensar. Acho que eu...

Foi a vez de Jordan interrompê-la, sempre gentil:

— Ora, vamos. Toda noiva sente medo antes do casamento. É normal. Tenho certeza de que você também conseguirá superar isso.

Ele resolvera não lhe dar ouvidos, Eve concluiu. Mas afinal, por que deveria? Acusou-a sua consciência. Jamais hesitara em concordar com tudo que ele dizia. Desde o primeiro instante em que se viram, Jordan orquestrava seus movimentos como um maestro. Ela apenas obedecia. Como convencê-lo de que de repente mudara de idéia e decidira deixar de agir ao modo dele?

— Você me ama? — ele perguntou, pressionando-a.

Deus do céu, se o amava? Sim, de todo o coração. Parecia que o amava desde quando se conheceram, na cozinha daquela casa, havia trinta e dois dias exatamente. Sua empresa fora contratada para servir um pequeno jantar, e acabara se apaixonando pelo anfitrião.

— Você é da agência de serviços temporários Staffing Source? — ele perguntara.

— Eu sou a agência — ela respondera, rindo. — Sou a proprietária. Debbie ligou na última hora dizendo que estava doente e não encontrei ninguém disponível para substituí-la.;

Jordan sorrira e tinha sido como se a noite se enchesse de luz.

— Sendo assim, acrescente à conta uma boa gratificação para Debbie, está bem?

— Por quê?

— Por ter tido o bom senso de ficar doente. Do contrário, talvez você e eu nunca nos conhecêssemos.

— Você deve ser louco — Eve comentara, corando.

— Não sou, mas estou ficando. Você me atinge como um raio no momento em que entrei aqui e a vi arrumando esses camarões enormes na travessa de gelo. Estou louco mesmo. Louco por você. O que vai fazer amanhã à noite?

— Bem, eu...

— Ótimo. Está marcado então. Anote na sua agenda. Amanhã... e nos outros dias do resto da sua vida. Gosta do mar?

— Por quê?

— Pensei em pegarmos a balsa até Catalina. Conheço um restaurante pequeno mas excelente por lá e...

Seria possível que ela não o amasse? Jordan entrara em sua vida

rotineira, bem organizada, com o entusiasmo e a magia de um show de fogos de artifícios, alegrando suas noites e fazendo de cada dia uma comemoração.

Até seus filhos o adoravam. Jordan se empenhara em conquistá-los também, levando-os para passear no Zoológico de San Diego, na Fazenda Knott's Berry, na Disneylândia, quase todos os dias. Passaram momentos maravilhosos ali mesmo, em Seal Beach, construindo castelos na areia até o final da tarde, quando então entravam para comer pizza e assistir a filmes no videocassete. Tanto Wesley quanto Lisa olhavam para Jordan de olhos arregalados e expressão de encanto no rosto. Exultavam à simples menção do nome dele.

— Vai responder à minha pergunta? — indagou Jordan, cobrindo a pequena distância que os separava e batendo-lhe de leve no queixo. — Você me ama?

— Claro que sim — Eve respondeu afinal, furiosa com as lágrimas que teimavam em querer sair. Piscou para enxugá-las, antes de completar: — Eu te amo muito.

— Então cumpra sua palavra e case-se comigo. No próximo sábado, como combinado.

— Por favor, Jordan — ela tornou a replicar -, procure compreender.

— Compreender o quê?

— Eu... preciso de mais tempo. Conhecêmo-nos há pouco mais de um mês. Parece que estou no meio de um turbilhão. Tem sido uma loucura, muito romântico e bonito, é verdade, mas...

— Mas o quê?

— Quando me Casei com Teddy foi a mesma coisa. Nos conhecemos e casamos em questão de semanas. Não vou deixar que aconteça de novo. Além do mais, dessa vez preciso levar em consideração tudo que isso pode representar na vida de duas crianças. Wesley e Lisa ficariam arrasados se os obrigasse a passar por outro divórcio.

— Divórcio? — Jordan fez pouco caso da idéia. — Não haverá divórcio. Na minha família, as pessoa se casam para ficarem juntas a vida inteira.

— Ó, Jordan. É claro que pensamos assim agora, mas...

— Eu não penso assim — disse ele, segurando-a pelos ombros.

— Eu sei que será assim. — Seu ex-marido e eu somos pessoas completamente diferentes.

Havia um tom de desafio em sua voz.

— Eu sei disso.

— Então por que insiste em nos comparar?

— Bem, eu...

— Você o quê?

Jordan não percebeu que enterrara os dedos nos ombros de Eve quando ela recuou, atordoada, tentando explicar:

— O problema é que.. não são semelhantes demais, e isso me Incomoda.

— Em que sentido? — Jordan se pôs a andar em círculos pela sala, tenso como ela jamais o vira. — Por acaso me acha tão egocêntrico quanto esse sujeito? Pensa que sou do tipo capaz de colocar dois filhos no mundo para só então chegar à conclusão de que não fui feito para a vida em família? Que vou embora para Nova York para realizar meu sonho dourado e fazer carreira como comediante na Broadway? E que lhe mandarei os papéis do divórcio pelo correio quando tiver tempo?

Eve estendeu a mão, suplicante:

— Jordan, pare. Não foi isso que eu quis dizer.

— Ha, não? — Ele estacou e encarou-a, prendendo-a em seu olhar penetrante. — Então quer me fazer o favor de explicar o que foi que você quis dizer?

— Estou tentando — ela desabafou.

Ao vê-lo correr a mão pelo cabelo loiro escuro, exasperado, Eve teve vontade de lhe pedir para esquecer o que ouvira. Tinha razão, ela agia como uma grande tola. Estava nervosa como uma adolescente ao ver aproximar-se o grande dia de sua vida. Depois que se casassem, no entanto, tudo voltaria ao normal. Ela lhe entregaria nas mãos seu futuro e, de seus dois filhos, e como sempre, ele cuidaria para que fossem felizes para sempre. Não havia motivos para não dar certo.

Oh, que tentação! Afinal de contas, Jordan era tudo com que uma mulher podia sonhar. Lindo e generoso, disparava seu pulso com um simples olhar. Dava-se muito bem com as crianças, é tinha uma família numerosa e unida no norte da Califórnia. Eve sempre quis ter uma

família grande.

Seriam vários sonhos se tornando realidade a um só tempo. Porém a experiência lhe ensinara, da maneira mais difícil e dolorosa possível, que era preciso tomar cuidado com os sonhos. Pois nada garantia que, do dia para a noite, eles não se transformassem em pesadelos.

Jordan tornou a se aproximar, mas dessa vez não a tocou.

— Vamos, Eve. Explique-se de uma vez por todas.

— Eu já disse...

— Tudo?

— Bem...

— Tem mais alguma coisa, então?

— Sim.

— Então fale.

— Está bem. — Escolhendo as palavras com cuidado, Eve continuou: — Eu me sinto... como alguém com quem você está tentando fechar um negócio. Você venceu minha resistência inicial, me levou para jantar, e agora quer que eu assine na linha pontilhada. Espera que eu deixe tudo para trás e me torne a senhora Jordan McSwain. Acontece que eu não sou uma cliente em potencial. Sou uma mulher, de carne e osso. Preciso de mais tempo.

— Quanto tempo?

— Não sei. Talvez alguns meses. Talvez um pouco mais, para que possamos nos conhecer realmente. Para que nos tornemos mais reais um para o outro.

A raiva no rosto de Jordan cedera lugar à dor.

— O que você quer dizer com isso?

— Tem sido um conto de fadas. Você é tão perfeito, tão fascinante...

— E isso é ruim?

— Claro que não.

— Então não faz sentido.

— Você é uma pessoa tão completa... Acho que não tenho nada a lhe oferecer.

— Não é verdade.

Eve levou a mão ao peito dele, um gesto que pretendia apenas transmitir sinceridade. Porém conseguiu muito mais que isso. Fez lembrar a ambos da paixão que ardia dentro deles.

— Deixe que eu decida essa questão.

Assim dizendo, um brilho intenso nos olhos negros, Jordan puxou-a para perto e abraçou-a.

Eve sabia que precisava afastar-se para continuar explicando o que ele se recusava a entender. Mas o contato daquele corpo rijo contra seus seios macios, o cheiro másculo invadindo-lhe as narinas, sobrepujou sua força de vontade.

— Eu sou real — disse ele. — O que existe entre nós também.

— Oh, Jordan...

Sedento, um som rouco escapando-lhe da garganta, ele tomou-lhe os lábios para um longo beijo, ao mesmo tempo em que a abraçava com mais força. Sua língua tentou penetrá-la, porém essa era a única resistência que Eve ainda conseguia oferecer.

— Deixe, meu amor... — Jordan pediu.

A angústia naquele tom de voz a fez ceder afinal. Eve descerrou os lábios, permitindo que lhe aumentasse o tormento. Imediatamente, não apenas sua língua correspondeu, como também suas mãos se entregaram à delícia de lhe percorrer as costas musculosas, o pescoço viril, o cabelo sedoso. Corpos colados, em questão de segundos ela sentia a expressão maior do desejo de Jordan, audaciosa e voraz, apertando-a por debaixo da calça de algodão que ele usava.

Sem se afastar, ofegante, Jordan exigiu:

— Diga que me ama.

— Você sabe...

— Vamos, diga. Eu preciso ouvir.

— Eu te amo, Jordan. Ha, como eu te amo! — disse Eve, no instante em que os beijos dele começavam a descer por seu pescoço.

— E vai se casar comigo. No sábado.

— Eu... eu não posso.

— Claro que pode.

— Não, eu...

— Por favor, querida.

— Jordan...

Ele tornou a subir por seu pescoço e lhe mordeu de leve o lóbulo da orelha, provocando-lhe arrepios de prazer.

— Vamos, diga. Agora!

Eve chegou a sentir a palavra sim se formando em sua boca. Mas, apesar de tudo, a decisão já estava tomada. Conseguiu produzir um débil porém nítido não.

De repente quebrou-se o encanto. Os beijos cessaram, os braços que a cingiam desprenderam-se, e Jordan se afastou para observar da janela as ondas do mar.

Eve sabia que, naquele momento, ambos faziam a mesma coisa: tentavam recuperar o controle sobre o próprio corpo. Precisavam esquecer as delícias que poderiam estar desfrutando se tivesse voltado atrás. Deixar de lado a imagem dos dois nus rolando em cima da cama, em busca do êxtase supremo.

— Que jogo é esse que você resolveu fazer comigo, Eve? — Jordan perguntou, sem se virar.

Eve esfregava as mãos, desolada. Desde aquela manhã, quando se olhou no espelho e decidiu que precisava tomar cuidado para não incorrer no mesmo erro que cometera ao se casar com Teddy Tanner, temeu que sua atitude acabasse acarretando a pior conseqüência possível: sua separação definitiva de Jordan McSwain.

Naquele momento percebeu que não fora infundada sua preocupação. Estava pondo tudo a perder. Titubeara nos próprios argumentos como se também lhe custasse acreditar que fossem verdadeiros. E em seguida, desmanchara-se toda nos braços dele como se nada tivesse acontecido. Agora, duvidava que fosse capaz de remediar a situação.

Ainda assim, respondeu, depois de um suspiro incerto:

— Não se trata de jogo, eu juro.

— Então é alguma coisa que você está querendo provar?

— Não. Eu já lhe disse. Por favor, procure compreender. Não é culpa sua, mas até agora você cuidou de tudo e eu simplesmente me deixei levar, como um barco à deriva. Quero me relacionar com alguém de igual para igual, e não sinto que seja esse o nosso caso. Pelo menos, por enquanto não foi.

Jordan voltou-se e a encarou.

— Isso é loucura — disse ele. — Você me coloca em uma espécie de pedestal, mas não é assim que me sinto. Somos iguais, e eu adoro você. Sou capaz de te dar o mundo se você permitir.

— Esse é o problema. Tenho de conseguir o que quero por meus próprios esforços. Ninguém pode fazê-lo por mim.

— Ótimo. — A impaciência transparecia cada vez mais em sua voz. — Que seja assim. Eu lhe darei toda a liberdade para lutar por seus ideais. Mas case-se comigo no próximo sábado.

— Não posso. Não agora...

Voltavam ao ponto de partida. Exceto pelo fato de que Jordan começava a acreditar que Eve falava sério. Ela tinha toda a intenção de cancelar o casamento. E nada, nem charme, nem inteligência aguçada, nem um considerável poder de persuasão, nem mesmo a forma como lhe incendiara o corpo no instante em que a tocara, nada a faria mudar de idéia.

Apenas a observava, parada junto à mesa de centro da sala. Parecia frágil e insegura, o comprido cabelo cor de mel um pouco desgrenhado, a boca entreaberta, inchada pelos seus beijos. Sabia que a enervava. Naquele exato momento, porém, pouco se lhe dava.

Havia apenas nove dias ela assumira o compromisso de casar-se na praia, ao pôr do sol. Nem precisava fechar os olhos para lembrar-se de cada detalhe da cena em que Eve lhe dera seu sim.

Desde a noite em que a descobrira na cozinha da sua casa, nem por um instante cogitara na possibilidade de perdê-la. Fora uma agradável surpresa vê-la corar quando disse que estava louco por ela.

E no entanto, de repente ela resolvia desistir de ludo. Como se fosse a decisão mais banal de sua vida, dizia que não queria mais se casar.

Deus do céu, como a odiava. Principalmente porque faltava pouco para atirar-se aos pés dela e lhe implorar que não o deixasse! Por que foi lhe dar tanto poder sobre sua vida? E, pior ainda, como era possível que Eve não percebesse uma coisa dessas?

Estava muito angustiado. Um sentimento de que, definitivamente, não precisava.

Jordan McSwain nunca discutia fatos. Tampouco se envolvia demais com as pessoas. Sempre as mantinha a uma distância segura.

Exceto pela avó que o criara desde os sete anos de idade. Julgava-se esperto por não permitir que ninguém ocupasse um lugar importante demais em sua vida.

No entanto, Eve o fizera esquecer as regras que se auto-impusera para seu próprio bem. Chegara o momento — mais cedo do que imaginara — de pagar o preço por essa negligência.

— Já agüentei o bastante, Eve — disse afinal, em um tom áspero que poucos o ouviram usar. — Decida-se de uma vez por todas. Recuso-me a esperar a vida inteira para saber se você um dia será ou não minha esposa.

Os enormes olhos verdes que o fitavam se arregalaram diante do ultimato. Embora contrariado, Jordan não podesse furtar a uma pontada perversa de satisfação.

— E então? — insistiu. — O que você me diz?

Eve, atônita com a súbita transformação por que ele passara e temendo as conseqüências daquela desastrosa conversa, tentou fazê-lo recuar.

— Jordan, por favor, nem por um instante eu tive a intenção de chegar a um ponto tão definitivo assim. Será que não podemos...

— Vai se casar comigo no sábado?

— Jordan, não faça isso... — Eve implorou, com o olhar mais que com palavras.

— Sim ou não?

— Jordan...

Porém ele se limitava a encará-la. Sendo assim, Eve reuniu todas as suas forças e disse:

— Se me obriga a responder agora, receio que terá de ser não.

Por um momento ficaram em silêncio, até que Jordan deu de ombros e retrucou, muito calmo:

— Está certo. Encerram-se aqui as discussões. Não haverá mais casamento, e ponto final. Que seja para o bem de todos.

Eve continuou paralisada. Pedira tempo para pensar. Conseguira a vida inteira. Uma vida inteira... sem ele.

— Jordan...

Viu quando aquela boca que havia pouco a beijara se retesou, como se temesse que se aproximasse e fizesse alguma coisa de agora

em diante inadmissível. Como tocá-lo simplesmente...

— Por que isso, Jordan? Não se feche para mim, não me exclua da sua vida desse jeito. Vamos conversar melhor sobre o assunto. Por favor...

Mas ele a dispensou com um gesto de mão e lhe deu as costas.

Mesmo assim, sem tirar os olhos dele, Eve tentou em vão aceitar o triste desenrolar dos acontecimentos. Sabia que não seria fácil convencê-lo. Contava até com sua raiva. Porém, de alguma forma, confiara em que tudo acabaria bem. Tinha certeza de que, no final, ele a compreenderia e lhe daria o tempo que fosse necessário para se convencer de que sonhos ainda se transformam em realidade.

Em vez disso, ela o perdera. Para sempre. Oh, Deus, por quê?

Eve baixou os olhos. Só então reparou que, nervosa, revirara o tempo todo o anel de brilhantes que selara o noivado. Respirando fundo e muito devagar, tirou-o e o deixou sobre a mesa de centro.

— O anel... — explicou, a voz embargada por uma quase incontrolável vontade de chorar. — Vou deixar aqui em cima.

Jordan não deu o menor indício de que a ouvira. Pelo contrário, parecia só ter atenção para o barulho suave das ondas rolando na praia, o olhar desgarrado na areia da praia, alheio até à própria imagem refletida no vidro da janela.

Ela ainda sussurrou seu nome mais uma vez, como um último suspiro da esperança que morria. Jordan continuou imóvel. Eve então virou-se e saiu pela porta.

CAPÍTULO II

Rosie Holland, a melhor amiga de Eve e com quem ela dividia sua casa, insistiu:

— Faça como eu estou dizendo e ligue para ele. Confie em mim. — Calou-se o tempo suficiente apenas para relancear os olhos para o biscoito coberto de chocolate que segurava e, antes de devorá-lo, acrescentou: — Deus do céu, preciso fazer um regime. Começo amanhã, sem falta.

Eve, grata pela trégua nos bem-intencionados conselhos da amiga, voltou-se para observar pela janela da sala os filhos brincando no quintal. Wesley aplicava um golpe violento em uma bola imaginária com seu bastão de plástico. Lisa, agachada, estudava com muita atenção

alguma coisa no gramado entre suas pernas rechonchudas de bebê. O céu de outono, azul e sem nuvens, completava a alegria da cena.

— Eve — resmungou Rosie -, você ouviu alguma palavra do que eu disse?

Eve olhou para a amiga e forçou um sorriso:

— Tem certeza de que seu regime pode esperar até amanhã?

— Muito engraçado. — Com dedos roliços, Rosie recolheu os farelos que caíram em seu colo. — Vou repetir, então. Ligue para ele. Agora. — E lambeu os dedos, deliciada.

— Não adiantaria nada — Eve respondeu, balançando a cabeça.

— Nunca vai saber se não tentar.

— Dessa vez você está enganada, Rosie. Eu já sei. Jordan não quer me ver.

Tornou a olhar pela janela. Wesley escalava o escorregador e Lisa engatinhava na grama. Ambos sorriam. Bastava observá-los para acreditar que a vida era linda, o mundo, um lugar maravilhoso, e que nada mudara desde a noite anterior.

— Isso é ridículo — Rosie ralhou. — Você está agindo como uma colegial. O cara está pronto pra pular em cima de você assim que receber um telefonema seu. Tenho certeza de que vai concordar com tudo que você quiser, agora que teve tempo para esfriar a cabeça.

Eve engoliu o nó na garganta que ameaçava se transformar em lágrimas.

— Você não estava lá, Rosie. Aconteceu alguma coisa... Não sei explicar. Só sei que ele nunca foi tão seco comigo. Jordan se encheu e não quer mais nem ouvir falar de mim.

— Muito bem — disse Rosie, remexendo-se na cadeira. — Vamos supor que tenha razão. Isso não significa que você não queira saber dele, correto?

— Ora, que pergunta, Rosie.

— Achou-a ridícula? Pois eu tenho a mesma impressão dessa sua teimosia em desistir diante da primeira barreira que surgiu. — Rosie abriu os braços em um gesto abrangente. — Olhe a sua volta. Ainda nem completou trinta anos e já está adquirindo sua casa própria. Tem dois filhos saudáveis e felizes. Dirige seu negócio de casa, de forma a poder lhes dar toda a atenção necessária o dia inteiro. Encontrou uma

auxiliar competente e que tem uma atitude positiva com relação à vida, disposta a ajudá-la no que for preciso. Resumindo, você tem a vida que pedem a Deus todas as mulheres modernas que são mães e descasadas. Isso tudo sem o auxílio de seu grande e único erro, que atende pelo nome de Teddy Tanner. — E acrescentou, as mãos unidas como em oração e olhando para cima: — Que um dia ele engasgue nos próprios monólogos insossos...

— Rosie, de vez em quando Teddy manda dinheiro para as crianças.

— "De vez em quando", e depois de te abandonar três meses antes de Lisa nascer. Mas a questão aqui não é essa. Só quis provar que você nunca foi uma pessoa que desiste fácil. Sendo assim, quer fazer o favor de me explicar por que, agora que descobriu o homem do século, lindo, rico e perfeito, você resolve rolar para o lado e se fingir de morta? Por que permitiu que ele a intimidasse?

— Eu não permiti nada. Jordan me deixou sem ação.

Rosie se recusava a se convencer por um argumento tão frágil.

— Este é o problema. Você sempre comentou que ficava tudo por conta dele quando estavam juntos. Disse também que precisava mudar isso, sentir que ambos dispunham de espaços iguais dentro do relacionamento. No entanto, agora que surgiu uma oportunidade de colocar essa vontade em prática, você recua!

Rosie procurou controlar a irritação, mas nem por isso foi menos sincera:

— Estou chegando à conclusão que você não acredita que mereça um homem como Jordan. Afirma que quer ser tratada de igual para igual, mas não é assim que vê a si mesma. Por isso não consegue se impor, e foge na primeira vez em que ele se mostra mais agressivo.

A análise da amiga incomodou Eve. Reconhecia que, ao menos em parte, aquelas palavras traduziam bem a verdade. Porém isso não alterava nada sua impotência para alterar o curso dos acontecimentos.

Nesse instante o telefone tocou. O coração de Eve disparou e a esperança tornou a desabrochar em seu peito. Talvez...

Haviam combinado que, no dia seguinte, Debbie Conley serviria um pequeno jantar de negócios na casa de Jordan. Quem sabe ele se lembrara de algum detalhe que lhes escapara então, e queria conversar sobre o assunto...

— Hora de trabalhar — disse Eve, saltando do sofá para atender o telefone, embora procurasse disfarçar a ansiedade.

— Claro, claro — Rosie ironizou, levantando-se para ver o besouro que Lisa encontrara no quintal.

— Agência de serviços temporários Staffing Source, bom dia — disse Eve ao telefone, tentando parecer calma e profissional.

— Bom dia — respondeu uma voz de mulher. — Gostaria de saber se vocês têm pessoal disponível para uma festa que pretendo dar no dia dezoito do mês que vem e...

Eve suspirou enquanto seu coração retomava o ritmo normal. Tolice sua imaginar que Jordan ligaria.

— Só um instante — interrompeu a mulher. — Vou consultar a agenda.

Acessando o banco de dados no computador, fez o possível para não pensar que o primeiro dia de uma vida inteira sem Jordan havia começado.

— Jordan, querido! — exclamou Melba Blecker, radiante, um largo sorriso aprofundando as rugas no canto dos olhos. — Estou achando ótimo esse nosso encontro. Assim teremos a chance de nos conhecermos melhor.

Melba lançou um rápido olhar para o marido, sentado a sua frente, do outro lado da reluzente mesa de vidro da sala de jantar.

— Concordo plenamente, senhora Blecker — comentou Jordan, educado.

— Por favor, me chame de Melba — ela corrigiu, sem abrir mão do sorriso. — Mort e eu estamos prestes a dar um grande passo.

— Eu compreendo — disse Jordan. — É por isso que gosto de receber os clientes em minha casa. Quero que se sintam à vontade para esclarecer quaisquer dúvidas antes de tomarem uma decisão.

— Um modo encantador de fazer negócio — afirmou Melba, voltando a se concentrar em sua salada grega.

Jordan não estava em sua melhor forma e tinha plena consciência disso. Em geral saía-se bastante bem em jantares assim. Gostava de entreter os convidados. Aquela noite, porém, não conseguia mostrar-se alegre e espirituoso como de costume, fatores essenciais para convencer as pessoas a comprarem suas idéias. Teria de contar apenas

com o produto, que, como sempre, era excelente: a franquia de uma bem-sucedida rede de sorveterias.

Na verdade, seu coração estava longe dali. Distraía-se com facilidade a cada vez que percebia o movimento de Debbie na cozinha, visível de seu lugar à cabeceira da mesa. Embora satisfeito com seu trabalho, ela o fazia lembrar-se de algo em que prometera não pensar, queria ter Eve a seu lado naquele momento.

De acordo com o combinado, ela dividiria com ele a tarefa de receber os convidados aquela noite. Chegara a lhe pedir que usasse o vestido preto que deixava os ombros à mostra, o mais sensual de todos em que a vira. Eve rira, mas concordara. E no entanto...

— Você não acha, Jordan?

Só então se deu conta de que divagava, alheio ao que acontecia a sua volta. Um problema que enfrentava com freqüência desde que Eve saíra por aquela porta.

— Perdoe-me, Melba — disse mais que depressa. — Pode repetir?

Melba, uma senhora adorável, atendeu-o sem se incomodar. A despeito de um desempenho que deixara muito a desejar, no final da noite ela e o marido fecharam o negócio. Uma franquia como da Chilly Lilly era exatamente o que procuravam. Jordan se comprometeu a preparar a documentação necessária já no dia seguinte, e a procurá-los assim que estivesse tudo pronto para ser assinado.

Quando os acompanhou até o carro, passava um pouco das dez horas. De volta ao interior da casa, encontrou Debbie em uma cozinha impecável, esperando-o para perguntar se preferia pagá-la de imediato ou acertar direto com a agência.

Jordan escolheu a primeira opção, acrescentando uma gorjeta generosa. A eficiente e impassível Debbie chegou a engolir em seco quando se deparou com o valor ao conferir o preenchimento do cheque. Mas se recompôs depressa, eliminando qualquer expressão do rosto enquanto agradecia.

Jordan achou graça no jeito de Debbie, fruto de um vestígio de humor que lhe restara. Provavelmente o achava louco. Um mês antes mandara dinheiro por ela não ter trabalhado. Agora lhe dava uma gratificação quase igual ao montante do preço que a agência cobrava por seus serviços.

Claro que dessa vez Eve não tinha nada a ver com isso. Queria apenas se divertir um pouco. O fato de saber que ela encontraria o valor da gorjeta na fatura e o chamaria de extravagante não fazia absolutamente a menor diferença.

Às dez e meia viu-se sozinho de novo. Tomou banho e foi para o quarto, esfregando uma toalha pelo cabelo molhado. Lembrou-se então que precisava telefonar para a avó e lhe dizer que o casamento fora cancelado. Não teria ninguém a acompanhá-lo na comemoração do Dia de Ação de Graças, na casa de Dora, sua tia-àvó.

Embora relutante, sentou-se na beirada da cama, nu, e consultou o relógio na cabeceira. Quase onze horas. Tarde demais para incomodar Alma com uma notícia que com certeza a decepcionaria bastante. Resolveria o problema no dia seguinte. Por hora, o melhor que fazia era esquecê-lo.

No entanto, seus olhos se voltaram para o telefone. Tentou desviá-los, apenas para se deparar, ao lado do aparelho, com o pequeno estojo de veludo em que tornara a guardar o anel de noivado de Eve. Não podia esquecer de devolvê-lo e as malditas alianças para o joalheiro, um dia desses.

O telefone tornou a lhe atrair a atenção e uma dúvida formou-se em sua mente. Será que Eve... já se deitara?

Deixando escapar um resmungo irritado, amontoou a toalha e atirou-a para um canto do quarto. Estava certo de que tomara a decisão mais acertada.

Quanto mais pensava no assunto, crescia sua convicção de que não fora feito para o casamento e a vida em família. Tudo não passara de uma grande e, enquanto durou, agradável ilusão.

Bastava perguntar às pessoas que o conheciam. Qualquer uma diria quais as duas grandes paixões de Jordan McSwain: fechar um negócio e se divertir a valer. Gostava de sair e festejar a noite inteira quando alguém comprava uma de suas franquias ou outro produto cuja distribuição estivesse sob sua responsabilidade.

Não tinha dúvidas de que em breve voltaria ao normal. Recuperaria o antigo entusiasmo de um solteirão convicto, aos trinta e cinco anos de idade, assim que se recuperasse do terremoto que Eve provocara em sua vida.

Aproximou-se da janela e olhou para fora. Dali de cima, via melhor

que da sala o local na praia em que a pedira em casamento e a ouvira dizer sim.

O vento forte daquela noite soprava o cabelo dourado e comprido de Eve sobre seu rosto. Lembrava-se que o empurrara de lado enquanto perguntava:

— Quer casar comigo?

— Oh, Jordan... — fora sua reação inicial, os lábios permanecendo entreabertos, o rosto tão terno e vulnerável.

— Por favor, responda.

— Claro que quero, meu amor.

Jordan amaldiçoou sua sorte do fundo do coração. De repente voltou-se e, a passos decididos, foi até o armário. Tirou um short da gaveta e vestiu-o. Desceu no exato momento em que os ponteiros do relógio se uniam para marcar a meia-noite e saiu para uma longa e solitária corrida na praia.

Na manhã do dia seguinte, acordou pensando em telefonar para a avó. Mais uma vez, porém, a hora não lhe pareceu apropriada.

Os presentes de casamento representavam outro problema a ser resolvido o quanto antes. Apenas naquele dia chegaram seis pelo correio. Alma tinha três irmãs e um irmão, e todos os seus filhos e netos não mediram esforços para lhe mandar alguma coisa, entusiasmados com a surpreendente decisão de Jordan de casar-se afinal. Reservara um quarto da casa só para acondicioná-los, ainda fechados. Não ansiava pelo momento de devolver, tudo aos respectivos remetentes.

O dia voou. Embora Alma não lhe saísse da cabeça, de repente eram onze da noite outra vez e ainda não lhe telefonara. Um horário impróprio para comunicar a uma mulher doente de oitenta e oito anos de idade que seu mais caro desejo não mais seria realizado.

Jordan assumiu o compromisso consigo mesmo de que o faria no dia seguinte. Sem falta.

Mas o dia seguinte era o tão esperado sábado em que, acompanhado de Eve e seus dois filhos, deveriam embarcar no avião para Tahoe, onde o casamento se realizaria em uma pequena capela na beira do mar.

Adiou o momento de pegar o telefone e discar o número da avó ao máximo. Mas às sete da noite, resolveu livrar-se daquele incômodo de uma vez por todas. Aliás, seria o melhor horário para ligar. Alma devia

estar lendo ou vendo televisão, relaxando um pouco antes de se deitar.

Jordan subiu para o quarto e, nervoso demais para se sentar na cama, telefonou afinal. Tinha o número gravado na memória do aparelho.

Uma profunda tristeza o invadiu enquanto esperava que a ligação se completasse. O estojo de veludo com o anel de Eve continuava no mesmo lugar, ao lado do telefone. Pegou-o e o revirava na mão quando atenderam:

— Alô?

O coração de Jordan se encheu de ternura e saudade ao reconhecer a voz de Alma. Embora trêmula, ainda era a mesma voz que o confortava na infância, que o mandava arrumar o quarto ou elogiava quando tirava boas notas na escola. Também fora ela quem lhe explicara os principais fatos da vida quando chegara o momento, pois seu avô sentira-se encabulado demais para se desincumbir dessa tarefa.

— Oi, vovó. Sou eu.

— Jordan! — Ela exclamou, exultante de alegria. — Mas que surpresa!

— A senhora está bem? Como vai essa bacia?

Meses atrás ela caíra e a quebrara. Na verdade, os vários problemas de saúde a impossibilitaram sequer de pensar em comparecer ao casamento do neto.

— Melhor a cada dia, embora continue precisando do andador.

— E o coração?

Alma tinha um defeito congênito que às vezes fazia diminuir perigosamente o ritmo das batidas.

— Jordan, podemos conversar sobre minha saúde em qualquer outra oportunidade. No momento estou interessada em outra coisa. Conte-me, como foi?

— Como foi o quê?

— Ora, Jordan. O casamento, claro! Você ficou muito nervoso? E Eve, está contente por ter se tornado a mais nova senhora McSwain da família?

— Bem, foi por isso que eu...

Mas sua voz falhou, obrigando-o a respirar fundo antes de continuar. Alma, porém, estranhando a hesitação, perguntou:

— Jordan, você está aí? Acho que a ligação não está muito boa.

— Sim, vovó, estou aqui. Eu ia dizer que...

Alma começava a ficar preocupada. Seu tom de voz mudara ao interromper seu silêncio:

— Você está bem, querido?

— Claro que sim. Estou ótimo.

— Aconteceu alguma coisa com Eve? Ou as crianças?

— Não, vovó. Estamos todos muito bem.

— Fico contente em saber. Não sei por quê, mas tive a impressão... De onde você está ligando?

— Do... hotel em Tahoe.

Mais uma vez titubeara. Alma, porém, encontrou uma explicação toda própria para seu comportamento incomum:

— Jordan McSwain, conte-me a verdade. Foi muita emoção para um dia só, acertei?

— Em cheio, vovó — disse ele, aliviado e ao mesmo tempo contente por ela não poder ver a mentira expressa em seu rosto.

— Ora, é natural que se sinta assim.

— Acho que a senhora tem razão.

— Quer dizer que correu tudo bem?

— Sim, tudo — Jordan respondeu, recusando-se a pensar em que essas palavras implicariam.

— Não sabe como fico feliz em saber — disse Alma, a voz embargada pela vontade de chorar. — Meus parabéns!

— Obrigado.

— Por favor — Alma pediu então -, chame Eve ao telefone um instante. Gostaria de cumprimentá-la também, e dizer o quanto estou contente por vocês.

Jordan gelou. Afinal chegara o momento de abrir a boca e dizer Eve não está aqui. Não nos casamos. E eu não estou falando de um hotel em Tahoe, mas do meu quarto, sozinho...

Porém Alma parecia tão satisfeita que não teve coragem de fazer uma coisa dessas. Iria dilacerar-lhe o coração.

— Ela... está dando banho em Lisa — mentiu outra vez.

— Oh, claro. — E Alma riu. — Na minha idade, a gente esquece

das constantes exigências dos pequeninos. Por favor, transmita a ela meu abraço. Mal posso esperar para vê-los na quarta-feira.

— Eu também vovó. Eu também.

— Ótimo. Dora anda exultante com os preparativos. Reservou o melhor quarto da casa para vocês, aquele com banheiro privativo. Tem insistido muito para que eu vá antes e passar toda a semana com ela. Acho que é exatamente o que vou fazer.

— Certo. Bem agora eu... vou ter de desligar.

— Ora, não devia ter deixado que eu tagarelasse desse jeito. Eu sei que você não pode passar a noite inteira no telefone.

— Não tem importância, vovó. Foi um prazer. Nos vemos na quarta-feira, então?

Seguiu-se um pequeno silêncio. Jordan achou que mais uma vez Alma percebia algo de estranho naquela história toda. Mas afinal ela respondeu:

— Isso, quarta-feira. Até lá, meu querido. Eu te amo demais. Meu único desejo é que todos vocês sejam muito felizes.

Depois de desligar, na tentativa de aliviar um pouco o peso na consciência, Jordan disse em voz alta:

— Eu também te amo, vovó. Por favor, me perdoe.

Deitou-se então na cama e fitou o teto. Que diabos acontecia com ele? Nunca fora homem de fugir das responsabilidades, por dolorosas que difíceis que fossem.

Sentia-se culpado por mentir tanto para a pessoa mais importante da sua vida. Além do mais, de nada servira. Pelo contrário, piorara sua situação. Agora o desgosto de Alma seria muito maior ao vê-lo chegar sozinho à casa de Dora.

Durante anos sua avó ansiara por ver o único neto casado com uma mulher que o amasse e o fizesse feliz. Descobrir que esse sonho não se realizara afinal seria como lhe dar uma punhalada pelas costas. Inclusive porque, devido à idade e à saúde debilitada, sabia melhor do que ninguém que não lhe restavam muitos anos de vida.

Ultimamente a maior parte dos negócios de Jordan concentravam-se no sul do estado, impedindo-o de visitar Alma mais que uma ou duas vezes por ano. Quando isso acontecia, porém, era sempre a mesma coisa: na hora de voltar para casa, atormentava-se imaginando que

talvez nunca mais tornasse a vê-la com vida.

Percebeu que continuava segurando o estojo de veludo. Abriu-o com o polegar. O brilhante cintilou diante de seus olhos. Tornou a fechar o estojo e enfiou-o no bolso da calça. Pretendia levá-lo para o porta-luvas do carro. Dessa forma, sua visão deixaria de incomodá-lo toda vez que entrava no quarto, e ficaria mais fácil devolvê-lo quando passasse perto do joalheiro.

Consultou o relógio de pulso: sete e meia. Uma longa e angustiante noite estendia-se a sua frente.

O vazio no estômago o ajudou a sair dessa passividade. Conhecia um ótimo restaurante em Malibu em que não teria problemas para encontrar uma mesa. Depois, talvez recorresse a um dos bares de Melrose, freqüentado por mulheres lindas. Ou a um pequeno porém aconchegante pub em Hollywood. O barman era um antigo conhecido e sabia ouvir como ninguém. Nas raras opiniões que emitia, nunca contrariava seu interlocutor.

Na verdade, pouco importava onde iria, desde que conseguisse se divertir um pouco e esquecer Eve Tanner. Assim sendo, pegou um casaco leve e desceu.

O maitre do restaurante em Malibu ficou encantado em vê-lo. Pediu que aguardasse um instante no bar, enquanto lhe preparava a melhor mesa da casa.

Entretido com seu drinque, Jordan demorou a notar que uma bela morena não parava de observá-lo. Quando lhe deu atenção, ela abriu um sorriso e convidou-o com os olhos a sentar-se a seu lado.

Uma oferta tentadora. Seria uma oportunidade para começar a apagar de sua lembrança o cabelo dourado e os olhos verdes de Eve.

Porém alguma coisa o impedia de levantar e se aproximar da moça. Nesse instante o maitre veio avisar que sua mesa estava pronta. Jordan simplesmente o acompanhou, não sem antes instruir o barman a que debitasse de sua conta a bebida da moça.

Comeu sem pressa, procurando se convencer de que estava sendo muito divertido. Depois do jantar passou pelo clube Century City mas não se demorou. Seguiu em frente até Hollywood. No pub, o barman seu conhecido estava de folga e seu substituto era falante e fazia perguntas demais.

Por volta da meia-noite, Jordan encontrara vários amigos e fora

convidado para duas festas. No entanto, sentia-se completamente entediado. O fato de que estragaria as comemorações do Dia de Ação de Graças de toda sua família quando descobrissem que continuava solteiro não lhe saía da cabeça.

Decidiu voltar para casa. Mas por um descuido qualquer errou o caminho e acabou em Lakewood, um bonito bairro de classe média, a vários quilômetros ao norte de Seal Beach. Eve morava ali.

À uma da manhã estacionou em frente à casa dela. Uma idéia absurda lhe ocorreu então. Porém não a descartou, nem esperou que amadurecesse. Em vez disso, saltou do carro, atravessou o caminho de pedras que serpenteavam pelo bonito jardim e tocou a campainha.

CAPÍTULO III

Rosie atendeu a porta e, ao reconhecê-lo, a surpresa que trazia estampada no rosto transformou-se em zanga por ter sido acordada tão tarde da noite.

— Ha, é você — disse apenas.

— Oi — Jordan cumprimentou-a, sorridente. Sempre admirou a sinceridade de Rosie. — eve está?

— Acho que sim.

— Gostaria de conversar com ela.

Rosie lhe deu as costas e resmungou:

— Eu vou chamar. Espere na sala. Você sabe onde fica...

Nesse instante, porém, ouviram a voz de Eve dos fundos da casa:

— Quem é, Rosie?

A amiga nem precisou responder, pois ela logo apareceu, o cabelo em desalinho, segurando o robe na altura do peito para mantê-lo bem fechado. Ainda tinha a expressão tranqüila que só os melhores sonhos sabem proporcionar.

— Oh! — exclamou ao reconhecê-lo.

Jordan enfiou as mãos dentro dos bolsos para impedi-las de ceder ao desejo quase incontrolável de tomá-la em seus braços. Um desejo mais que físico, visto que não se manifestara a noite toda, apesar das belas mulheres com que se deparara em sua peregrinação por bares e restaurantes.

Seu corpo e coração ansiavam por Eve. No entanto, seria impossível atendê-los.

Jordan esperou que Rosie se retirasse para então dizer:

— Sei que é tarde, mas gostaria de lhe pedir um favor.

— Claro — Eve respondeu, olhos arregalados e apreensivos. — Por favor, entre.

Esperou que ele se adiantasse para fechar a porta. Em seguida, tomou a dianteira e indicou-lhe o caminho, descendo os dois degraus que levavam à sala de estar.

— Sente-se — disse ela, indicando o sofá enquanto acendia um abajur.

Seus gestos rápidos denotavam o nervosismo que experimentava. Jamais imaginara vê-lo tão cedo.

— Obrigado — Jordan agradeceu, acomodando-se.

Eve encarapitou-se no braço da espreguiçadeira na frente dele, tendo a mesa de centro a separá-los. Porém seus olhares voltaram a se encontrar. Nunca o vira tão sério e formal. Incrível imaginar que havia tão pouco tempo ele se declarara apaixonado.

Por sua vez, Jordan percebeu o medo transparente no rosto de Eve. Mas não se demorou analisando-o. Mais uma Vez para conter os impulsos que insistiam em contestar os fatos, correu os olhos pela sala como se fosse a primeira vez que punha os pés ali. Afinal perguntou, mais para quebrar o silêncio pesado que por educação:

— Como vão Wesley e Lisa?

— Estão ótimos.

— Que bom. Fico contente em saber.

Deus, Eve pensou, sentindo um frio no estômago. Conversavam como pessoas que mal se conhecem, incapazes de ir além dos clichês desgastados.

— Quer beber alguma coisa? Talvez uma xícara de café, ou uma cerveja?

— Não, obrigado.

— Tem certeza? Não será trabalho algum.

— Tenho certeza.

— Está bem. — Arrumou o robe em cima do joelho. — Como você quiser.

A troca de amabilidades se esgotara. Calaram-se de novo, entregues aos próprios pensamentos.

Bastava olhá-lo, porém, para Eve sentir o antigo desejo invadi-la. Naquele instante, tudo que queria era poder aninhar-se a seu lado. E se Jordan a abraçasse, se lhe desse um longo beijo e se o ouvisse sussurrando as mesmas juras de amor com que costumava presenteá-la, seria capaz de prometer tudo que ele pedisse.

No entanto e para seu desalento, o ar de ansiedade que havia no rosto de Jordan quando o encontrara à porta dera lugar a uma expressão ainda mais dura e austera. Ele se armara emocionalmente, como a julgasse sua maior inimiga.

Qualquer que fosse o motivo daquela inesperada visita, com certeza ficaria muito aquém dos seus sonhos. Jordan não viera propor uma volta. Como também não se disporia a esperar o tempo que ela julgasse necessário para se casarem. Um abismo se abrira entre eles. E intransponível era a melhor palavra para qualificá-lo.

— Telefonei para Alma essa noite — Jordan começou afinal. Eve apenas assentiu com um gesto de cabeça, embora a afligisse pensar no que viria a seguir. Sabia da verdadeira adoração que ele tinha pela avó.

— Pretendia explicar o que aconteceu — ele continuou, em tom monótono e casual -, mas não consegui.

Eve, que baixara os olhos para as mãos descansando no colo, levantou a cabeça em um movimento brusco e encarou-o.

— Como assim?

— Isso mesmo que você ouviu. — Parecia impaciente agora. — Ela não me deu chance. Foi logo dizendo de sua alegria por saber que nos casáramos, perguntando como foi a cerimônia, dando-nos os parabéns. Não tive coragem. Ela está muito velha.

— Eu sei, mas...

Jordan prosseguiu, sem tomar conhecimento da interrupção:

— Além do que, sua saúde inspira cuidados. Como se já não bastasse aquele problema no coração, agora mal consegue andar, depois da queda que sofreu há alguns meses.

— Mas Jordan...

— Quer fazer o favor de me deixar terminar? — ele explodiu, bastante irritado.

— Desculpe.

Depois de um instante escolhendo a melhor forma de dizê-lo,

prosseguiu:

— Alma sempre sonhou em me ver casado, feliz. Uma ocasião ela comentou que gostaria de viver ao menos para conhecer os meus filhos. Por isso ela ficou tão contente quando eu comentei a seu respeito, principalmente quando eu disse que você tinha duas crianças...

— Eu entendo.

Com um olhar de puro ceticismo, Jordan perguntou:

— Entende mesmo?

Eve interpretou o comentário como uma insinuação de que uma mulher que agia de modo tão leviano com relação às próprias promessas dificilmente conseguiria compreender os sentimentos da querida avó de Jordan.

— Entendo sim — insistiu, firme. — Eu sinto muito. Mesmo assim, ainda...

Mas ele se levantou tão de repente que a fez perder a linha do raciocínio e encolher-se no braço da espreguiçadeira.

— Prove — Jordan desafiou-a.

— Como?

— Prove que sente muito me ajudando a sair dessa enrascada.

Assustada, Eve balbuciou:

— O-onde você quer chegar?

— Vai me ajudar ou não?

— Claro que ajudo, se puder. O que você quer que eu faça?

Ele não lhe disse de imediato. Apenas a encarou, perfurando-a com os olhos. Eve não podia recuar ainda mais. Atingira seu limite. Mesmo porque não tinha nada a perder. Segundo o próprio Jordan, o relacionamento deles deixou de existir no instante em que desistira do casamento.

Sendo assim, acomodou-se melhor, passando para o assento da espreguiçadeira. Entrelaçou os dedos no colo, as costas eretas em uma atitude altiva, e sustentou seu olhar. Na sala semi-escura,. por um momento imaginou vislumbrar nos olhos dele um resto de desejo. Porém creditou-o simplesmente a mais uma peça que lhe pregava a imaginação.

Não podia estar mais enganada. Jordan tinha a impressão de que o sangue lhe fervia nas veias. Pior ainda quando olhou para os lábios de

Eve, admirou-lhe a curva do pescoço e desceu para o pequeno V de pele rosada que o decole do robe deixava entrever.

Eve sentiu um calor brotar de dentro de si, intumescer-lhe os bicos dos seios e corar seu rosto. Isso a fez lembrar que, cerca de dez ou quinze dias antes, estava deitada no sofá, a cabeça apoiada no colo de Jordan. Falavam sobre... nem sabia ao certo qual o tema da conversa, mas devia ser sobre música. De qualquer forma, os afagos que ele fazia em seu braço foram aos poucos se deslocando para seus seios. Que agora doíam, ansiosos pelo contato daquelas mãos fortes porém tão carinhosas.

Sabia que duas pequenas protuberâncias desenhavam-se sobre o tecido do robe. O local exato para onde se dirigia o olhar de Jordan naquele momento.

Ele resmungou baixinho, deu-lhe as costas e foi para o outro lado da sala.

Eve respirou fundo, aliviada, e aproveitou para cruzar os braços sobre o peito. Precisava manter distantes quaisquer pensamentos relacionados com tudo que um dia compartilharam. Do contrário, acabaria mais confusa do que já estava.

Estabelecida uma distância maior, ainda que só se consideraria seguro a quilômetros de distância daquela mulher, Jordan virou-se e retomou o ataque:

— Você precisa ver a quantidade de presentes que temos recebido da minha família. Não estão medindo esforços para nos agradar. Será terrível quando receberem tudo de volta.

Suas palavras fizeram a frustração de Eve crescer. Aquele tipo de conversa não os levaria a parte alguma.

— Ou seja — interrompeu-o mais uma vez -, quer que eu telefone para eles me desculparem? Quer que ligue para sua avó e explique o que houve?

— Não. — Jordan retrucou, sombrio.

— Então fale de uma vez.

— Quero que você, Wesley e Lisa vão comigo para Malachite Junction. Quero que seja minha esposa. Por cinco dias, de quarta-feira até o sábado.

Eve olhou fixo para ele. Só podia ser brincadeira. Porém desencartou logo essa possibilidade, dadas as circunstâncias. Quando

abriu a boca, deixou escapar um gemido de perplexidade antes de dizer

— Creio que não ouvi direito.

— Ouviu sim.

— Vamos fingir que somos casados durante a reunião para o Dia de Ação de Graças?

Em resposta, viu-o fazendo que sim com a cabeça.

— Isso é... uma loucura! — Eve exclamou, atordoada.

— Eu sei — disse ele. — Mas não aceito a idéia de decepcionar Alma. Recuso-me a impedir que ela veja realizado esse sonho antes de morrer.

— M-mas Jordan — ela gaguejou, — você vai... enganá-la?

— Não vejo por esse ângulo. É uma forma de garantir que a festa de Dora seja um sucesso. Todo mundo ficará feliz com a nossa presença, principalmente das crianças.

— Mas estaremos vivendo uma mentira!

— Por uma boa causa. — Ele tinha resposta para tudo. — Pelo menos não vou estragar a maior reunião da família em vinte anos.

— Você mencionou as crianças. Pensou na confusão que pode criar para a cabecinha delas?

Jordan se preparara para essa pergunta:

— Wesley tem apenas quatro anos, e Lisa ainda não completou dois. Nem se darão conta do que estiver acontecendo. Pelo contrário, vão se divertir um bocado. Haverá outras crianças da idade deles com quem poderão brincar.

Eve encarou-o, o coração cheio de mágoa. Como ele tinha coragem de lhe pedir uma coisa dessas? Que vivesse um fim de semana prolongado como se fosse esposa do homem que amava, para então, quando voltassem, se isolarem um do outro, talvez para sempre? Era doloroso demais, cruel demais.

Angustiado com seu silêncio, Jordan insistiu:

— Confie em mim, vai dar tudo certo.

Eve tinha vontade de chorar. A voz muito baixa, arrancada do peito, resolveu perguntar:

— E quanto a... nós dois?

— Não se preocupe — disse Jordan, como se ela tocasse em um

ponto sem a menor importância. — Isso não mudará nada a decisão que você tomou.

— Mas eu...

Porém ele a obrigou a calar-se com um aceno de mão.

— Olhe. Pensei muito desde aquela noite. E concluí que você está certa. Sempre vivi sozinho e estou habituado. Sou louco pelas crianças, mas não sei como me sairia quando surgissem os problemas.

— Problemas? — ela murmurou.

— Sim, os problemas que sobrevêm a toda família. Entre marido e mulher e com os filhos, à medida que crescem.

Eve inclinou-se para a frente.

— Está se subestimando.

— Eu me conheço.

Desesperada, ela ainda encontrou forças para tentar discutir:

— Continuo achando que está enganado. De qualquer forma, sabe muito bem chegamos aonde chegamos graças a você, não a mim. A decisão de romper foi sua. Eu só queria aprofundar um pouco mais nossa relação. No entanto, você me veio com um ultimato. Eu... juro como não foi essa minha intenção.

Pelo ar espantado com que Jordan a olhava, percebeu que falara freneticamente. Procurando recuperar o auto-controle, continuou, impondo-se um tom de voz mais serena.

— Ainda estou disposta a tentar... se você quiser.

Mas Jordan já se cansara daquilo.

— Não tem mais volta. Quem quer que seja o responsável, como eu disse, creio que chegamos à decisão mais acertada.

— Mas...

— Estou falando sério. Acabou.

Eve olhou fixo para ele, mordendo o lábio para evitar que irrompesse em um choro inútil. Rosie a acusara de fugir do primeiro problema que enfrentavam. Pois bem. Agora que o enfrentara, recebia outra punhalada. De nada adiantara.

De repente Jordan fez um gesto de enfado com as mãos e disse:

— Maldição, deixe pra lá. Você tem razão.

— Como? — perguntou ela, engasgando. — A que você se

refere?

— Foi uma idéia maluca. — Voltou-se e, atirando as palavras por cima dos ombros, caminhou em direção à porta. — Sinto muito se a acordei por causa de uma bobagem.

— Espere! — ela gritou, pondo-se em pé de um salto. Jordan estacou no meio do hall de entrada e virou-se para encará-la. Eve seria capaz de jurar que viu um bruxuleio de esperança naqueles olhos negros. Nesse momento, descobriu, maravilhada, que no fundo do coração, Jordan esperava que ela o detivesse.

No entanto, seu tom de voz continuava ríspido:

— O que é?

As palavras de Rosie ecoaram na memória de Eve. Você nunca foi uma pessoa que desiste fácil. Por que permitiu que ele a intimidasse? Disse que precisava sentir que ambos dispunham de espaços iguais dentro do relacionamento. No entanto, agora que surgiu uma oportunidade de colocar essa vontade em prática, você recua!

Jordan se recusava a conversar sobre o assunto... A única saída seria obrigá-lo a passarem mais tempo juntos. Algo impossível, a menos que...

A menos que aceitasse o desafio e enfrentasse sua relutância no único terreno que o próprio Jordan se dispusera a compartilhar com ela: a casa de Dora, sua tia-avó, na comemoração do Dia de Ação de Graças.

— E então? — ele insistiu.

O que tinha a perder? Seria uma última batalha antes de se dar por vencida. Talvez conseguisse convencê-lo a lhe dar o tempo que pedira. Além do mais, conhecer a família de um homem significava conhecê-lo melhor. Não era isso que queria, desde o início?

— Eu aceito!

Jordan sentiu um frio na espinha. Por que ela resolvera fazer aquela brincadeira de mau gosto, repetindo o que disse na praia quando fora pedida em casamento?

— Escute aqui...

— Aceito passar por sua esposa durante o fim de semana prolongado — interrompeu-o Eve, com medo de que ele tivesse desistido da idéia.

Conseguiu deixá-lo completamente confuso ao constatar que a interpretara mal. Jordan teve de engolir a raiva. Mesmo assim, conseguiu perguntar:

— Por que essa mudança repentina? Não disse que era loucura?

Eve pensou em lhe dizer a verdade: porque te amo, e essa é minha única oportunidade de demonstrar o quanto. Porém a reação de Jordan a cada tentativa sua de lhe falar com sinceridade a fez pensar melhor e rejeitar essa alternativa. Sendo assim, mentiu:

— É o mínimo que posso fazer, depois de desistir do casamento.

Ele parecia desconfiado.

— Não sei. Agora quem está inseguro sou eu. Como ter certeza de que desta vez você não vai recuar?

Sem permitir que a mágoa transparecesse em sua voz, Eve respondeu com toda calma:

— Talvez não adiante muito, mas o máximo que posso fazer é lhe dar minha palavra. Agora, se não acredita em mim... Nesse caso, é melhor esquecer e encontrar uma maneira menos brusca de comunicar a sua família que continua solteiro.

Jordan não se decidiu de imediato. Observou-a apenas, para afinal dizer:

— Está bem.

Só então Eve percebeu que prendera a respiração, temendo ser rejeitada de novo.

— De quarta-feira até sábado — ele prosseguiu -, seremos dois felizes recém-casados.

— Combinado.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Tome.

Por reflexo, ela estendeu as mãos para apanhar em pleno vôo o estojo contendo o anel de brilhantes que Jordan atirou em sua direção. Baixou os olhos para ele porém não ousou abri-lo.

Sentia-se como se uma mão cruel lhe apertasse o coração. Lembrou daquela noite na praia em que ele ternamente escorregara o anel por seu dedo e em seguida lhe plantara um beijo na palma da mão. E pensar que tanto carinho se transformara em mera encenação, e o anel que selava uma união eterna, um adereço para melhor compor sua

personagem!

As lágrimas teimavam em retomar aos seus olhos. Eve relutou e conseguiu detê-las. Chegara a hora de esquecer o passado e olhar sempre à frente. Se quisesse reconquistar Jordan, teria de aproveitar a única oportunidade que ele lhe dava para um dia se transformar de impostora em esposa de verdade.

Rapidamente recompôs a expressão do rosto. Quando ergueu a cabeça, tinha nos lábios um sorriso meigo para lhe endereçar.

— Obrigada.

Por um minuto Jordan não disse palavra. Apenas a observou a distância.

Talvez também a ele ocorresse as lembranças da noite em que a pedira em casamento. Eve esperava que sim. Seriam suas aliadas, bem como tudo que compartilharam naquele mês de relacionamento intenso.

Pensando assim, encheu-se de coragem e abriu o estojo. Tirou o anel, enfiou-o no dedo e disse:

— Pronto. — Guardando o estojo no bolso do robe, esticou o braço para melhor admirar o brilho da pedra e continuou, alegre: — É lindo, Jordan. Sabe que meu dedo estava sentindo falta?

Calou-se então, aguardando que dissesse alguma coisa. Os olhos negros que a fitavam eram frios e duros. Mas não se deixaria intimidar, nem que ele a repreendesse pela brincadeira com o anel.

Jordan, porém, limitou-se a discorrer sobre os preparativos para a viagem:

— Ligarei para a agência de turismo pela manhã. Voaremos até Tahoe, onde alugaremos um carro. Partiremos na quarta-feira bem cedo, por isso, é melhor que esteja tudo preparado. Rosie cuidará das coisas por aqui?

— Sim, como havíamos planejado. Ela sabe administrar os negócios, e tenho certeza de que não se importará.

— Ótimo. Telefonarei para informá-la dos detalhes assim que tiver tudo arranjado.

— Está bem.

— Boa noite, então — disse ele, voltando-se para a porta. Jordan tornara a assumir o comando. Mas Eve resolvera que tiraria o máximo de proveito de cada chance que tivesse. Naquele instante, por exemplo,

gostaria de brindá-lo com um gesto espontâneo. Para provar o que dissera a respeito de se tratarem. como iguais, em vez de se submeter sempre às coordenadas que ele traçava.

— Jordan — chamou então, obrigando-o a se deter uma vez mais.

— O que é? — ele perguntou, irritado.

— Pode esperar um minutinho? Tenho um presente para lhe dar.

— Como? — Parecia desconfiado e ansioso para ir embora.

— Por favor — Eve insistiu, já se afastando em direção a seu quarto. — Só um minutinho.

— Está bem.

— Obrigada — disse ela, e sorriu.

Conseguiu o que pretendia. A nítida impaciência de Jordan com certeza se explicava pelo fato de ele se ver diante de uma situação sobre a qual não detinha o controle absoluto.

No quarto, abriu a gaveta da cômoda em que guardava a roupa íntima de seda, em meio a sachês perfumados. Pegou a caixinha que deixara ali dentro, abriu-a, tirou o que ela continha e colocou-a no mesmo lugar. Em seguida fechou a gaveta e voltou correndo para o hall.

Enquanto isso, Jordan esperava sem se mover um passo. Que diabo ela estava aprontando, era o que tentava imaginar. Eve ficaria feliz em saber que tinha razão: sua atitude repentina realmente o abalara.

De repente ela ressurgiu. Não demorou mais que um minuto, como prometera. Trazia um sorriso maroto nos lábios enquanto se aproximava.

— Por favor, me dê sua mão — Eve pediu.

Deus do céu, tão perto assim, Jordan podia sentir aquele cheiro que só ela exalava, como de flores e névoa da manhã, que o deixava fora de si desde a noite em que se conheceram.

Vacilante, estendeu a mão direita.

— Não, a outra — corrigiu Eve, sorrindo sempre.

Jordan sentia-se um perfeito tolo. Como um animal doméstico, treinado para satisfazer as vontades do dono. Mesmo assim, obedeceu.

— O que você pretende fazer? — perguntou.

— Me divertir um pouco, só isso. Prometo que não vai doer nada.

Eve segurou seu dedo anular a enfiou um anel. Então, sem lhe dar

tempo para reagir, virou sua mão com a palma para cima e lhe deu um beijo terno.

— Pronto! — disse afinal, alegremente.

Jordan não conseguia se mexer. Sentia a mão arder onde ela o tocara, como se deixasse uma marca indelével. Como um colegial incapaz de refrear os próprios instintos, percebeu que alguma coisa crescia dentro da calça.

— Combina com o meu — explicou Eve, encarando-o com um brilho intenso nos olhos verdes. — Ia ser uma surpresa para o dia do nosso casamento.

Jordan arrependeu-se de ter permitido que ela fosse até o fim. Aquilo não fazia parte do acordo, em absoluto. Precisavam agir como recém-casados apenas diante de sua família. Não via sentido em começar a encenação agora, quando estavam sozinhos.

Conseguiu dizer afinal:

— Não é necessário.

— Oh, mas todos ficarão encantados com o detalhe — Eve retrucou. — Direi que procurei o joalheiro sem que você soubesse de nada e encomendei o anel, exigindo que o aprontasse antes de viajarmos para Tahoe.

— Foi isso mesmo que aconteceu?

— Claro.

— Devia devolvê-lo. — Sua voz soou áspera demais.

— Creio que não. Veio bem a calhar agora.

Que diabo ela pretendia? De repente mostrava-se tão alegre, sendo que havia alguns minutos estava toda nervosa e confusa. Jordan não sabia ao certo o que pensar de tudo isso, porém lhe parecia muito estranha uma mudança tão súbita e radical.

De qualquer forma, concluiu que enchê-la de perguntas só lhe traria mais problemas. Que importância tinha o fato de ela lhe dar um anel? Nenhuma, agora que a promessa de se unirem em casamento para a vida inteira fora quebrada.

O contato daqueles lábios macios contra a palma de sua mão fora muito mais significativo. Despertara dentro dele o desejo de puxá-la contra seu corpo, de escorregar os dedos debaixo do robe e tocar os doces e suaves segredos que escondia.

Mas que diabos! Era um homem adulto, crescido o suficiente para controlar a própria luxúria. A partir daquele instante, entre eles só haveria um trato, mais nada. Dentro de pouco mais de uma semana estaria tudo acabado.

Retirou a mão que Eve ainda segurava. Ela a deixou ir sem oferecer resistência.

A voz embargada pelo desejo que se determinara a negar, Jordan comentou:

— Você está certa. Acho que esse anel causará boa impressão.

— Que bom que concordamos — Eve respondeu, alargando o sorriso para constrangê-lo ainda mais.

— Telefono para você no máximo segunda-feira à noite, com todos os detalhes.

— Está bem. Boa noite.

— Boa noite..

Jordan então voltou-se rapidamente e partiu.

CAPÍTULO IV

Do banco traseiro do carro alugado, Wesley reclamou:

— A que horas vamos chegar? Estou cansado de ficar aqui dentro.

Jordan olhou-o pelo espelho retrovisor e respondeu:

— Dentro de quinze, vinte minutos no máximo, Wes.

— Tem certeza? Estou morrendo de fome.

Jordan ia dizer mais alguma coisa porém Eve o impediu tocando-o no braço. Ele se retesou um pouco, mas aceitou sua recomendação e deixou-a resolver o problema.

Eve virou-se no banco para encarar o filho.

— Se está cansado, durma um pouco.

Wesley fez beiço.

— Mas ele disse que só faltam quinze minutos. Isso é pouco, não é?

— Sim, é pouco. Portanto, fique quieto.

O efeito foi imediato: Wesley fez beiço e virou o rosto para o lado.

Eve suspirou. Desde que Jordan os pegara em casa, o menino vinha agindo como se a palavra "pirracento" tivesse sido cunhada

pensando nele. Reclamar do curto trajeto entre o aeroporto de Tahoe até a casa da tia-avó de Jordan era apenas mais um exemplo disso.

Observando o filho amuado, teve vontade de ralhar com ele. Mas desistiu da idéia. A mãe sábia conhece o melhor momento para se impor. Ao menos por enquanto, não estava certa do que acontecia com Wesley. Esperava que fosse apenas o cansaço da viagem.

Não lhe faltavam problemas de que se ocupar. Tentava imaginar em que Jordan pensava, mas seus olhos frios negavam-se a lhe dar qualquer pista. Além disso, mais alguns minutos e estariam frente a frente com toda a família dele. Estremecendo ante a lembrança do fim de semana prolongado que se avizinhava, Eve voltou-se para a frente.

A estrada serpeava entre árvores de copas altas e circundava um bonito lago azul. Ao longe erguiam-se montanhas íngremes salpicadas de branco, reminíscência de uma tempestade recente. Quase cinco horas da tarde. A noite não tardaria a cair. De repente, ao lado de Wesley, Lisa gritou:

— Olha o cavalinho!

De fato, acabavam de passar por uma carroça transportando troncos de árvores recém-cortadas.

Porém o que de fato chamou a atenção de Eve foi o leve sorriso que viu nos lábios de Jordan. Notando que era observado, ele virou-se para encará-la... e seu sorriso não desapareceu. Foi como se uma nuvem negra de preocupação se desmanchasse como que por encanto e o sol tornasse a brilhar, enchendo-a de calor. Desde a noite em que concordaram em representar aquela farsa, Jordan lhe telefonou apenas para dizer a que horas os apanharia. Durante a rápida conversa, ele se mostrou reservado e falou em tom de quem trata de um negócio. Quanto a Eve, ansiava por estar ao lado dele, ao mesmo tempo imaginando-se maluca por concordar com uma idéia tão absurda.

Mas à medida que se aproximavam da casa de Dora, tia-avó de Jordan, a atitude dele mudava. Mostrava-se mais calmo e cordial. Nada que se comparasse aos carinhos apaixonados a que Eve se acostumara. Porém bastava para diminuir sua insegurança, a ponto de lhe renovar a determinação de aproveitar ao máximo aqueles dias.

Passaram por uma placa em que se lia:

MALACHITEJUNCTION, CALIFÓRNIA

População: 2.406

Seja bem-vindo!

Divirta-se durante sua estadia conosco!

— Estamos chegando? — Wesley adivinhou, choramingando.

— Sim, querido — Eve respondeu, trocando um olhar com Jordan mais uma vez.

Deixaram a estrada e enveredaram pela rua principal da cidade. Os estabelecimentos comerciais funcionavam em prédios antigos, de tijolos ou tábuas desgastados pelas intempéries, porém todos em excelente estado de conservação. Velhos lampiões de ferro batido haviam sido aproveitados e iluminavam as calçadas com luz elétrica.

Algumas quadras à frente, Jordan dobrou a esquina e entraram na zona residencial. Casas grandes, afastadas da rua, a maioria cercada por amplos gramados e árvores frondosas.

Em questão de minutos chegavam à rua chamada Autumn Lane. Jordan estacionou no meio-fio diante de um casarão estilo vitoriano, pintado de amarelo-claro, quase branco. Um castanheiro gigantesco dominava o gramado. A entrada para automóveis, que descia em curva da lateral da casa até a rua, estava cheia de carros estacionados em fila.

O coração de Eve acelerou enquanto ela perguntava:

— É essa casa de Dora?

— Exato — disse Jordan, com um sorriso confiante, como se quisesse lhe desejar boa sorte.

Em seguida voltou-se para a casa e enquanto se soltava do cinto de segurança, avisou:

— Aí vem eles. Melhor descermos para abraçá-los, antes que nos arranquem daqui de dentro.

Eve olhou para a casa e imediatamente compreendeu o que ele quis dizer. Todos os cerca de quarenta membros da família, entre os que ainda moravam em Malachite Junction e aqueles que para lá se dirigiram por causa da comemoração especial do Dia de Ação de Graças, saíam para a varanda e desciam o gramado para recebê-los.

No banco traseiro, Wesley, pela primeira vez naquele dia, Wesley seguiu a orientação de Jordan e abriu a porta do carro, depois de se livrar do cinto de segurança. Eve fez o mesmo. O ar gelado do outono provocou-lhe arrepios na pele. E apesar de suas apreensões, armou-se de um amplo sorriso.

Jordan já dera a volta no carro e tirava Lisa da cadeirinha especial presa ao encosto do banco traseiro. Wesley, em pé sobre a calçada, olhava fixo para aquelas pessoas que vinham em sua direção como quem testemunha a invasão do planeta por seres extraterrestres.

— Uau! — exclamou de repente. — Quanta gente!

Parecia ter esquecido o mau-humor dentro do carro.

— Jordan! — chamou uma senhora gorducha, de cabelo grisalho, que liderava o bando. — Finalmente!

— Tia Dora! — ele saudou, segurando Lisa nos braços.

Os braços roliços de Dora circundaram Jordan e Lisa juntos. Eve ouviu a gargalhada da filha, enquanto os demais parentes inundavam a calçada e os cercavam. Um senhor de idade segurou-a pela mão e perguntou:

— Fizeram boa viagem? Gostou da estadia de South Shore?

— Oh, muito. Foi ótimo...

O homem continuou:

— Sou Ernest, o irmão caçula de Alma. É fácil guardar os nomes: Alma, Blanche, Camilla, Dora e Ernest. Felizmente mamãe cansou de ter filhos antes de chegar à letra Z.

Eve deu risada.

— Obrigada pela dica.

Uma mulher bonita, de olhos verdes amendoados e cabelo curto, castanho e brilhante, também se apresentou:

— Sou Nancy, esposa de Matt. E esta é Phyllis, a mais jovem de toda a família.

Sorriu e baixou os olhos para o bebê que trazia nos braços. A pequena Phyllis deu um alegre "Guu".

— Que gracinha!

— E aquele é meu filho Kendrick — disse Nancy. — Parece que ele e Wesley já estão se entendendo.

Eve não estranhou que soubessem o nome de seu filho. Admirou-se mais por vê-lo conversando animadamente com um garoto de cabelo preto, mais ou menos da mesma idade. Satisfeita, concluiu que, com um companheiro de folguedos, Wesley não teria tempo para manhas.

Pretendia comentar com Nancy a esse respeito. Mas não lhe deram oportunidade. Todos faziam questão de plantar-lhe um beijo no

rosto e cumprimentá-la.

— Oi. Sou Lori, e este aqui é Russ, meu marido.

— Meu nome é Dove. Sou neta de Camilla

— Muito prazer. Meu nome é Dean, e esta é minha esposa, Aggie.

— Olá. Evelyn, filha de Alicia...

— Jim Davis, marido de Denise...

Em determinado momento, Eve decidiu que seria bobagem tentar acompanhá-los ou associar rostos a nomes. Por isso, apenas sorria e repetia "Olá" sem parar.

Afinal, quando o tumulto se acalmou um pouco, Jordan perguntou por Alma.

— Ela está aqui — Dora respondeu. — Mas achamos que seria mais fácil para ela que os esperasse lá dentro.

— Tem certeza de que ela obedeceu? — comentou Jordan, olhando por cima da cabeça dos seus parentes, na direção da casa.

Eve acompanhou seu olhar. Uma senhora de cabelo grisalho e vestido azul de colarinho alto estava em pé na varanda, o corpo inclinado sobre um andador de metal. Seus lábios se abriram em um amplo e meigo sorriso ao perceber que a observavam.

— Vovó! — Jordan gritou.

Ela ergueu uma das mãos e acenou com vivacidade. Dora, que se apossara de Lisa e a segurava contra seus seios fartos, resmungou:

— Eu disse para ela não sair. Meu Deus, e ainda por cima, nem colocou um agasalho. Parece que está procurando a morte.

— Dory — disse Blanche, a outra irmã -, você sabe que não adianta falar. Ninguém é mais teimoso que Alma quando mete uma coisa na cabeça.

— Mas ela devia tomar mais cuidado. Você ouviu o que o médico disse...

Jordan, no entanto, parecia não ouvir a conversa das tias. Tomando a mão de Eve, disse convidou-a bem alto:

— Venha, querida. Quero que você conheça minha avó.

Eve engoliu em seco ante o calor daquele toque e o carinho de suas palavras. Sentia falta de ouvi-lo dirigir-se a ela de maneira tão meiga.

Por um rápido segundo seus olhares se cruzaram. Jordan dava a impressão de que representava apenas. Eve não se deixou abalar. Teria um longo final de semana para despertar outra vez a paixão que sabia estar apenas adormecida dentro do peito daquele homem a quem tanto amava.

Assim sendo, como uma boa esposa, permitiu que a conduzisse. Quando se aproximavam dos largos degraus de pedra da varanda, porém, soltou sua mão e passou o braço ao redor da cintura dele. Jordan hesitou por uma fração de segundo mas acabou imitando o gesto. Para toda a família que os seguia desde a calçada, com toda certeza, pareciam dois recém-casados apaixonados.

Jordan só a soltou ao chegar junto da avó. Ela soltou do andador para abraçá-lo forte e sem pressa, como se quisesse matar de uma só vez a saudade que a grande distância lhes impunha.

— Vovó — disse ele, emocionado. — É tão bom ver a senhora.

— Oh, meu querido. Que bom que você está aqui. Não sabe como isso me deixa feliz.

Afinal voltou os olhos negros e úmidos pelas lágrimas para Eve.

— Olá, senhora Jordan McSwain — brincou, com um sorriso gentil.

Tentou aproximar-se, vacilante. Porém Eve adiantou-se antes, para também receber um abraço caloroso.

Minutos depois, no hall de entrada, Eve admirava o interior da casa quando viu passarem suas malas, rumo ao andar superior, carregadas por dois rapazes de cuja identidade não fazia nem a mais vaga idéia. Pela idade, deviam ser netos de algum dos irmãos de Alma.

Observava as portas entalhadas, as paredes pintadas de amarelo-claro e, principalmente, o ar alegre e luminoso daquele lugar, quando Dora surgiu do nada e comentou, parecendo ler seus pensamentos:

— Gosto de uma casa bem arejada. Pus abaixo algumas paredes há alguns anos para torná-la mais ampla.

Eve sorriu, pensando que a constituição física de Dora lhe permitiria derrubar paredes com as próprias mãos se necessário.

— Vou lhe mostrar o quarto que reservei para vocês — disse Dora, subindo a escada e acenando para que Eve a acompanhasse. Vendo-a indecisa, porém, acrescentou: — Não se preocupe com as crianças. Carla e Nancy cuidarão delas.

Eve tentou lembrar quem eram enquanto a seguia.

— Quanto a Jordan — completou Dora, zombando -, tenho certeza de que sobreviverá cinco minutos sem tê-la por perto.

Falante, mal chegaram ao topo da escada, Dora se pôs a explicar:

— Coloquei vocês no quarto cinza. É uma suíte. Também já fui recém-casada, sei o quanto a gente adora a privacidade nessa fase da vida. Por aqui.

Atravessaram o corredor até Dora parar diante de uma porta, que abriu e indicou para Eve que tomasse a dianteira.

Eve entrou em um quarto amplo, com paredes pintadas de cinza claro e uma grande janela que se abria para a frente da casa, para o belo castanheiro, o gramado verdejante e a rua tranqüila.

— Meus netos trouxeram a bagagem, como pedi — comentou Dora, reparando nas malas dispostas lado a lado em cima do tapete. — São mesmo uns amores. Veja. Colocaram sua frasqueira em cima da penteadeira.

Eve mal a ouvia. Olhava fixo para a cama de casal, a única que havia ali dentro.

Claro que a recém-casados ninguém pensaria em reservar um quarto com camas separadas. Um problema que nem lhe passara pela cabeça. Tampouco Jordan se lembrara de planejar como se arranjariam na hora de dormir.

Engoliu em seco, pensando nos momentos de intimidade que viveram juntos, em que as mãos de Jordan lhe percorriam afoitas o corpo inteiro e seus lábios se uniam em um beijo recheado de paixão e desejo. Aquela encenação toda lhe traria de volta essa magia? Será que atingiria seu propósito de reconquistá-lo e conhecê-lo melhor? Teriam a chance de aprenderem a se abrir completamente um para o outro, sem que implicasse no risco de nova separação?

Meu Deus, que assim seja, Eve pediu em silêncio. Oh, que assim seja...

— Eve, querida? — Dora chamou, observando-a com a testa franzida em sinal de perplexidade. — Você não gostou do quarto?

— Não, pelo contrário — ela apressou-se a responder, outra vez alerta, preocupada em não deixar transparecer sentimentos que os traíssem. — Achei perfeito. Ficaremos muito bem acomodados, tenho certeza.

As rugas no rosto de Dora desapareceram no mesmo instante.

— Ótimo — disse ela. — As crianças ficarão logo em frente, do outro lado do corredor. Se me mostrar quais são as malas deles, podemos levá-las para lá.

— São essas duas. — Eve pegou as valises das crianças, uma em cada mão. Dora apanhou a sacola de fraldas, que Lisa ainda usava para dormir. — Mostre-me o caminho.

O quarto era menor, as paredes forradas de papel com motivos de pequeninas rosas, bastante alegres. A janela dava para o pátio dos fundos e havia duas camas de solteiro. Deixando as malas sobre o tapete ornado com borlas, Eve elogiou a decoração e disse que seus filhos iriam adorar.

Voltaram para baixo. Dora levou-a para um terraço grande que mandara fechar com paredes de vidro e se projetava da cozinha.

— Este é o nosso solário — disse Dora.

Peito das janelas havia cadeiras e sofás, enquanto que uma mesa comprida ocupava o centro. A família estava quase toda ali, inclusive Jordan. Sentados, em pé, conversavam, riam e brincavam, formando um animado burburinho.

Na cozinha, Niles, marido de Dora, preparava o jantar assistido por Carla e Nancy. Eve sentiu o cheiro apetitoso de carne grelhada e batatas assadas.

— Nesse ponto, ele sempre foi melhor que eu — explicou Dora, orgulhosa. — Mesmo assim, vou ver se posso lhe dar uma mãozinha.

Sozinha, Eve correu os olhos pela sala. Logo encontrou Lisa no colo de Alma, sentada em uma poltrona próxima a uma das muitas janelas que emolduravam o ambiente. Ao vê-la se aproximar, Alma sorriu e disse:

— Wesley foi para o quintal com Kendrick e Billy, o menino de Loris. Espero que não se importe.

— Claro que não.

Notou que Lisa admirava o rosto da velha senhora, encantada, com seus grandes olhos azuis.

— Vovozinha — chamou a menina, exigindo sua atenção.

— Sim, minha querida — disse Alma, alisando seu rostinho macio.

Eve observava a cena. Embora a filha fosse uma criança alegre,

receptiva, nunca a vira apegar-se a ninguém tão depressa. Afinal, chegaram àquela casa havia menos de uma hora!

Uma nova preocupação começou a se formar no coração de Eve. Concordara quando Jordan disse que seus filhos eram pequenos demais para serem afetados pela peça que resolveram pregar em toda a família dele. No entanto, Wesley agira de uma maneira incomum durante a viagem. E agora Lisa se derretia por Alma, sendo que talvez nunca mais tornasse a vê-la depois daquele fim de semana.

— Não é emocionante?

Eve voltou-se e forçou um sorriso para Camilla, a terceira irmã de Alma.

— Refere-se a minha filha?

— Sim. Alma não via a hora de vocês chegarem. Na verdade, é como se um antigo sonho dela se tornasse realidade. Ela e o marido... Você sabia que Jordan tem o mesmo nome do avô?

— Sim — Eve respondeu, balançando a cabeça. — Ele mencionou o fato.

— Pois bem. Alma e Jordan só tiveram um filho, Zachary. Ela sempre quis ter a casa cheia de crianças correndo para todo lado, mas não era esse seu destino. A medida que o neto crescia, no entanto, crescia também a esperança de que ele encontrasse uma boa mulher e que desse a Alma alguns bisnetos. Mas os anos foram passando e... Por falar nisso, quantos anos tem Jordan agora?

— Estou com trinta e cinco, tia Camilla.

Eve sobressaltou-se ao reconhecer a voz de Jordan e sentir seus braços fortes cingindo-lhe a cintura e puxando para trás. Estremeceu, mas procurou disfarçar acariciando os nós de seus dedos e sorrindo. Afinal, feliz pelo contato repentino depois de tantos dias agindo como dois estranhos, relaxou e recostou-se no corpo de Jordan, como era de se esperar de um casal apaixonado.

— Tia Camilla — disse ele, fingindo repreender-a tia-avó -, está contando histórias a meu respeito?

A simpática senhora deixou escapar um riso tímido, quase infantil.

— Não se preocupe, Jordan. Estava apenas explicando a Eve o quanto o casamento de vocês e a presença dessas duas crianças adoráveis na casa significa para minha irmã.

— Ela já sabe disso. — As mãos que a seguravam pela cintura se retesaram. — Não é mesmo, querida?

A voz não lhe traía os reais sentimentos. No entanto, Eve entendeu a mensagem implícita em suas palavras. Mais uma vez era acusada de romper um compromisso assumido, e ainda por cima, pôr em risco a felicidade da avó de Jordan.

Em um só instante Eve passou da alegria à mágoa. Achou que não suportaria aquela montanha-russa emocional e teve vontade de desistir de tudo. Mas então lembrou que estaria jogando fora a única oportunidade de provar para si mesma que podia relacionar-se com ele em pé de igualdade. Mesmo que isso significasse vencer barreiras como aquela, que o próprio Jordan construía ao longo de um caminho já tão penoso de ser trilhado.

Assim sendo, em vez de fugir ou baixar os olhos, encheu-se de coragem para suplantar a dor e responder:

— Sim, amor. E acho maravilhoso compartilhar o que sentimos um pelo outro com Alma.

A expressão no rosto de Jordan não se alterou, porém um brilho diferente iluminou seus olhos. Eve ficou em dúvida se o interpretava como sinal de raiva ou desejo. No momento, porém, pouco importava. Quis atingi-la e acabou recebendo o troco na mesma moeda.

Não contente com a própria ousadia, apertou-lhe as mãos para impedir que a soltasse e virou-se para lhe dar um beijo rápido nos lábios. A intensidade com que a olhava aumentou. Um gemido abafado, quase inaudível, subiu pela garganta de Jordan. Quando voltou a encarar Camilla, ele a apertou com mais força. Eve sentiu roçando em seu corpo a prova de que continuava capaz de lhe despertar algo mais além de rancor. Nesse momento, teve certeza de que ainda era desejada.

— Esses dois! — exclamou Camilla, pensando alto. — Vocês me lembram minha lua-de-mel. Ha, que saudades daquela época...

CAPÍTULO V

Durante a próxima meia hora, a maior parte da família se dispersou. Precisavam se desvencilhar dos compromissos para que nada os impedisse de voltar à casa de Dora no dia seguinte, para o jantar de Ação de Graças.

Ficaram no casarão apenas doze pessoas, incluindo as quatro crianças: Wesley, Kendrick, Lisa e a bebê, Phyllis. Depois que todos

comeram, Alma as reuniu em volta da mesa do solário e usou peças de dominó para criar ruas e casas. Kendrick se animou e pegou seus carrinhos para que ele e Wesley pudessem brincar na cidade em miniatura.

Eve acomodou-se em uma poltrona perto da janela e ficou assistindo à cena, admirada da facilidade com que Alma se relacionava com os pequeninos. Dispensava igual carinho e atenção a todos, encantando-os com sua capacidade em inventar novas construções e contar histórias que tornava muito mais divertida a brincadeira.

Wesley e Lisa nunca tinham convivido com a figura da avó tão de perto. Teddy Tanner perdera os pais quando criança. E a mãe de Eve não dispunha de tempo nem para a filha, muito menos para os netos.

Faya Brant enviuvara meses antes do nascimento de Wesley. Em vez de se entregar à dor, abrira uma pequena galeria de artes em Palm Springs. Os negócios se expandiram e ela se tornou uma bem-sucedida empresária. Adorava Eve, porém vivia para trabalhar. Fazia o possível para visitá-la no Natal, e nunca esquecia de mandar presentes caros no dia do aniversário dos netos. Mas seria incapaz de reunir um grupo de crianças a sua volta e entretê-las com um punhado de peças velhas de dominó e uma boa dose de imaginação.

— Você está tão calada. — Mais uma vez Jordan se aproximara sem ser notado. — Algum problema?

— Muito pelo contrário. Só estava pensando...

— Em quê? — perguntou, descansando a mão no encosto da poltrona.

— Em Alma. No jeito que ela tem para lidar com as crianças.

Ele concordou com um gesto de cabeça e olhou para a avó.

Ficaram um bom tempo assim, em silêncio, apenas contemplando a velha senhora divertindo-se a valer com os alegres netinhos. Para Eve, no entanto, foi um momento delicioso. Pela primeira vez desde que chegara àquela casa sentiu-se tranqüila e contente. Um verdadeiro membro da família.

— Droga! — Jordan xingou baixinho. Em seguida, disse: — Só uma cama.

Do outro lado do quarto, Eve olhou para ele.

— O que você esperava? Somos recém-casados, lembra-se?

— Eu não esperava nada. Isso nem me passou pela cabeça.

Eve limpou a garganta.

— Não acredita? — Jordan perguntou, desconfiado.

— Em quê?

— Que esqueci desse detalhe?

— Ora, isso não tem a menor importância.

— Não? — ele repetiu, surpreso.

— Viemos para cá com um propósito bem definido. Se não dormirmos no mesmo quarto e na mesma cama, levantaremos suspeita.

Renitente, ele acabou concordando.

— Bem lembrado. Você tem razão.

— Obrigada.

— Só quero que saiba que essa cama não foi idéia minha.

Eve lançou-lhe um sorriso descontraído.

— Não se preocupe. Eu já sabia.

Na verdade, esperava que Jordan tivesse feito tudo de caso pensado. Mas não duvidava que ele estivesse sendo sincero agora.

— Que bom.

Calaram-se durante alguns instantes, entreolhando-se por cima da barreira da cama.

Afinal, Jordan perguntou:

— Você sempre foi tão... sensata como agora?

— Gosto de imaginar que sim. Por quê?

— Bem... Antes, na época em que estávamos juntos, você parecia... um pouco tímida, acho. Nunca a vi tão segura de si.

O sorriso de Eve tornou-se mais caloroso.

— Seria difícil me mostrar segura estando tão apaixonada a ponto de não sentir o chão debaixo dos meus pés.

Por um instante, Jordan pareceu perder-se nos próprios pensamentos.

— Era muito bom, não era?

— Hum-hum.

— Nós nos divertimos um bocado.

— Sim. — A lembrança a fez soltar um pequeno suspiro. — Nos

divertimos mesmo. Acho que nunca mais vou esquecer esse período da minha vida.

Junto da porta, uma única candeia em forma de castiçal iluminava todo o quarto. Sombras suaves espalhavam-se pelos cantos e escondiam de Eve os olhos de Jordan.

No entanto, ela sentia nitidamente o coração se acelerar à medida que pensava na beleza da experiência que ambos partilharam. Que não mediria esforços para recuperar...

De repente Jordan deu-lhe as costas e disse:

— Pode usar o banheiro primeiro. Eu espero.

— Jordan, eu...

— Vou dormir aqui — disse ele, caminhando até o par de cadeiras perto da janela.

Eve examinou-as. Uma delas tinha o espaldar alto e o assento estofado. A outra era uma cadeira de balanço, toda de madeira.

— Deixe de tolice — retrucou. — Mal acomodado desse jeito, não vai conseguir nem um cochilo.

— Não se preocupe — disse Jordan enquanto arrumava as cadeiras. — Quando cansar eu me estico no tapete.

Resoluta, Eve marchou até a cadeira de espaldar alto e segurou-a, impedindo que ele a removesse.

— Seja razoável, Jordan.

Ele apenas a encarou com uma paciência infinita e esperou, mantendo as mãos firmes em sua metade da cadeira. Eve continuou, sem refletir:

— Somos adultos. Podemos dividir a cama sem... que nada aconteça.

— Sei — ele respondeu, incrédulo. — Adultos que nunca conseguiram manter as mãos longe um do outro.

— Isso foi antes. Você mesmo disse que as coisas mudaram.

— Não a esse ponto — Jordan murmurou, sombrio. — Vamos, solte essa. cadeira.

— Solte você. e deite-se na cama.

Entreolharam-se. Apesar do ridículo da situação, Eve não estava disposta a desistir. Talvez para provar a Jordan que também era capaz de pensar e agir por vontade própria. Talvez apenas pelo prazer de

contrariar uma determinação sua, depois de tanto tempo concordando com tudo que ele dizia. Não saberia explicar qual o motivo exato de tanta determinação. Só sabia que dormiriam lado a lado aquela noite, nem que tivesse de amarrá-lo à cama.

Assim decidida, continuou pressionando:

— Dora avisou que há cobertores extras no armário. Um de nós pode deitar em cima da colcha e se cobrir com o cobertor. E eu trouxe uma camisola de flanela que vai desde o pescoço até os pés.

Achou melhor não mencionar que o négligé de renda preta que ele tanto adorava também estava dentro da mala. Preferiu reservar essa surpresa para mais tarde, confiante em que conseguiriam superar todas as dificuldades nos próximos dias.

— Francamente, Jordan — insistiu. — Você está fazendo tempestade em um copo d'água por causa de uma bobagem.

— Maldição! — ele exclamou baixinho.

— Venha. — Ela ergueu as sobrancelhas, desafiadora. — Você precisa de uma boa noite de sono tanto quanto eu. Chegamos hoje de viagem, estamos todos cansados. Vai me agradecer por isso depois.

— Não seja ridícula, Eve. Solte essa cadeira.

— Na minha opinião, quem está sendo ridículo é você. Portanto, não vou soltar.

Exasperado, Jordan se afastou afinal. Escancarou as portas do armário e pegou dois grossos cobertores. Atirando-os em cima da cama, avisou:

— Vou usar o banheiro primeiro. Prometo que não demoro.

— Não tem pressa — Eve respondeu contente, sem disfarçar o prazer pela vitória.

Vinte minutos depois, luzes apagadas, estavam ambos deitados na cama. Eve, olhos arregalados, acompanhava atentamente a respiração incerta de Jordan.

— Você já dormiu? — perguntou afinal, embora soubesse que a tensão o impedia de sequer considerar essa possibilidade.

— Não.

— Eu... gostei de sua família.

Por um momento, ele não disse nada.

— De todos? — perguntou então.

Eve percebeu o tom bem-humorado de suas palavras. Sentiu vontade de virar-se de lado, aninhar-se junto a ele e permitir que a envolvesse em seus braços.

Só não o fez por ter certeza de que Jordan não a abraçaria aquela noite. Ele demonstrava total disposição de se manter fiel ao acordo que haviam firmado.

Tentou imaginar o que acontecera na vida de Jordan que o endureceu tanto a ponto de lhe negar, de maneira tão categórica, o tempo que pedira. Gostaria de conversar sobre o assunto, mas precisava ter paciência ou poria tudo a perder.

— Eve?

— Hum?

— Pensei que tivesse adormecido.

— Ainda não. Ouvi o que você disse.

— Mas não respondeu.

— Gostei de todo mundo da sua família. Claro que mantive pouco contato com a maioria, mas me pareceram bastante simpáticos.

— Tem certeza? — Jordan a provocou — Precisava ver a expressão de espanto em seu rosto quando chegamos e eles desceram para te conhecer.

— Eu sei — Sorriu na escuridão e brincou: — Mas sobrevivi.

Tornaram a ficarem silêncio. Eve se parabenizou por conseguir que Jordan deitasse na cama e conversasse com ela. Apenas sobre superficialidades até o momento, mas mesmo assim, já representava um grande progresso.

Quis mudar de posição, mas precisava respeitar o espaço dele.. Por isso, limitou-se a erguer os braços e descansá-los sobre as cobertas. Imóvel de novo, de repente sentiu-se a protagonista de uma história absurda. Parecia uma Bela Adormecida ao contrário. Esperava o beijo do Príncipe Encantado para dormir, ou estaria condenada à insônia eterna. O Príncipe estava logo ali, a seu lado. Mas o beijo... não lhe arrancaria tão cedo.

A voz de Jordan fez com que essas fantasias tolas se desmanchassem como bolhas de sabão.

— Alma gosta de você. Muito mais do que imaginei. E você viu como ela e Lisa se afeiçoaram depressa?

— Sim, e isso me deixou preocupada.

— Por quê?

— Elas já se tratam por "vovó" e "minha netinha". Se Lisa se apegar demais, tenho medo que sofra muito, considerando-se as circunstâncias.

Calaram-se por um instante. Afinal, Jordan retrucou:

— Lisa é muito nova, talvez fique chateada, mas logo esquece. Afinal, será por poucos dias.

— Tem razão — disse Eve. Porém continuou: — Na verdade, Wesley me preocupa mais.

— Realmente. Ele vem agindo de maneira estranha comigo desde o início da viagem.

— Exato — ela concordou, suspirando aliviada em saber que Jordan também notara.

— Para ser franco, espero que seja só uma fase, que Wes supere com o tempo.

— Eu também, mas fico imaginando...

— O quê? — Jordan quis saber, curioso. — Diga.

— Bem, tudo aconteceu tão depressa... Queria conversar com Wesley sobre nosso casamento, mas sempre que surgia uma oportunidade eu adiava porque...

— Por causa de suas dúvidas? — Sua voz soou absolutamente neutra.

Eve não podia recuar, muito menos mentir.

— Isso mesmo, por causa das minhas dúvidas. Depois que nós... rompemos, achei melhor deixar as coisas do jeito que estavam. Ele só tem quatro anos e já passou por uma separação antes.

Jordan considerou bem o que ela acabava de dizer e então perguntou:

— Depois que rompemos, Wesley não fez nenhum comentário a meu respeito?

— Uma única vez. Quis saber se você não ia mais nos visitar, ou se não os levaria para passear. Fiquei muito nervosa. Ele deve ter entendido o que aconteceu porque não insistiu, nem voltou a tocar no assunto. De repente nos vê bancando recém-casados durante o final de semana...

— Wes tem toda razão em ficar bravo — disse Jordan, em tom acusador.

— Goste você ou não — Eve replicou, firme -, a responsabilidade também é sua.

Não obteve uma resposta imediata. Mas afinal ele admitiu;

— Certo. Sinto muito se a acusei injustamente. O que você quer que eu faça?

— Não sei. Hoje foi a primeira vez que o vi agir de maneira tão agressiva. Wesley tinha dois anos quando Teddy foi embora. Sempre acreditei que o fato pouco o afetara, mas parece que estava enganada. Na imaginação dele, você representa a figura paterna que mais uma vez o abandona...

— Ora, que absurdo! — Jordan exclamou, irritado. — Nunca tive a intenção de abandonar ninguém.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê?

— Estou apenas tentando analisar a atitude do meu filho. Não significa que esteja certa.

Em um movimento brusco de impaciência, Jordan acabou roçando o braço no braço de Eve. Recuou depressa e se afastou para a beirada da cama, enquanto ela respondia:

— Está bem. Mas ainda não explicou o que quer que eu faça.

— Acho que, no momento — Eve disse então, sem alterar o tom de voz -, a melhor alternativa é esperar para ver qual será o comportamento dele daqui para a frente.

— E manter o pobre garoto sob constante tensão — emendou Jordan. — Tem certeza de que não prefere desistir de tudo?

Eve fez que não com a cabeça, como se ele pudesse vê-la no escuro.

— Se Wesley imagina que você vai abandoná-lo, voltarmos para casa agora não resolveria o problema. Pelo contrário. Estaríamos confirmando suas suspeitas.

— Ou seja, cedo ou tarde, eu vou abandoná-lo. É isso que você está dizendo?

— Jordan, eu...

— Por favor, responda. —Seja franca e diga como se sente com

relação a isso.

Eve respirou fundo. Nem por um segundo lhe passou pela cabeça que pudesse ser considerada egoísta por submeter o filho àquela penosa experiência. Pois tinha absoluta convicção de que, no fim, ela e Jordan se reconciliariam e então tudo se resolveria.

Porém se lhe confessasse essa certeza, ele voltaria a impor as barreiras que começavam a ser vencidas. E talvez conseguisse minar-lhe a confiança.

Assim sendo, optou por outra alternativa.

— Você quer que eu seja franca? Pois bem. Espero que nós dois saiamos desse final de semana ao menos como dois "bons amigos. Dessa forma, a ruptura brusca na sua relação com Wesley nunca se dará. Enquanto isso, ele se diverte com as outras crianças. Provavelmente não se lembrará tão cedo do problema.

Após uma breve pausa, concluiu:

— Vamos ficar de olho nele. Por enquanto, na minha opinião, seria prematuro tomarmos qualquer atitude mais drástica.

— É isso mesmo que você quer?

— Sim — respondeu, virando para o lado e fechando os olhos. Imaginando que ela se preparava para dormir, Jordan murmurou:

— Boa noite... Eve.

— Boa noite.

Um pequeno sorriso brincou nos lábios dela. Percebera a hesitação na voz de Jordan. Ele quase a chamou de "querida", mas se conteve.

Encolheu as pernas, descansou o rosto na mão e bocejou. Satisfeita com aquela conversa, de repente lhe ocorreu que jamais se sentira tão presa a alguém como naquele momento...

Deitado a seu lado, Jordan não se considerava uma pessoa de tanta sorte..Olhava fixo para as sombras no teto, mas na verdade via o rostinho hostil de Wesley, o único modo de que dispunha para expressar sua aflição.

Reconhecia a própria arrogância em afirmar que ninguém se machucaria com a pequena peça que ele e Eve pregariam. Em vez de resolver alguns problemas, no entanto, estavam criando outros, de proporções muito maiores. O apego de Lisa com Alma preocupava

realmente, e bastava imaginar a angústia de Wes para ter vontade de desistir de tudo.

Mas ninguém conhecia aquelas crianças melhor do que Eve. Portanto, confiaria no plano que ela traçara e esperaria o desenrolar dos acontecimentos.

Jordan colocou as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos. Estava longe de adormecer — ao contrário de Eve, que ressonava docemente.

Era uma mulher cativante e ao mesmo tempo, dotada de uma capacidade ímpar de enfurecê-lo. Um quebra-cabeça cuja solução ficava mais distante a cada dia.

Estranho, mas aquela viagem a revelava como uma pessoa muito diferente daquela que conhecia. De uma hora para outra descobria uma personalidade marcante, opiniões próprias e bem fundamentadas, uma inteligência viva e perspicaz.

Em momento algum Eve titubeou ante seus parentes. Aliás, chegou a lhe devolver a provocação, como quando conversavam com tia Camilla. Também agiu com a maior naturalidade para demovê-lo da idéia de dormir nas cadeiras.

Impossível deixar de admitir que fora bom ficarem deitados no escuro, lado a lado, apenas trocando idéias. Na época em que eram amantes, nunca se permitiram um momento de tanta descontração; a cama tinha um propósito óbvio e bastante definido.

Jordan rolou na direção dela. A respiração de Eve estava constante e tranqüila. Apesar da barreira de cobertores que os separavam, a memória o fazia sentir-lhe o calor do corpo. E sua maciez.

A tentação de aproximar-se, quase irresistível, levou-o a imaginar que Eve, inconsciente, suspiraria e se aninharia em seus braços...

Acabou xingando baixinho e virou para o outro lado. Apertou com força as pálpebras e, aborrecido, esperou o sono chegar.

CAPÍTULO VI

Quando Eve, Jordan e as crianças desceram, na manhã seguinte, já encontraram tio Ernest esperando para levá-los para tomar o café da manhã fora. Hóspedes e moradores da casa se amontoaram dentro de três carros e foram para um restaurante da cidade, onde se encontraram com os outros membros da família. Ao todo eram vinte e três pessoas

que bastaram para encher o salão do fundo do restaurante.

Eve sentou-se perto de Louise Blair, a caçulas de Blanche. Em questão de minutos soube que era casada com Kevin Blair, advogado, que morava em Malachite Junction, que tinha dois filhos adolescentes e estava estupefata em ver Jordan, o eterno solteirão, casado e, ainda por cima, assumindo a paternidade de duas crianças.

De repente Louise inclinou-se mais para perto de Eve e perguntou:

— Agora vamos, me conte. Achou a bandeja de prata enfeitada demais?

— Desculpe, mas não entendi.

As sobrancelhas de Louise, unidas acima do nariz, espremeram-se ainda mais.

— A bandeja que mandei pelo correio.

Nesse momento, Eve percebeu que Wesley e Kendrick usava canudinhos para fazer bolhas no leite. Ia mandá-los parar, com medo de que acabassem se entusiasmando e derrubando um copo. Jordan, no entanto, sentado mais perto das crianças, adiantou-se e pediu que deixassem os canudinhos de lado.

Na mesma hora Wesley lançou-lhe um olhar desafiador, arrancou o canudo de dentro do copo e jogou-o em cima da mesa. Em seguida cruzou os braços e ficou amuado. Por sua vez, Kendrick apenas obedeceu, sem dar maior importância ao fato.

Louise ainda falava.

— Ela pertenceu a vovó Mary, mãe de Alma e da minha mãe também.

— Desculpe — disse Eve, — mas as crianças me distraíram. Está se referindo à bandeja?

— Sim. Uma bandeja de prata que mandei pelo correio. É meu presente de casamento.

De repente Eve lembrou que Jordan mencionara alguma coisa sobre uma porção de presentes que continuavam chegando à casa da praia.

— Oh, sei.

Sentindo o coração se apertar, concluiu que grande parte dos parentes de Jordan fizera o mesmo que Louise: escolhera um bom

presente para lhes mandar. No entanto, ainda não vira nenhum deles. Duvidava que mais alguém comentasse a respeito, porém estava impedida de lhes agradecer pessoalmente.

O que fariam quando voltassem para casa? Devolveriam tudo com um bilhetinho pedindo desculpas? Ou guardariam os presentes e, com o passar do tempo, mandariam cartas a todos para dizer que tinham adorado?

Resoluta, Eve se decidiu pela segunda alternativa. Porque então, ela e Jordan estariam juntos de novo. Tinha plena convicção disso.

Dirigiu um sorriso envergonhado a Louise e procurou explicar:

— Por favor, me perdoe. Nosso casamento aconteceu tão depressa que mal deu tempo para cuidar de todos os preparativos. Achei melhor guardar os presentes para abri-los com calma, um a um, depois desse final de semana.

As sobrancelhas de Louise relaxaram, transformando-se em uma linha reta e contínua outra vez.

— Quer dizer que ainda não viu minha bandeja?

— Receio que não.

— Bem, se por acaso você não gostar, quero que seja sincera...

Eve apressou-se a dizer:

— Ora, tenho certeza de que vou adorar. Mais ainda por causa de seu valor sentimental, uma vez que pertenceu à mãe de Alma.

Louise parecia encantada consigo mesma. Mas deu de ombros, fingindo modéstia.

— Foi essa a minha idéia, claro — disse, e no mesmo instante mudou de assunto. — Agora deixe-me ver seu anel.

Eve estendeu a mão. Louise pegou-a e não conseguiu conter dezenas de exclamações de surpresa pela perfeição do brilhante. Por fim, cochichou:

— Confesso que nunca acreditei que fosse acontecer de verdade.

— O quê? — Eve perguntou, sem compreender do que se tratava.

— O casamento. Você sabe como Jordan é.

Eve inclinou-se na direção de Louise de novo. Talvez ela dispusesse de informações valiosas para sua missão de reconquistá-lo.

— A que você se refere?

— Ora, ele nunca deixou ninguém chegar perto demais. É uma excelente pessoa, mas seus relacionamentos não costumam ir muito além da amizade.

Apesar da curiosidade em saber mais, Eve ficou com medo que Jordan as interrompesse se desconfiasse que era o tema da conversa. Correu o olhar pelo salão do restaurante, onde todos falavam a um só tempo. Wesley comia uma torrada tranqüilamente, enquanto Lisa se divertia no colo de Alma. Por sua vez, Jordan conversava sobre futebol com Mark, neto de Dora.

Aproveitando que ninguém parecia observá-las, sugeriu:

— Que tal uma visita ao banheiro? Deve estar mais sossegado lá dentro.

Louise concordou com um aceno de cabeça, a expressão do rosto revelando que a compreendera.

— Poderemos conversar mais a vontade — disse, levantando-se.

Eve a seguiu, parando um pouco junto de Alma.

— Poderia olhar Lisa e Wesley para mim um instante? — pediu. — Preciso ir ao banheiro.

— Claro.

Lisa tentava alcançar o açucareiro. Alma empurrou-o para o centro da mesa e lhe deu um grande beijo no rostinho rechonchudo. A menina soltou uma gargalhada.

— Sem beijos. Não! — gritou, deliciada com a atenção a que fingia resistir.

Sorrindo, Eve virou-se a procura de Louise. Mas Jordan, sentado ao lado da avó, impediu que se afastasse segurando-a pela mão.

— O que houve?

Eve olhou para ele, experimentando aquele misto de calor e ansiedade tão familiar, que se repetia sempre que Jordan a tocava.

— Nada. Apenas preciso atender uma necessidade fisiológica.

— Você e a prima Louise? — perguntou com ar de deboche.

— Oh, Louise também vai ao banheiro?

— Arranjou uma péssima companhia para suas conspirações, querida.

— Como assim?

— Vai se arrepender.

— Por quê?

Jordan puxou-lhe a mão, obrigando que se inclinasse para que pudesse sussurrar em seu ouvido:

— Quando Louise encontra platéia, não a larga mais. Ficará atrás de você o fim de semana inteiro.

— Pois eu a achei uma pessoa bastante agradável — disse Eve, recusando-se a dar o braço a torcer. — E não entendi essa história de conspiração.

— Mentirosa — Jordan brincou, piscando maliciosamente.

Naquele momento era difícil acreditar que apenas representavam o papel de recém-casados. Ha, como Eve gostaria de penetrar por trás daqueles olhos negros e descobrir o que se passava na cabeça de Jordan! Aquele brilho intenso ou refletiam a paixão que ele ainda acalentava, ou testemunhavam o talento de um grande ator.

A contragosto, deixou que ele soltasse sua mão.

— Melhor se apressar. Louise deve estar pensando que você desistiu.

Assim dizendo, Jordan retomou a conversa com Mark. Eve abaixou a cabeça e foi para o banheiro.

— Pensei que tivesse desistido — reclamou Louise, tão logo a viu entrar.

— Sinto muito. Jordan me parou para conversar e...

— Nem me diga — interrompeu Louise. — Kevin também era assim, no começo.

— Como?

— Ele odiava que me afastasse por muito tempo. Mas não se preocupe. Eles mudam, acredite em mim. Agora, preciso insistir muito para que Kevin me leve para jantar fora ao menos uma ou duas vezes no mês.

Parou apenas o suficiente para respirar fundo e continuar:

— Acho importante o casal ter algum tempo a sós, longe dos filhos e dos parentes. Senão, a gente nem fica sabendo o que está se passando na vida um do outro. Kevin reclama que seria impossível não saber o que acontece comigo. Segundo ele, falo pelos cotovelos. Diz isso e dá risada. Não me zango. Entendo como uma brincadeira

carinhosa. De qualquer forma, eu...

— Hum-hum — foi a vez de Eve interrompê-la. — A respeito de Jordan...

Louise piscou enquanto tentava lembrar a que ela se referia.

— Tem razão — disse afinal -, falávamos sobre Jordan.

— Isso. — Eve sorriu, tímida. — Onde estávamos mesmo?

Louise não se importava em mudar de assunto desde que permanecesse senhora absoluta da situação. Em outras palavras, qualquer sobre a qual pudesse discorrer seria bem-vinda.

— Você dizia que ele é muito amigo das pessoas — Eve explicou -, mas não permite que ninguém se aproxime muito. Sabe me dizer por quê?

— O que faz alguém agir desse jeito? — perguntou Louise, adotando um tom confidencial de novo. — Sua infância, claro.

— Como assim?

— Willa, mãe de Jordan, nunca lhe dedicou o carinho, a atenção, que toda criança merece. Ainda por cima, quando ela morreu, o pai o deserdou.

— Eles se davam bem? Quero dizer, os pais de Jordan.

— Zachary era quinze anos mais velho que eu, de forma que tudo que sei me foi transmitido através das histórias que se contavam na época. Diziam que eles tinham "problemas". Muito vago, não acha?

Louise fez um muxoxo.;

— Ainda lembro do dia em que se casaram. Eu era uma criança de nove anos de idade, mas a verdadeira obsessão de Zachary em que ela permanecesse o tempo todo a seu lado ficou gravada em minha memória. Ele era louco por aquela mulher!

Eve ouvia atenta, preocupada em não perder uma palavra sequer do que a prima lhe revelava a respeito da história de Jordan. Talvez encontrasse ali a resposta para todas as suas dúvidas.

— Na minha opinião, Willa nunca correspondeu ao seu amor. Pode ser que gostasse dele, porém não com a mesma intensidade. Hoje, quando penso nela, me vem à mente a imagem de uma mulher apática, retraída. Do tipo que dá a impressão que não sabe ao certo o que veio fazer nesse mundo. Duvido que Jordan tenha nascido de uma decisão consciente. É preciso força para isso, coisa que ela não tinha.

Depois de outra pausa rápida, Louise prosseguiu:

— De qualquer forma, ele nasceu. Logo em seguida, descobriu-se que Willa sofria de diabetes. A partir desse momento, esqueceu do filho para se dedicar com exclusividade à própria doença. Não adiantou muito, pois acabou morrendo. Desconsolado, Zachary entregou o pobre garoto nas mãos de Alma e sumiu. Graças a Deus, ou do contrário Jordan não teria ninguém que lhe desse carinho na infância.

— Entendo — disse Eve, sentindo que devia fazer algum comentário.

Jordan lhe contara que perdera a mãe aos sete anos e que a avó o criara, mas sem mencionar tantos detalhes. Muito menos as conseqüências que todos esses tristes acontecimentos exerceram sobre sua vida.

Louise se empolgara e não parecia disposta a interromper tão cedo seu discurso.

— Apesar de tanto sofrimento, Jordan sempre foi expansivo e amigo. Mas parece que alguma coisa o impede de manter relacionamentos mais íntimos com as pessoas. É por isso que... Desculpe a brincadeira, Eve, mas agora posso contar. Quando me contaram do casamento de Jordan, apostei com Kevin o jogo de porcelana da vovó Mary como alguma coisa acabaria impedindo a realização da cerimônia. É óbvio que me enganei redondamente!

E Louise riu como se acabasse de contar uma piada engraçadíssima. Mal sabia ela que acertara em cheio.

— Enganou-se mesmo, graças a Deus! — disse Eve, sorrindo constrangida.

No entanto, Louise prestou melhor atenção nela e perguntou:

— Está se sentindo bem?

— Cla-claro. Por quê?

— Não sei, mas parece que você empalideceu de repente...

— Impressão sua — Eve respondeu, apressando-se a vestir sua fisionomia de uma expressão mais alegre. — Deve ser a luz aqui do banheiro. Que tal se voltássemos agora para a mesa? Já devem estar estranhando nossa demora.

No decorrer do dia, Eve descobriu que Louise poderia lhe servir de fonte de informação a respeito de toda a família. O único problema,

como Jordan a advertira, era fazê-la parar de falar. Aliás, Louise chegou a mencionar seu contentamento em ter um novo membro na família com quem conversar.

Eve ficou sabendo como Mary Jurgenson conheceu e se casou com Stanley Swenson, um "lobo-do-mar". Ouviu toda a história dos cinco filhos que tiveram— Alma, Blanche, Camilla, Dora e Emest — e seus respectivos cônjuges e rebentos. Mas principalmente, dos conflitos entre Louise e a mãe.

— Ela não dá o menor valor a objetos antigos, que contam a história de nossa família.

Passava pouco do meio-dia e estavam todos ocupados com os preparativos para o grande jantar de Ação de Graças. Nile cortava vegetais crus para a salada, que Eve transformava em bonitos arranjos, dispostos em pratos grandes. Louise, receando perder a única pessoa ainda com paciência para escutá-la, também se oferecera para ajudar.

— Ela é minha mãe e eu a adoro — continuou, fatiando um pepino. — Mas logo depois da morte de papai, ela resolveu se desfazer de quase todos os seus bens.

Louise deixou o pepino de lado e disparou um rápido olhar para a porta da cozinha, com medo que Blanche entrasse é ouvisse suas reclamações. Como não visse ninguém, voltou ao ataque:

— Se eu não chegasse a tempo, ela teria vendido tudo. Não só os pertences do meu pai, mas também alguns móveis antigos. Inclusive a prataria que herdou da mãe dela. Disse que não tinha onde guardar, já que estava de mudança para o apartamento em Spring Street. — Pegou um punhado de brócolos e se possa separá-los em ramos menores. — Adora morar lá. Pode ser, mas não consigo imaginar como alguém consegue viver bem em um lugar tão apertado.

Mais de uma vez Eve deu um jeito de se safar do monólogo interminável. Soltava um suspiro de alívio quando saía da cozinha para colocar Lisa para dormir ou fazer um curativo no cotovelo que Wesley esfolara.

Jordan sempre a encontrava durante essas escapadelas. Fazia questão de saber tudo que a prima dissera a seu respeito. Mais à vontade no palco em que transformaram aquele final de semana, chegou a lhe roubar um beijo rápido uma vez — em benefício da família, claro, pois a todo momento havia alguém passando pelo cômodo ou corredor

em que estavam.

Não poderia contar com melhor parceira para contracenar com ele. Eve participava de cada ato sem se abalar. Pelo contrário, procurava encorajá-lo, deliciada em constatar que ainda eram capazes de se divertir juntos.

À tarde, faltando uma hora para o jantar, Eve deixou Louise com a desculpa de que precisava descansar um pouco e trocar de roupa. Verificou como estavam as crianças e subiu para o quarto.

Assim que entrou, teve vontade de deitar-se um pouco para descansar. Mas, com um suspiro profundo, desistiu da idéia. Tomou um banho rápido, vestiu-se e então pegou a frasqueira no banheiro e voltou para o quarto, sentando-se diante da pequena penteadeira. Acabava de encontrar sua escova de cabelo quando bateram na porta.

— Sim? — perguntou, pedindo a Deus que não fosse Louise.

— Sou eu.

Sorriu ao reconhecer a voz grave, masculina.

— Entre.

Pelo espelho da penteadeira, Eve viu Jordan abrir a porta e atendê-la. Em seguida, encostou-se na parede para melhor observá-la. Sobrancelha arqueada, o canto dos lábios também virados para cima, tinha no rosto uma expressão característica que ela aprendera a reconhecer e adorar.

— Admita, pensou que ficaria livre de mim dessa vez — Jordan acusou de brincadeira.

— Não admito nada.

Começou a escovar o cabelo, sem pressa. Na verdade, apenas não queria perdê-lo de vista.

Ele cruzou os braços, salientando mais os músculos sob as mangas do suéter. Eve sentiu um calor subir por seu corpo, intensificando a ansiedade que a acompanhava desde que conhecera aquele homem.

— Você tem um cabelo muito bonito — disse ele, tranqüilo. — Meio castanho, meio dourado. Como o mel...

Eve continuou correndo a escova pelos fios compridos. Sentia que essas palavras saíram em voz alta sem que nem mesmo ele tivesse consciência do fato.

Seus olhares se cruzaram pelo espelho. Jordan piscou e desviou os olhos, voltando a si de repente.

— Que segredos a prima Louise contou para você desde a última vez que nos encontramos? — ele perguntou para provocá-la.

Eve guardou a escova na frasqueira e trocou o par de brincos.

— Deixe-me ver. Rick, filho mais velho de Camilla, casou-se com uma mulher chamada Ardelle Lee, que conheceu em um concerto de rock heavy-metal no Golden Gate Park. Ela prefere ser tratada por Espuma das Ondas, o nome que adotou em homenagem às tribos indígenas. Não satisfeita, batizou os filhos de Pomba, Liberdade e Pagão. De acordo com Louise, qualquer pessoa no pleno gozo de suas faculdades mentais sabe que isso foi uma grande maldade com aquelas pobres e indefesas crianças.

Os olhos negros de Jordan brilharam, enquanto balançava a cabeça em sinal de concordância.

— Também descobri que Carla é mesmo uma mulher admirável — continuou Eve, referindo-se à filha de Dora e mãe de Matt, que ocupava o pequeno quarto no começo do corredor. — Ela voltou a estudar há dez anos, depois que o marido morreu. Hoje está concluindo o estágio de médica em uma clínica de Austin, no Texas...

— Eu sei onde fica — Jordan retrucou.

Tirando a tampa de um batom e examinando-lhe a cor, Eve imprimiu o tom mais casual possível à voz para perguntar:

— No banheiro, esta manhã, Louise comentou o que aconteceu com sua mãe, e que seu pai o abandonou depois que ela morreu.

Pelo silêncio que se seguiu, Eve ficou com medo de ter ido longe demais. Precisava tocar no assunto não apenas para compreendê-lo, como também para tentar ajudá-lo a curar de uma vez por todas aquelas feridas. Mas ainda era muito cedo. Talvez o máximo que conseguisse com aquelas palavras fosse destruir a confiança que, sentia, aos poucos ia reconquistando.

Porém se enganara. Ele se limitou a dar de ombros.

— Louise aproveita tudo que fala para emitir suas próprias opiniões. Mas acho que é mais ou menos verdade.

Eve guardou o batom sem usá-lo e falou para o reflexo de Jordan no espelho:

— Deve ter sido terrível para você.

— Nem tanto — ele retrucou, indiferente. — Tive Alma para me dar todo seu carinho. E a meu avô e outros parentes. Já é muito mais do que algumas crianças têm.

— Mesmo assim, acho...

— O quê? Que foi uma experiência difícil? Claro que sim. Mas eu superei.

Eve escolheu outro batom na frasqueira. Enquanto isso, concluiu que seria melhor mudar de assunto. As respostas curtas e diretas não deixavam dúvidas quanto a sua indisposição para continuar conversando sobre a infância. Mais do que se a repreendesse pela curiosidade.

Então é assim que você faz para manter as pessoas a distância, Eve pensou. Pois bem. Que assim seja. Vou lhe dar uma trégua temporária. Mas não pense que vou desistir tão fácil. Ainda há muita coisa que quero saber.

Mirou-se no espelho e aplicou o batom. Jordan observou-a mais um pouco, e então foi até a janela. Irrequieto, porém, virou-se, arrumou um quadro na parede e afinal aproximou-se de novo.

Eve sobressaltou-se ao constatar que, de onde estava, Jordan podia ver a caixa de pílulas anticoncepcionais dentro da frasqueira. Preocupara-se em incluí-la na bagagem graças a sua total convicção de que nem tudo estava perdido entre eles. Sutil, tirou um lenço de papel do pacote que escorregou para cima da caixa e continuou a se maquiar.

Porém a proximidade de Jordan, quase a tocá-la no cotovelo, deixou-a nervosa e roubou-lhe a precisão dos movimentos. Incomodada, acabou erguendo os olhos para encará-lo.

Por um instante imaginou que ele fosse dizer alguma coisa sobre eles dois, ou quem sabe, ainda sobre sua infância. Talvez até algum comentário a respeito das pílulas que devia ter visto. Porém surpreendeu-se de novo ao ouvir:

— Sempre quis saber quem ficou com o baú em que meu bisavô guardava seus pertences nas longas travessias marítimas.

Eve foi incapaz de esconder sua decepção. Mas não restava outra alternativa além de seguir em frente com seu papel.

— Sua prima me pediu segredo com relação a isso.

— Tenho certeza de que Louise não se referia a mim. Na nossa

família, as esposas sempre contam tudo ao marido.

— Acontece que não sou sua esposa de verdade, lembra-se?

Na mesma hora se arrependeu do que disse. Ele poderia se ofender com a provocação e sair do quarto.

Mais uma vez seus receios não se confirmaram. Jordan fechou os olhos por um momento. Admirando-lhe a beleza do rosto, Eve sentiu os lábios umedecerem de desejo sob o batom que aplicara com tanto cuidado.

— Pelo menos nos dias em que estivermos aqui, na casa de Dora, você é minha esposa.

— Tem certeza? — foi tudo que ela conseguiu perguntar, perturbada pela excitação que culminava em um frio em seu estômago.

— Tenho — Jordan não hesitou em retrucar.

— Ainda assim — objetou Eve, fechando a tampa da frasqueira -, não acho correto quebrar a promessa que fiz a Louise.

Levantou-se e fez menção de levar a frasqueira de volta para o banheiro. Porém Jordan a impediu, segurando-a pelo braço.

— Por favor, não vá.

O toque daqueles dedos produziu um efeito mágico. Eve sentiu o corpo inteiro incendiar.

— Por quê?

Ele não respondeu de imediato. Parecia ter dificuldades para encontrar uma resposta convincente. Assim, apenas insistiu:

— Conte-me, vamos.

Soltou-lhe o braço e se pôs a afagar o dorso de sua mão. Eve respirou fundo. Hesitava, não por causa daquela bobagem de baú, mas com medo que a voz falseasse e traísse suas emoções.

— Está bem. Mas não vá se chocar.

— Eu agüento.

— Você acredita que Louise teve de roubá-lo da própria mãe?

— De fato, é espantoso — disse Jordan, fingindo-se atônito. Na verdade, estava concentrado em fazer suas carícias subirem pelo braço de Eve, até chegar à manga da camiseta que ela vestia. — Nunca soube disso.

— Uma história absurda, mas verdadeira. Blanche queria se

desfazer de vários objetos que considerava inúteis porque estava de mudança para o apartamento em que vive hoje. Colocou vários deles à venda, inclusive o baú. Louise foi lá e pegou-o, junto com mais algumas coisas, sem pedir autorização. Parece que discutiram um bocado depois. ".

— Não encontro palavras para expressar minha consternação — Jordan sussurrou.

Trêmula, Eve colou a frasqueira de novo onde estava, ou acabaria por deixá-la cair. Fechou os olhos para melhor apreciar aquele momento. Cedendo a um impulso repentino, ergueu a mão e colocou-a no peito de Jordan, em cima do coração. Sentiu-o bater, forte e rápido.

— Prometa que não contará a ninguém o que acabou de dizer — pediu, segurando as mãos dele.

Os dedos de Jordan estavam quentes e se fecharam sobre os seus.

— Eu prometo.

— Que tal se selássemos esse compromisso com um beijo? — ela sugeriu, quase sem fôlego, e abriu os olhos.

A expressão no rosto de Jordan mudou de repente. Naquele instante, se a beijasse, não haveria a desculpa de que seria apenas para cumprir o roteiro determinado pelo papel que ambos representavam. Estavam sozinhos no quarto, e ninguém entraria sem bater na porta.

— O que você pensa que está fazendo? — ele murmurou então, em tom baixo e intenso.

Eve não podia se deixar intimidar agora, ou jamais o convenceria de sua necessidade de se relacionarem de igual para igual. Portanto, devolveu-lhe o desafio:

— Eu que pergunto o que você está fazendo. Por que me seguiu até aqui, e o que pretende com suas carícias? Não precisa fazer esse jogo quando não houver ninguém por perto.

Perplexo, Jordan foi sincero ao responder, o que o tornou ainda mais sensual aos olhos de Eve:

— Eu... não sei.

— Mas eu sei — disse ela.

— Então explique — resmungou.

— Muito simples: você gosta desse jogo. Por isso não quer parar,

nem quando estamos sós.

— Verdade?

Aproveitando-se da pequena distância que os separava, Jordan enlaçou-a com os braços e puxou-a contra seu peito. Eve entregou-se para satisfazer um desejo agora quase insuportável. Pouco lhe importava se ele o perceberia ou não.

— Verdade — murmurou, os olhos verdes brilhando muito.

— Eu sinto a mesma coisa. Não quero que você pare.

— Não?

— Não, nunca mais. Porque... — Respirou fundo para criar coragem. — Porque te amo, Jordan.

Os lábios deles se estreitaram.

— Ora, pare com isso, Eve.

Porém ela insistiu:

— Eu te amo. Isso não mudou. Tenho certeza de que seus sentimentos também não mudaram.

— Mandei você parar.

— Podemos resolver nossos problemas. Só depende de você nos dar uma chance...

De repente ele a fez calar-se do modo mais rápido possível: tomando-lhe os lábios nos seus e roubando-lhe um longo beijo.

Para Eve, foi como se a terra parasse de girar e em seguida retomasse seu curso, porém muito mais veloz. Triunfante, apertou-se contra ele, abraçou seu pescoço e suspirou em ardorosa submissão. Oh, quando foi a última vez que deu vazão a seus anseios? Passaram-se dias, semanas, uma vida inteira?

Sentira muito a falta dele. Mas estava determinada a recuperar o tempo perdido, em que ficara privada daqueles beijos arrebatadores. Puxando-o com força, deitou a cabeça para trás, colando-se mais ao corpo rijo do homem dos seus sonhos.

Lábios entreabertos, suas línguas travavam um duelo de amor. Jordan gemeu e suas mãos desceram e subiram pelas costas de Eve.

— Isso é loucura — ele murmurou, traçando uma trilha de beijos pelo pescoço de Eve, até o decote V da camiseta que ela usava.

— Sim, mas que delícia de loucura — disse ela em meio a suspiros, sentindo a respiração quente dele roçando-lhe a pele dos

seios. — Eu não devia fazer isso...

— Oh, devia sim — ela corrigiu, apertando-o com mais força. Porém ele levantou a cabeça. Eve protestou, até sentir o chão desaparecer de sob seus pés. Jordan a carregava para a cama que compartilharam, tão comportados, na noite anterior.

Colocou-a sobre o colchão. Eve abriu os braços para recebê-lo, sedenta de mais beijos e do prazer que só ele podia proporcionar.

Jordan, no entanto, deitou-se ao lado dela. Colados um no outro, seu corpo traía a necessidade premente de se satisfazer. Mesmo assim, ainda encontrou forças para erguer-se e, apoiado no cotovelo, comentar:

— Isso é exatamente o que eu não pretendia fazer...

— Mas é o que você quer... O que nós dois queremos.

— O que aconteceu com você, querida? Desde que desistiu de se casar comigo, não faz outra coisa além de contestar tudo que digo.

Eve exultou. Pela primeira vez era chamada de querida sem haver mais ninguém para ouvir! Sentindo o coração bater mais forte, respondeu:

— Você se cansaria logo de mim se eu fosse do tipo que só diz sim, que abaixa a cabeça para tudo que o marido diz.

— Tem certeza?

— Absoluta. E tem mais uma coisa: eu não desisti de me casar com você.

— Claro que não. Assim como é claro que, de hoje em diante, o sol vai nascer no ocidente e se pôr no oriente.

— Por favor, chega de discussões.,Em vez disso, vamos continuar nos beijando — disse Eve, virando-se de lado para abraçá-lo de novo.

— Já está quase na hora de descermos para o jantar.

— Eu sei. — Suspirou. — Só mais um pouquinho...

Jordan balançou a cabeça. Mas não fez o menor esforço para se afastar.

Nesse instante Eve percebeu manchas avermelhadas em volta dos lábios dele. Devia ser seu batom, que Jordan tirou com seus beijos. Essa idéia a excitou ainda mais. Aconchegando-se contra o corpo dele, estendeu a mão para limpá-lo.

— O que foi? — Jordan perguntou, desconfiado.

— Nada. Você está sujo de batom.

Devagar, muito meiga, passou a mão pelo rosto dele. Os dedos contornaram a boca macia, roçaram a barba áspera, redesenharam seu queixo másculo. Quando iam deixá-lo, Jordan impediu com seus beijos, mordendo-os até, sem tirar os olhos do rosto de Eve.

A saia que ela usava subira quando fora colocada na cama. A mão de Jordan lhe percorreu as costas até chegar a seu joelho. Eve prendeu a respiração ao sentir o calor do toque contra a barreira tênue da meia de seda. Ele continuou a beijá-la enquanto subia e descia a mão pelas curvas de sua coxa.

Afinal deixou-a e, com toda gentileza, fez Eve deitar-se de costas outra vez. Então puxou sua camiseta até descobrir-lhe os seios fartos e delicados.

Eve não conseguiu conter um gemido quando a mão de Jordan fechou-se sobre seu seio, intumescendo-lhe o mamilo debaixo do sutiã. O prazer que experimentou foi tão grande que lhe roubou as forças e impediu-a de continuar acariciando seu rosto.

Jordan aproveitou para inclinar-se e, quase deitado em cima dela, tomar-lhe outra vez os lábios nos seus. Beijou-a como se disso dependesse sua própria sobrevivência. Enquanto isso, seus dedos continuavam a explorar-lhe os seios, enfiando-se por debaixo do sutiã para se deliciarem com a maciez de sua pele nua.

Com um movimento brusco e repentino, porém, Jordan afastou-se. Embriagada pelos seus carinhos, Eve demorou a perceber o que acontecia. Afinal deu-se conta de que não o tinha mais em seus braços, e que em seu seio restava apenas uma dolorosa sensação de vazio.

Em pé ao lado da cama, Jordan ofegava. Olhos injetados, rosto corado, roupa em desalinho, tudo nele transpirava paixão e desejo. Mesmo assim, xingou baixinho e deu as costas a Eve.

CAPÍTULO VII

— Por favor, não faça isso!

Jordan distinguia nitidamente a perplexidade na voz de Eve. Um sentimento que encontrava eco dentro de seu próprio peito. Um arrepio percorreu sua espinha. Mesmo assim, sabia que tomara a atitude correta. Precisava sair dali, precisava se livrar da visão daqueles olhos verdes profundos, daquele cabelo sedoso, do calor daqueles seios macios que ainda lhe queimava a palma da mão. Ha, como era triste saber que emoções que julgava subjugadas continuavam capazes de

gestos tão tresloucados.

— Jordan, eu...

Seu corpo doía de desejo. Arrependido de tê-lo provocado embora soubesse que não seria possível saciá-lo, lembrou que não teria forças para dormir mais uma noite na mesma cama que Eve sem fazer amor com ela. Melhor seriam as cadeiras, o tapete, até passar a noite em claro, a submeter-se àquela tortura.

Fora um grande tolo em acreditar que poderia esquecê-la fácil. Desprezara a intensidade de suas emoções, imaginando refreá-las com a razão. Na verdade, desde o início elas se mostraram fortes e incontroláveis. Tanto que o levaram a propor a Eve aquela farsa, sob a desculpa de que estava preocupado com a saúde de sua avó.

Respirou fundo e virou-se para encará-la de novo. Eve o olhava fixo, ainda atônita com seu súbito recuo. Apesar do cabelo desgrenhado, ao menos ajeitara um pouco a roupa.

Jordan obrigou-se a dizer palavras que contrariavam seu próprio coração:

— Desculpe, fui mais longe do que deveria. Agora precisamos nos vestir e descer. Dora não servirá o jantar enquanto não estivermos todos sentados à mesa.

Eve fez que sim com a cabeça. Queria parecer natural mas dava a impressão de que acabava de sobreviver a um terremoto.

— Oh, claro. Não vamos fazê-la esperar...

Com cuidado para não assustá-la mais do que já estava, Jordan ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar. Confiante como uma criança, Eve a aceitou.

— Obrigada — disse ela, a voz quase inaudível, em pé ao lado da cama.

Por um instante apenas se entreolharam, parados diante um do outro. Ambos só queriam uma coisa: voltar para a cama e acabar o que haviam começado. Não suportando mais a tensão, Jordan disse:

— Eu já volto.

— Está bem.

Podia sentir o peso do olhar dela em suas costas enquanto se dirigia ao armário, pegava uma roupa limpa e entrava no banheiro.

Evitando o reflexo dos próprios olhos no espelho, despiu-se e

tomou um banho frio para acalmar os nervos.

De nada adiantou, porém. Quando voltou ao quarto, já penteado e vestido, encontrou Eve sentada na frente da penteadeira, às voltas com a escova de cabelo. No mesmo instante sentiu voltar o desejo. Quis tomar-lhe a escova da mão e correr seus dedos por aquele cabelo brilhante, macio.

Mas não pôde. Em vez disso, desviou os olhos e fez menção de abrir a porta do quarto.

— Espere. Eu também vou.

Mais que depressa tirou o batom da frasqueira e aplicou-o nos lábios que ele beijara. Em seguida levantou-se e sorriu.

— Estou pronta — disse, aproximando-se com a mão estendida para que ele a segurasse. — Vamos.

Relutante, Jordan obedeceu. E de mãos dadas desceram para o grande jantar de Ação de Graças.

— Muito bem, Jordan — anunciou a prima Louise. — É a sua vez.

A festa terminara. Passava das nove da noite e as crianças já estavam na cama. Espalhados pelo solário e demais dependências da casa de Dora, a maior parte dos adultos se concentrava na sala de estar. Revezavam-se rememorando ou contando novas histórias da família.

Jordan, encostado na parede próxima à cadeira de Alma e com um braço em volta da cintura de Eve, ergueu os olhos.

— Minha vez do quê?

— De falar.

— Como assim?

— Eu quero saber tudo sobre você e Eve — Louise insistiu. — Nenhum de nós sabe direito como vocês se conheceram, nem pudemos comparecer à cerimônia do casamento. Portanto, trate de nos contar tudo, do começo ao fim. Cada detalhe, inclusive os íntimos — brincou. — Se achar que é possível, claro.

Eve sentiu Jordan se retesar, mas quando ele respondeu, sua voz soou leve e despreocupada.

— Não há muito para contar. Além do que, nunca fui muito bom nesse tipo de coisa.

Louise não se deu por vencida.

— Tudo bem. Se é assim, deixe-me ajudá-lo. Poderia começar

dizendo como foi o casamento em Tahoe.

— Bem, eu...

De repente lhe faltaram as palavras. Todos o observavam cheios de curiosidade. Provavelmente pensavam que, como todos os homens, ele relutava em se abrir e revelar o que sentiu no momento mais importante de sua vida. Só ele e Eve conheciam a verdade. Jordan hesitava por não querer contar mais mentiras a respeito de um casamento que nunca aconteceu.

Para surpresa de todos, Alma, até o momento calada, sugeriu:

— Talvez uma outra hora...

Eve olhou de relance para a velha senhora e viu uma expressão de ansiedade surgir e desaparecer muito depressa em seu rosto. Tentou imaginar se ela suspeitava de alguma coisa, mas concluiu que seria absurdo. Se fosse esse o caso, com certeza já teria tocado no assunto com o neto, ou com ela própria. Louise, como de costume, não se deixou convencer.

— Ora vamos, Jordan. Pelo menos alguns detalhes mais picantes...

— Oh, pare com isso, Louise — ordenou Blanche, parada atrás da filha, junto da porta do escritório.

— Não. Eu quero saber.

— Eu sei, querida — disse Blanche. — Mas isso não significa que Jordan deva se sentir na obrigação de lhe contar.

Louise fungou.

— Muito obrigada pela ajuda, mamãe. Mas ainda existem pessoas nessa família preocupadas em manter a tradição. Isso inclui o interesse em compartilhar das lembranças mais preciosas de cada um. — Com ar de pouco caso, acrescentou: — Principalmente quando associada a alguma coisa ou objeto.

— Ora, pelo amor de Deus — exclamou Blanche, e lançou um olhar exasperado aos céus. — Você insiste em guardar rancor contra mim por causa daquele lixo velho?

— A senhora tem coragem de chamar o baú do meu pai de lixo? Ou a prataria da vovó Mary?

As reuniões de família costumam ter seus inconvenientes. Permitem que seus membros dêem vazão às desavenças, ainda que

sob pena de constrangerem os demais presentes. Os McSwain não eram exceção.

Louise transformara-se na própria encarnação do orgulho ferido, fazendo com que todos os seus parentes se entreolhassem, incomodados.

— Você não tem nada de que reclamar, Louise — respondeu Blanche, sem perder a calma. — Afinal, ficou tudo para você.

Nesse instante Kevin segurou com firmeza a mão da esposa e sugeriu que deixassem a discussão para um momento mais oportuno.

— Oh, está bem — reclamou Louise, mal-humorada. — Mas ainda insisto em que Jordan nos conte alguma coisa do seu casamento.

Em todos os cantos da sala, os membros da família se alvoroçaram. Imaginavam que seria uma excelente alternativa para dissipar a tensão que se instalara ali dentro.

Durante um incômodo minuto ninguém falou. Até que Nancy, sentada junto da lareira, também convidou:

— Por favor, Jordan. Conte-nos como foi.

Do sofá, Camilla acrescentou:

— Deve ter sido tão romântico... Como fugir de casa com o namorado. Tenho certeza de que vamos adorar sua história.

Seguiu-se um coro de vozes masculinas e femininas, jovens e envelhecidas, incitando-o a descrever seu casamento.

Eve compreendia a resistência de Jordan. Até o momento o papel que representavam não exigira muito dele. Mas agora o obrigavam a inventar situações, a pintá-las com cores vibrantes. Pediam ao ator que inventasse uma parte da peça em que o autor não pensara. Para evitá-la, no entanto, só lhe restava declarar a verdade.

Eve sabia o que precisava ser feito. Assim, voltou-se para ele e, sorrindo, pediu:

— Deixe que eu conto, querido.

Um murmúrio de aprovação — para não dizer de alívio — percorreu a sala. Eve teve a impressão que lhe tirara um enorme peso dos ombros quando Jordan respondeu:

— Você é quem sabe. — Sorrindo, completou: — A platéia é toda sua.

Jordan entrou no quarto atrás de Eve. Fechou a porta e encostou-

se nela. Não se preocupou em acender a luz. Preferiu observá-la apenas sob o luar que se infiltrava pelos galhos do castanheiro e o vidro fechado da janela.

— Quer dizer que eu fiquei tão emocionado que você quase nem me ouviu dizer sim?

— Gostou do detalhe? — Eve perguntou, tirando os brincos e colocando-os em cima da penteadeira. — As mulheres adoraram, eu lhe asseguro.

— Não sou do tipo que se emociona a esse ponto.

— Eu sei. Por isso mesmo ficaram tão impressionadas com o fato.

— Ora, que absurdo! — Jordan exclamou.

Exausta, Eve deixou-se cair na cadeira da penteadeira e reclamou:

— Afinal, ficou satisfeito com meu trabalho ou não?

— Claro que sim.

Depois de um instante, acrescentou:

— Obrigado.

— Às ordens.

Sentiu vontade de rir mas se controlou. Estava satisfeita com o desenrolar dos acontecimentos. Aos poucos Jordan aprendia a conhecê-la e a sua personalidade forte, marcante.

Além disso, gostou tanto da própria atuação que, em dado momento, chegou a acreditar que tudo aquilo realmente ocorrera de verdade. Não poupou a criatividade para inventar uma história rica de lances emocionantes e divertidos ao mesmo tempo. Tinha plena convicção de que os parentes de Jordan não se esqueceriam tão cedo da troca de malas no aeroporto, do tropeção que o padre deu no degrau do altar, do hotel maravilhoso em que se hospedaram e da alegria das crianças brincando na piscina.

Jordan também se divertira bastante. Ria com os demais com a narração dos fatos cômicos e, Eve tinha quase certeza, engolia em seco quando ela descrevia suas emoções.

— Você esteve ótima essa noite — ele confessou, após tanto tempo em silêncio. — Incomparável. Ninguém imagina que minha linda esposa é uma impostora.

Embora sem a intenção de ofender, suas palavras mexeram com

Eve e ela sentiu vontade de chorar. No entanto, a determinação de provar que não havia nada de falso no amor que lhe devotava nutriu-a da força necessária para conter as lágrimas.

— Posso usar o banheiro primeiro? — perguntou, encarando-o pelo espelho da penteadeira.

Jordan desviou os olhos como alguém que vê algo proibido e quer que todos acreditem que não viu nada.

— Sem problemas. Vá em frente — disse, aproximando-se da mala aberta em cima da cômoda baixa, perto da cama.

Eve levantou-se e entrou no banheiro. Acendeu a luz assim que fechou a porta. A claridade cegou-a por um momento, acostumada que estava ao quarto semi-escuro.

Livrou-se rapidamente das roupas e vestiu a camisola de flanela que deixara pendurada atrás da porta. Limpou o rosto da maquiagem e escovou os dentes. O tempo todo tomou o cuidado de não se preocupar com o que aconteceria a seguir, quando retornasse ao quarto em que a esperava a enorme e única cama.

Se o incidente daquela tarde teve algum significado para Jordan, seriam amantes de novo quando rompesse a manhã. Na verdade, mais que satisfazer as necessidades do corpo, ansiava por tranqüilizar sua própria alma. Queria contar com uma maior compreensão da parte dele. Ainda tinham muito que conversar.

Talvez, quando voltasse para o quarto, pudessem sentar e esclarecer de uma vez por todas seus desentendimentos. Se conseguisse realizar o desejo do seu coração, aquela noite representaria o começo de uma vida que construiriam juntos até a eternidade.

A mão de Eve tremeu antes de alcançar e girar a maçaneta da porta do banheiro.

— Jordan? — chamou, incapaz de vê-lo agora que seus olhos haviam se acostumado à claridade.

Atrás dela, a luz do banheiro derramava-se no quarto iluminado antes apenas pelo luar.

— Sim?

Jordan virou-se para encará-la, revelando onde se encontrava. Havia tirado o suéter. Seu peito nu coberto de pêlos dourados, brilhava na escuridão.

— Pode entrar.

— Obrigado.

Passou por ela a passos silenciosos. Eve baixou os olhos e, de relance, notou que Jordan tirara os sapatos e as meias. Mas em seguida ele desapareceu no interior do banheiro.

Ansiosa, Eve olhou fixo para a réstia de luz ao redor da porta fechada. Para que não aumentasse seu medo do que estava por vir, dobrou as roupas usadas, arrumou a mala, remexeu mais um pouco na frasqueira.

Depois disso, sem nada para fazer, sentou-se na beirada da cama, as mãos descansando no regaço, e ficou entretida com as sombras das folhas do castanheiro que a lua projetava na vidraça.

Apesar da demora, quando Jordan retomou, ainda de calça, Eve continuava não se considerando pronta para enfrentá-lo. Tentou imaginar se ele também estava nervoso.

Mas concluiu que não. Seguindo cada movimento dele pelo quarto, percebeu que Jordan agia como se nada de excepcional tivesse acontecido. Inclusive quando lembrou que esquecera a luz do banheiro acesa e voltou para apagá-la.

Sobressaltou-se ao ver que se aproximava. Não sabia o que esperar, que atitude ele tomaria.

Alheio aos sentimentos que provocava, no entanto, Jordan estacou bem a seu lado e disse:

— E agora, Eve?

— Oh, Jordan, eu...

— O quê?

— Acho que precisamos ter uma longa conversa.

— Sobre que assunto? — ele perguntou sem hesitação.

— Bem... Sobre nós dois.

Jordan não disse nada e seu silêncio a intimidou. Esperava que ele concordasse ou que a incentivasse a continuar, ao menos com um gesto qualquer.

Gostaria de pensar em uma forma espirituosa de começar. Porém toda a presença de espírito e inteligência que demonstrara diante da família reunida lá embaixo a abandonara, justo no momento em que mais precisava.

Ocorreu-lhe então que o episódio daquela tarde não fora de todo inútil. Jordan comentara que não havia futuro para eles. Cada qual devia seguir sua própria vida e esquecer que um dia se conheceram e se amaram. Mas, se tinha tanta convicção disso, por que não resistiu à tentação de beijá-la? Mais, como explicar o desespero com que a tomara em seus braços e a levara para a cama?

Pensando assim, Eve criou coragem e disse:

— Para ser franca, eu... espero que você tenha mudado de idéia. Quero tentar mais uma vez, pois acho que nosso relacionamento pode dar certo.

Apesar de escuro, teve a impressão de que Jordan a estudava.

— O que significa "tentar mais uma vez" para você?

— Significa continuarmos juntos, não impor barreiras, enfim, nos conhecermos melhor.

— Está sendo muito vaga — ele reclamou. — Além do mais, não acredito em tentativas. Ou você faz, ou você não faz. Em geral, quem vive tentando nunca sai do lugar. Às vezes é só uma desculpa para não precisar se comprometer.

— Eu sei, mas...

Não foi capaz de completar a frase. Sabia que ele tinha razão. Era pegar ou largar. Se quisesse tê-lo como companheiro para o resto da vida, chegara o momento de tomar a decisão. Ou se arriscava a enfrentar o que desse e viesse, ou virava as costas para nunca mais tornar a vê-lo.

Lembrou de Teddy Tanner. O ex-marido passou como um furacão por sua vida. Deixou como saldo duas crianças inocentes para ela criar, e o pavor de envolver-se emocionalmente outra vez.

Havia alguma possibilidade de acontecer a mesma coisa com Jordan? Não, em absoluto. Os últimos dois dias, se não serviram para reuni-los, ao menos lhe deram essa certeza. Ele cumpriria a palavra empenhada custasse o que custasse. A dedicação que devotava a Alma, a ponto de se sujeitar àquela encenação, era a maior prova disso.

— E então? — Jordan perguntou, impaciente.

De repente ela se deu conta de que permanecera calada um longo tempo. Mesmo assim, o máximo que conseguiu foi balbuciar:

— Eu...

— Vamos, Eve. Diga de uma vez.

Ela endireitou os ombros e respirou fundo.

— Você tem toda razão.

— Com relação a quê?

— Com relação ao que acaba de dizer. Concordo que tentar não é o bastante.

— Q-que bom — Jordan gaguejou, surpreso.

— E isso quer dizer que...

— Sim?

Parecia ansioso em ouvir o que ela tinha a dizer. Eve levantou-se da cama e, olhando firme na direção daqueles olhos negros que uma chama interior fazia brilhar, concluiu:

— Se ainda me quiser, eu aceito casar com você, Jordan. De verdade, dessa vez. E quando você achar melhor.

CAPÍTULO VIII

Jordan olhou fixo para o rosto cheio de esperança de Eve. Apesar da aparente tranqüilidade, tinha a impressão de que seu peito ia explodir de alegria. Ela concordara em se casar afinal.

Mas de repente lembrou que já vivera situação idêntica não fazia muito tempo. Eve aceitara seu pedido de casamento, para então voltar atrás. A dor que causou era profunda demais para que deixasse de levar em consideração naquele instante.

— Jordan? — ela chamou, ansiosa.

— Esqueceu que assumiu o compromisso de se casar comigo uma vez e depois mudou de idéia? — perguntou, a raiva transbordando em sua voz.

Eve estendeu as mãos macias na direção dele, implorando compreensão com o gesto.

— Eu Estava com medo.

— E passou seu medo?

— Bem... na verdade, não de todo. Mas não vou mudar de idéia. Dessa vez eu tive tempo para pensar e tomar uma decisão definitiva.

Para aumentar ainda mais a aflição de Jordan, bastava que olhasse para ela para morrer de vontade de beijá-la, abraçá-la, tirar seu robe e correr as mãos pelas curvas de seu corpo...

Na tentativa de aliviar um pouco a tentação, virou-se para a janela e fixou o olhar nos galhos do castanheiro.

— Jordan, por favor, não me dê as costas — Eve pediu. — Fale comigo.

Embora relutante, fez o que ela pediu. Mas explicou:

— No momento não quero mais discutir esse assunto. Amanhã será um outro dia. Aí então, mais calmos, a gente conversa.

— Mas eu tinha a esperança de que pudéssemos...

— Ouça apenas! — ele gritou, para logo em seguida baixar o tom de voz. — Tem acontecido muita coisa nesses últimos dias. Prefiro aguardar até que acabe esse fim de semana. Depois, veremos. Certo?

Eve não conseguia desviar os olhos do rosto dele, nem impedir que notasse as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

— Eu já entendi — sussurrou, desconsolada.

— Não faça conclusões precipitadas — Jordan a advertiu. — Vamos aproveitar esses dias para pensar melhor. Para ter certeza.

— Eu tenho certeza.

— Ótimo. Então não fará mal algum esperar mais um pouco.

Ela ficou em silêncio um instante. Afinal, resignou-se:

— Está bem. Adiaremos o problema para o próximo domingo, quando voltarmos para casa.

Resolvido esse problema, um outro voltou a ocupar as preocupações de Jordan: a cama. Nada o faria passar outra noite deitado ao lado de Eve. Seu corpo não resistiria a tamanha tortura. O desejo que sentia se tornara insuportável. Só para satisfazê-lo seria capaz de se comprometer a tudo que Eve quisesse antes do romper da aurora.

— Por que não se deita? — sugeriu então. — Preciso voltar lá para baixo.

Assim dizendo, calçou outra vez as meias e os sapatos e foi até a mala pegar o suéter.

— Jordan, eu... — Eve começou, confusa. Porém ele logo a interrompeu:

— Não precisa me esperar, está bem?

E saiu sem lhe dar a chance de dizer mais nada.

— Mamãe! Mamãe! Posso entrar?

Eve abriu os olhos assustada e gemeu. As costas lhe doíam e o pescoço estava duro graças à noite maldormida. Mesmo assim, a cama feita, intacta, foi a primeira coisa que chamou sua atenção.

— Mamãe!

Afinal levantou-se da cadeira de balanço em que adormecera a espera de Jordan. Esfregou a nuca na esperança de aliviar um pouco a tensão, enquanto aos poucos se dava conta de que já amanhecera, Jordan em momento algum retornara ao quarto e...

— Mamãe!

— Mamãe!

É que seus filhos a chamavam do corredor. Os pés pesados como se tivesse envelhecido anos de um dia para o outro, foi até a porta e abriu-a.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou. Dois pares de olhos arregalados a observaram.

— Pensei que você fosse dormir o dia inteiro — Wesley reclamou.

Lisa, porém, abriu um largo sorriso e estendeu os braços para pedir colo, exclamando:

— Mamãezinha!

Eve pegou-a e lhe deu um sonoro beijo no rosto. Em seguida curvou-se e fez o mesmo com o filho. Teve a impressão de que ele pensara em impedi-la mas no último instante resolvera ser mais condescendente.

— Vocês já estão vestidos? — perguntou, surpresa, reparando melhor.

— Eu me visto sozinho faz muito tempo — Wesley informou-a, orgulhoso.

— Eu sei. Aliás, fez um excelente trabalho.

Uma mentira desculpável, em se tratando da mãe preocupada em incentivar o filho. Wesley usava tênis branco, meias vermelhas, calça verde e camiseta amarela. Gostava de estar presente quando ele escolhia as roupas, para poder aconselhá-lo e evitar uma combinação de cores tão gritante. Porém o sono, aliado ao cansaço da espera, fez com que adormecesse na cadeira de balanço e perdesse a hora.

— A titia Dora vestiu Lisa — explicou Wesley, sorrindo de

satisfação por causa do elogio que recebera. — Ela e a vovó Alma disseram que era para deixar você dormir até a hora que você quisesse.

Colocando Lisa no chão, Eve consultou o pequeno relógio de viagem que deixara na mesinha de cabeceira. Deus do céu, quase onze horas!

Wesley continuou tagarelando:

— Mas você nunca que acordava. Kendrick saiu com a mãe dele. Acho que foram na casa de um parente. De criança só ficou eu e a Lisa. Cansamos de esperar você. Já está quase na hora do almoço.

— Eu sei. — Eve aproveitou a pausa do garoto para perguntar, no tom mais casual possível: — Hum, querido... Você viu Jordan esta manhã?

Arrependeu de ter cedido à curiosidade quando viu a súbita transformação que se operou em Wesley. Na mesma hora seu rosto retomou a expressão obstinada do dia da viagem. Apesar do mal-humor, no entanto, ele respondeu:

— Vi.

— Ele está lá embaixo?

— Estava. Ele saiu.

— Quando?

De repente Wesley afastou-se rumo a cabeceira da cama, atraído pelo relógio. Virou-o de todos os lados, examinando-o com atenção. Parecia que não ouvira a pergunta da mãe.

Intrigada com o estranho comportamento do filho, Eve resolveu sondá-lo um pouco, deixando Jordan para mais tarde. A voz muito meiga, chamou:

— Wes?

O menino não se voltou. Parecia saber que ela tocaria em um assunto que não tinha o menor interesse em discutir.

— Há algum problema entre você e Jordan? — Eve insistiu. Não obteve resposta. — Wesley, por favor, olhe para mim.

Ainda segurando o relógio, ele obedeceu.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Não ouvi.

— Quero saber se existe algum problema entre você e Jordan.

— Problema? — Wesley repetiu, cínico, como se não tivesse entendido a que ela se referia.

— Isso mesmo. Problema. Tenho a impressão de que aconteceu alguma coisa que deixou você chateado com ele. Estou certa?

Wesley baixou rápido os olhos para o relógio outra vez.

— Não, mamãe.

— Tem certeza?

O relógio tinha um estojo de couro que dobrava e servia de apoio. Em vez de responder, Wesley começou a abri-lo e fechá-lo sem parar.

Enquanto conversavam, Lisa subira na cadeira de balanço e agora gritava de alegria:

— Upa-upa! Viva!

— Mais devagar ou serei obrigada a tirá-la daí — disse Eve. — Entendeu?

Lisa fez que sim com a cabeça e diminuiu a velocidade da cadeira.

Eve tornou a se concentrar no menino. Cansada da provocação, adiantou-se e tomou-lhe o relógio de viagem das mãos. Wesley não teve outra alternativa senão encará-la.

— Por que não quer conversar comigo sobre Jordan?

— Não sei — ele respondeu, dando de ombros.

Eve sentiu vontade de desistir. Estava encontrando dificuldades para conversar com o filho quase tão grande quanto para chegar a um bom termo com Jordan. Mas obrigou-se a perseverar.

— Você diz que não sabe. Mas tenho notado que, quando Jordan lhe pede alguma coisa, você faz cara feia e às vezes chega a ser malcriado. Por quê?

Wesley olhou para a mãe como se ela falasse uma língua estrangeira, da qual não fosse capaz de entender uma palavra.

— Desse jeito não vamos chegar a lugar nenhum — disse Eve. — Prefere que eu peça a Jordan que discuta o problema com você?

Ele deu de ombros de novo e respondeu:

— Ele não vai querer.

— Como assim? Acha que Jordan não quer falar com você; é isso?

— Não sei. Posso ver o relógio mais um pouco? Por favor,

mamãe?

Eve suspirou.

— Não. Ele vai ficar exatamente onde estava — disse Eve, colocando o relógio de volta na mesinha de cabeceira. — Se ficar mexendo muito, você pode quebrá-lo.

Em seguida resolveu dar uma trégua a Wesley.

— Vou tomar um banho rápido. Olhe sua irmã para mim, está bem?

Enquanto se dirigia ao banheiro, tentou imaginar se foi apenas impressão sua ou se de fato viu a tensão desaparecer do rosto do filho, dando lugar a um profundo alívio.

De repente sentiu muita pena dele. Gostaria de jurar que Jordan não o abandonaria como fez o pai. Mas dadas as circunstâncias, tal promessa seria uma irresponsabilidade de sua parte. Mesmo porque, pensando bem, essa era uma afirmação que não cabia a ela fazer, mas sim ao próprio Jordan.

Quando Eve e as crianças desceram, Niles ocupava seu posto costumeiro. Fatiava as sobras do peru na cozinha e preparava sanduíches deliciosos. Alma e Dora estavam sentadas à mesa do café no solário. Tão logo a viu, Lisa correu para o colo da avó. Wesley preferiu se entreter com as peças de dominó, espalhadas em cima de uma mesa baixa no canto da sala. Reordenou-as, construindo novos prédios e estradas.

Eve achou todos muito calados. Haveria uma certa ansiedade naquele silêncio?

— Acho que dormi demais — desculpou-se, dando uma risada nervosa.

— Bobagem. — Dora de repente parecia atarefada. — A gente tem o direito de dormir quanto quiser quando está em lua-de-mel. Sente-se. Niles — chamou -, traga uma xícara de café bem quente para essa menina.

A súbita agitação de Dora deixou Eve ainda mais apreensiva.

— Não precisa, eu vou buscar...

— Nada disso — Dora insistiu, batendo no encosto da cadeira a seu lado. — Sente-se aqui. Niles já vem vindo. Ha, aí está.

Pegou a xícara de café das mãos do marido.

— Obrigada, querido. — Tornou a se dirigir a Eve. — O que prefere, comer alguma coisa agora ou esperar o almoço?

— Quando passei pela cozinha tio Niles estava preparando uns sanduíches que me pareceram bastante apetitosos. Gostaria de provar um, se não tiver problema.

— Já está saindo — disse Niles, todo contente.

Eve tomou o café sob os olhares afetuosos de Alma e Dora. No entanto, não lhe saía da cabeça a impressão de que havia algo de errado. De repente caiu em si: todos naquela casa deviam saber que a esposa de Jordan passara a última noite sozinha.

Embaraçada, não teve como evitar que o sangue lhe tingisse as faces. Porém Eve era uma mulher determinada. Resolveu que não se abalaria, o que quer que pensassem a seu respeito ou de seu suposto casamento.

— O café está muito bom.

— Niles acabou de coar.

Eve olhou a sua volta.

— Wesley comentou que a maior parte do pessoal saiu.

Dora apressou-se a explicar:

— É verdade. Denise, minha última filha antes da caçula, está fazendo a genealogia da família e queria que Carla desse uma olhada. Nancy foi junto para ajudar e levou Kendrick e Phyllis com ela.

— Matt e Jordan também saíram? — Eve perguntou, tentando manter um tom de voz despreocupado e ignorar o olhar de relance que Dora trocou com a irmã.

Mas quem respondeu foi tio Niles, da cozinha:

— Hoje vai passar um dos jogos de futebol mais importantes da temporada. E Reggie Jr., o filho mais velho de Blanche, tem uma televisão gigantesca em casa.

— Ha, esses homens — Eve comentou, divertida. — Fazem qualquer coisa para não perder uma partida.

— Jordan pediu para avisá-la que estará de volta no máximo às quatro da tarde — disse Alma.

— Foi? — Eve perguntou, lamentando que sua voz traísse um inevitável tom de ansiedade.

— Sim.

Alma, preocupada em impedir que a irrequieta Lisa caísse do colo, lançou-lhe um sorriso animador.

Eve retribuiu e tomou mais um gole de café. Por um instante reconfortou-se pensando que Jordan, embora não tivesse voltado para o quarto na noite anterior, nem a havia esperado para fazerem juntos o desjejum, ao menos se preocupara em lhe deixar um recado. Mas então lembrou que com certeza ele só o fizera em consideração a avó e aos demais membros de sua família.

Niles entrou no solário, carregando um prato com o generoso sanduíche que preparara para ela.

— Você gosta mais de carne branca, acertei?

— Na mosca — Eve ainda conseguiu brincar. — Muito obrigada. O senhor é muito gentil, tio Niles.

Louise chegou à casa de Dora perto da uma hora da tarde.

— Olá, todo mundo. Só estou de passagem. Não posso ficar mais que um minuto. Preciso preparar o frango para o jantar dessa noite. Sem falar na montanha de roupa das crianças que tenho para lavar. Ouvi dizer que os rapazes foram todos para a casa de Reggie. Kevin também foi. Vai voltar para casa lá pelas seis horas, morto de fome.

De repente reparou em Eve e perguntou:

— Você está tão quieta. Algum problema?

— Não, está tudo ótimo.

— Há, já sei. Ficou chateada porque Jordan a deixou sozinha para assistir a um jogo de futebol.

— Não, em absoluto, Louise.

— Ora, comigo você pode ser franca — insistiu, teimosa. — Pode ser apenas impressão, mas acho que os pombinhos tiveram sua primeira rusga.

— Dessa vez você se enganou.

Sentadas ao redor da mesa do café da manhã, Eve tentou imaginar qual seria a reação dos presentes se de um salto agarrasse a prima pelo pescoço e a sufocasse até fazê-la se calar.

— Louise — Dora interveio em seu favor -, não seja tão invejosa da felicidade alheia.

— Invejosa, eu? — Louise ofendeu-se e corou na mesma hora. — Mas que absurdo!

Dora sorriu e, enquanto se levantava para brincar um pouco com Wesley e os dominós, retrucou:

— Foi só uma brincadeira, minha querida. Só uma brincadeira.

Da cozinha, Niles perguntou:

— Louise, o frango que você está preparando é aquele com castanhas?

— Eu nunca coloco castanhas no frango. Mamãe tem esse costume. Adora inventar receitas esdrúxulas. Enfim, você sabe como ela é...

O assunto preferido de Louise era o desinteresse do marido, depois de vinte anos de casamento. Em segundo lugar, falar mal da mãe.

Ela foi embora pouco depois das três, assim que Nancy, Carla, Kendrick e Phyllis, a bebê, retornaram. Carla anunciou que gostaria de levar as crianças a um parque de diversões chamado Fun Circus. Para não ceder a um crescente desespero, Eve prontificou-se para acompanhá-la, no que foi imitada por Nancy.

Subiram todos na caminhonete de Dora e rumaram para o outro lado da cidade.

Fun Circus era um lugar barulhento e superlotado, o que agradou Eve. Mãos e olhos ocupados com Lisa e Wesley, seria uma forma de se distrair da obsessão por Jordan.

Por volta das cinco da tarde, Nancy sugeriu que dessem de comer às crianças antes de voltar, Eve, querendo provar para si mesma sua capacidade de superar a vontade de rever Jordan, embora acreditasse que àquela hora ele já estaria na casa de Dora, concordou prontamente.

Passava das oito horas quando regressaram para Autumn Lane. Nancy e Eve subiram direto para o quarto, com quatro crianças sonolentas a reboque. Eve deu banho em Wesley e Lisa, colocou-os na cama e lhes desejou boa noite com um beijo na fronte. Junto à porta, virou-se para ver se estava tudo bem e sorriu. Os dois já tinham adormecido.

Já no corredor, fechava a porta com todo cuidado quando quase trombou com Jordan.

— Olá — ele cumprimentou-a, sorridente.

A proximidade daquele corpo másculo, sólido e forte como uma

rocha roubou-lhe o fôlego. Mais ainda quando notou que a tarde assistindo o jogo de futebol pela televisão o deixara de excelente humor.

Mas então a angústia da situação delicada que viviam tornou a invadi-la e Eve recuou.

— Silêncio — pediu. — As crianças estão dormindo.

— Desculpe.

— Faz tempo que você chegou?

— Meia hora, mais ou menos. Estava conversando com a vovó. Ficou com raiva por causa da demora?

— Por que ficaria? — Eve retrucou, orgulhosa demais para dar o braço a torcer. Sarcástica, perguntou: — Teve uma tarde agradável?

— Ha, nada como passar algumas horas com os rapazes — Jordan respondeu, sempre sorrindo. — Assistimos a um jogo de futebol, bebemos cerveja, conversamos, rimos muito. Depois disso a gente se sente com disposição para tudo. — E acrescentou: — Inclusive para enfrentar a hostilidade da esposa...

— Pare com isso — Eve reclamou, encabulada com a brincadeira. — Pode parar de representar, não tem ninguém aqui além de nós.

Nesse exato momento Kendrick saiu do banheiro no final do corredor. Parecia exausto ao passar por eles a caminho da cama. Tanto que nem os notou.

Mesmo assim, Eve sugeriu:

— Vamos para nosso quarto.

Tomou a dianteira e não olhou para trás para saber se era seguida. Assim que entraram, porém, Jordan fechou a porta e acendeu a luz.

— Você não me avisou que ia ficar o dia inteiro fora — disse ela, virando-se para encará-lo.

— Deixei recado com Alma.

— Em consideração a sua família, não a mim.

— Ora vamos, Eve. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Pelo que me disseram lá embaixo, você também não ficou em casa.

— Cedo ou tarde, até uma recém-casada se cansa de ficar esperando.

Jordan deu de ombros.

— Quer que me desculpe? Ainda acho que não fiz nada errado, mas peço desculpas. Está bem assim?

— Não — Eve retrucou na mesma hora. — Onde dormiu a noite passada?

— Deitei um pouco no sofá da sala e acho que acabei pegando no sono.

— Espera que eu acredite nisso? — perguntou Eve, furiosa.

— Acredite ou não, foi o que aconteceu.

Engolindo em seco para controlar a raiva, ela insistiu:

— Quer dizer que pretendia voltar para cá?

Jordan não respondeu de imediato. Afinal, disse apenas:

— Quer dizer que adormeci no sofá e só acordei hoje de manhã.

Eve teve vontade de agarrá-lo pelos ombros e lhe dar um safanão. Raciocinando melhor, no entanto, chegou à conclusão de que esse tipo de atitude só serviria para tornar ainda mais delicado o relacionamento entre eles.

— Fui tratada como se morressem de pena de mim. Dora e Alma sabem onde você dormiu?

— É possível — disse Jordan, apático. — Acordei um pouco depois das sete, com tio Niles parado ao lado do sofá e me oferecendo uma xícara do café que tinha acabado de coar.

Eve ficou atônita.

— Acho estranha sua indiferença, depois de todo o trabalho que teve para armar essa encenação.

— Até os recém-casados se desentendem de vez em quando. Não creio que mais alguém dê tanta importância ao fato quanto você, minha querida.

A repetição do termo carinhoso a fez erguer o tom de voz:

— Escute aqui. Quando estivermos sozinhos, não me chame de "querida". Pelo menos, enquanto não tivermos resolvido nossa situação.

Um sorriso enlouquecedor de tão sensual brincou nos lábios dele.

— Como você quiser, querida.

Espantada, Eve sentiu-se impotente para dizer qualquer coisa. De repente estranhou a roupa de Jordan. A calça marrom e a camisa bege não eram as mesmas que ele usava quando deixou o quarto, na noite

anterior. Essa constatação só fez reacender-lhe a raiva.

— Você trocou de roupa — acusou.

— Existe alguma lei contra isso?

— Claro que não. Mas por acaso entrou aqui hoje cedo, enquanto eu dormia?

— Não. Subi quando voltei da casa do Reggie e tomei banho. Porquê?

Percebendo que sua hostilidade não a levaria a parte alguma, Eve sentou-se na beirada da cama, respirando fundo para se acalmar.

— Bobagem minha — respondeu afinal. Baixou os olhos para as mãos e pediu: — Desculpe, não tinha a intenção de discutir com você...

Seu evidente desânimo conseguiu atingi-lo onde as palavras ásperas falharam. Quando tornou a encará-lo, surpreendeu-se com um olhar cauteloso e preocupado. Mesmo assim, Jordan limitou-se a dizer

— Que bom.

— Promete ser franco comigo?

— Claro.

— Por que não voltou para o quarto essa noite?

— Porque precisava ficar sozinho um pouco — disse ele em tom monótono. — Eu queria pensar.

— Em quê?

— Em nós. Na possibilidade de acabar de uma vez por todas com essa maluquice e contar a verdade a todos.

— E chegou a alguma conclusão? — Eve murmurou.

Jordan esfregou os olhos como se estivesse muito cansado.

— Sim. Lembrei de Alma segurando Lisa no colo e cantando a mesma música que cantava para mim quando eu era criança e decidi que, por maiores que sejam os problemas, vou continuar até o fim. — Caminhando pelo quarto, continuou: — Você não imagina a alegria que lhe proporcionamos. Nem que seja apenas por um final de semana, quero retribuir um pouco da felicidade que vovó sempre me deu.

Hesitante, Eve arriscou dizer:

— Mas se nos casássemos realmente...

Jordan estacou e voltou-se para encará-la:

— Por favor, não insista, está bem?

— Mas...

— Você concordou — ele a interrompeu, firme.

Eve queria estrangulá-lo por impedi-la de falar, por fechar sua mente e coração daquela maneira. Ha, se pudesse voltar no tempo, não o deixaria sair do quarto depois da conversa da noite anterior. Dessa forma, Jordan não ficaria um dia inteiro longe dela. Ele aproveitara para revigorar as forças e a determinação de esperar até que voltassem para casa e só então lhe dar uma resposta definitiva. Enquanto isso, era obrigada a aguardar calada, sufocando o torturante desejo que a presença dele, todo charme e sensualidade, piorava muito.

— Não quer descer comigo? — disse Jordan, meigo outra vez. — Tio Niles quer reunir um grupo para jogar canastra.

Eve aceitou a mão que ele oferecia. Ao sentir-lhe os dedos fecharem em volta dos seus, lembrou-se que, por difícil que fosse, não podia desistir. Na verdade, percorrera um longo caminho desde a última vez que esteve na casa da praia. Saíra de lá achando que nunca mais tornaria a vê-lo. E no entanto...

Se Jordan não concordara em lhe dar uma chance, ao menos deixara de insistir que estava tudo terminado. Podia ser pior. Ou melhor, desde que não vacilasse em aproveitar as poucas oportunidades que ele lhe desse.

Assim pensando, quando Jordan puxou-a delicadamente em direção à porta, não lhe ofereceu resistência. Concentrou-se na esperança do que ainda estava por vir e ignorou a crescente ansiedade que lhe machucava o coração.

CAPÍTULO IX

Jogaram canastra até a meia-noite e então Jordan e Eve subiram juntos para dividir a cama de casal como na primeira noite: lado a lado, porém a quilômetros de distância um do outro. Uma noite de insônia para ambos, a maior parte do tempo.

Pela manhã foram corteses um com o outro na hora de se revezarem para tomar banho. Durante o dia, diante da família, Jordan mostrou-se terno e afetuoso. Mesmo sozinhos foi bastante gentil com ela.

Para Eve, no entanto, isso não bastava. A palavra empenhada, de que não tocaria no assunto do casamento até voltarem para casa, fazia com que se sentisse como uma criança que, de castigo, vê-se presa

entre as quatro paredes de um quarto escuro em um dia ensolarado de verão.

Louise passou pela casa de Dora por volta da uma da tarde, como no dia anterior. Conversaram durante uma hora. Ou melhor, Eve a ouviu, esforçando-se para parecer interessada e usando no rosto a expressão tranqüila de esposa feliz. Jordan lhe fez companhia, de forma que a prima bisbilhoteira não suspeitou de nada. Ele reconhecia a ameaça que ela representava para a encenação. Tão atencioso e amoroso, Louise foi embora morrendo de inveja de Eve.

Quase na hora do jantar, Nancy revelou a grande surpresa que reservara para os recém-casados.

— Vistam-se, vocês dois. Matt e eu vamos levá-los para a cidade essa noite. Será nosso presente de casamento.

Eve, sentindo-se culpada por aceitar outro presente sem merecê-lo, tentou recusar.

— Oh, Nancy, quanta gentileza da sua parte. Mas Wesley e Lisa...

Carla intrometeu-se de imediato.

— Posso tomar conta deles, e tenho certeza de que mamãe vai adorar me ajudar.

— Claro que sim — concordou Dora.

— E também estarei por perto — disse Alma. — Além do Niles. Tenho certeza de que conseguimos entreter as quatro crianças até a hora de colocá-los na cama.

Conversavam no solário, onde Eve estivera lendo o jornal que agora repousava aberto em seu colo. Bastava olhar para aqueles rostos sorridentes para concluir que não cederiam fácil. Com certeza fora um plano arquitetado em conjunto para fazer com que se divertissem e tivessem uma noite um pouco mais romântica.

Uma iniciativa comovente. Mostrava que a família a aceitava bem, e queria ajudar no que fosse possível para que a união deles fosse bem-sucedida.

Eve sentiu um nó na garganta ao perceber o quanto se afeiçoara àquelas pessoas. De alguma forma, embora consciente de que apenas representava, também as adotara como sua família. Seria muito triste se nunca mais tornasse a vê-las.

De repente se deu conta de que ainda aguardava sua resposta.

Intimidada, olhou para Jordan, em busca de socorro.

Ele, porém, deu de ombros e disse:

— Acho que não há muito que possamos fazer, querida. Esse pessoal está mesmo disposto a fazer com que a gente se divirta.

Apesar do tom de voz carinhoso e bem-humorado, havia distância em seus olhos. Eve tentou imaginar se alguém mais notaria o fato.

— É isso mesmo. — Assim dizendo, Nancy adiantou-se, tirou o jornal do colo de Eve e puxou-a da cadeira. — Agora vá e fique bem glamourosa. Sairemos em uma hora.

Apesar de tudo, Eve sentiu a expectativa crescendo ao tirar do armário o vestido preto de noite que deixava seus ombros a mostra. Na verdade achou que não chegaria a vesti-lo durante aquele final de semana, porém o incluíra na bagagem mesmo assim, lembrando que Jordan a elogiara bastante a última vez que a vira usá-lo.

Quando mais pensava em sair, mais a idéia a atraía. Uma noite na cidade não resolveria seus problemas, Claro. Mas pelo menos seria uma distração. Exceto por Nancy e Matt, estariam entre estranhos. Seria um alívio não estar sob vigilância constante, nem ter de se preocupar com cada palavra proferida. Além do mais, com certeza voltariam tarde, o que significaria menos tempo dormindo naquela cama de casal que se transformara em um verdadeiro instrumento de tortura.

Cantarolando baixinho, Eve tomou banho e vestiu a roupa íntima de cetim e renda, adequada ao vestido preto. Em seguida colocou o robe e sentou-se diante do espelho da penteadeira para se maquiar.

— Eve? — Jordan chamou-a do corredor.

— A porta está aberta.

Ele entrou e parou atrás dela, observando-lhe o rosto através do espelho.

— Ainda vai usar o banheiro?

— Não. Pode ir.

Ele foi até o armário, de onde tirou seu traje de noite e os sapatos. Pegou a roupa de baixo e as meias na mala e desapareceu dentro do banheiro.

Eve acabou de se maquiar, escovou o cabelo e colocou os brincos de brilhantes que herdara da avó. Tentava fechar o zíper do vestido quando ele retornou para o quarto.

Por um instante Jordan estacou, olhando fixo para ela. Eve virou-se para encará-lo e pensou que seu coração fosse explodir. Estava lindo de paletó preto, ainda aberto na frente, e calça estilo smoking.

Ao contrário da maioria dos homens quando se veste daquele jeito, Jordan conseguia parecer descontraído e à vontade. Encontrariam pessoas usando todo tipo de roupa nos cassinos: desde jeans e botas de cowboy, até trajes de noite. No entanto, Jordan se ajustaria perfeitamente ao ambiente. Uma característica que o tornava ainda mais encantador e que Eve adorava.

Por sua vez, Jordan não conseguia tirar os olhos dela. O vestido preto se amoldava às curvas de seu corpo, salientando a graça da cintura fina e o contorno tentador dos seios fartos. Seus lábios pareciam mais macios e os olhos verdes lançavam chispas de desejo. Uma mulher sedutora, pronta para se divertir muito.

Enquanto a observava, pela primeira vez lhe ocorreu o quanto gostava de levá-la para sair. Das mil e uma maneiras como ela o cativava, talvez a mais marcante o jeito como se divertia. Dava a impressão de estar prestes a se lançar em uma deliciosa aventura. Eve se entregava inteira, aproveitando ao máximo de tudo: a beleza dos lugares, a música, o burburinho dos risos e conversas das pessoas a sua volta. Desde aquele passeio de balsa até o restaurante na Ilha Catalina, ficara fascinado por esse traço tão especial de sua personalidade.

Jordan também gostava de se divertir. Mas, com o passar dos anos, começou a achar enfadonhas as mulheres que o acompanhavam, e sem graça as luzes ofuscantes dos bares e cassinos.

Até que Eve Tanner aconteceu em sua vida. De repente, tudo era novidade. Qualquer coisa que ela dizia o hipnotizava, e as luzes da cidade ganhavam um novo brilho quando refletidas em seus lindos olhos.

— Você está bem? — Eve perguntou, preocupada em vê-lo tão imóvel.

Jordan limpou a garganta, porém mesmo assim sua voz soou áspera:

— Sabia que você ia trazer esse vestido. Combinamos que você o usaria no jantar com Mort e Melba Blecker, lembra?

Eve fez que sim com um gesto de cabeça. Mas não se deixou

intimidar:

— Por falar nisso, como foi o jantar? Correu tudo bem?

O assunto pouco a interessava no momento. Mas, o que fazer? Só tinha permissão para conversar sobre amenidades com Jordan — até o dia seguinte.

— Sim. A franquia da Chilly Lilly era o que estavam procurando.

— Que bom. Fico contente em ouvir isso. — Puxou o cabelo para o lado e virou-se, mostrando-lhe as costas. — Fecha o zíper para mim?

Como não obtivesse resposta, insistiu:

— Jordan?

— Desculpe — disse ele, engolindo em seco. Aproximou-se lentamente. Eve sentiu seu polegar roçar-lhe a pele nua enquanto puxava o zíper para cima.

— Pronto.

Ela virou-se de novo e sorriu.

— Obrigada.

Controlando a própria excitação, Jordan devolveu-lhe o sorriso e convidou:

— Vamos descer?

— Vamos — disse Eve.

Jordan ofereceu-lhe o braço e abriu a porta do quarto. Antes de sair, comentou:

— Seus olhos estão brilhando tanto.

Eve sorriu.

— Você me conhece. Adoro me divertir.

A noite estava esplendorosa. As estrelas cintilavam muito e a neve formava um tapete reluzente sobre o Monte Tallac. Contornaram um lago de águas azul-escuras que se entrevia no meio de árvores majestosas. No banco traseiro do carro, Eve soltou um profundo suspiro e sorriu, encantada com a beleza do espetáculo.

Chegando a South Shore, descobriu que milhares de lâmpadas brancas enfeitavam a rua principal da cidade.

— Elas são penduradas em comemoração do Dia de Ação de Graças — Nancy explicou.

Jantaram em um restaurante italiano da avenida Emerald Bay.

Matt pediu duas garrafas de vinho que foram consumidas em meio a brindes de toda natureza:

— Ao casamento... à felicidade... a uma taxa de juros decente... a que encontremos um ortodontista em quem possamos confiar...

Jordan soltou-se cada vez mais à medida que prosseguiram com o delicioso jantar. Esquecido do papel que representavam, passou a dedicar a Eve a atenção e o afeto sinceros dos velhos tempos. Tomou-lhe a mão e beijou-a várias vezes, sem um motivo aparente. Em determinado momento chegou a roçar a perna na dela.

Eve estava adorando. Aceitava seus carinhos sem lhe oferecer resistência. Tudo que desejava era que aquela noite não acabasse nunca mais.

Nancy comentou que nunca vira duas pessoas tão apaixonadas quanto eles dois. Claro que o fato mereceu outro brinde e o vinho lhe deu coragem para dizer:

— Que bom que vocês estão se dando tão bem de novo. Confesso que ficamos um pouco preocupados ontem.

Jordan ergueu uma sobrancelha e perguntou:

— Porque tio Niles me descobriu dormindo no sofá da sala, você quer dizer?

— Er... sim — concordou Nancy, um pouco constrangida.

Experimentando outra vez a ansiedade que aquele dia terrível a obrigara a sofrer, Eve olhou para Jordan. Em resposta, ele pegou sua mão, virou-a e depositou um beijo terno na palma.

Eve respirou aliviada, enchendo-se de esperança. Aquele gesto tinha um significado todo especial para ela. Jordan a beijara daquela maneira na praia, na noite em que a pediu em casamento. E ela o imitara quando lhe deu o anel.

— Foi uma discussão sem importância, não é mesmo, querida? — ele perguntou, sorridente.

Por um instante Eve teve vontade de protestar. Seria possível que considerasse sem importância sua declaração de amor? Ou a afirmação de que estava disposta a casar-se com ele de verdade? Mas então relaxou. O que mais ele poderia dizer sem levantar suspeitas nem se enredar em outras mentiras?

— Claro — disse afinal. — O que interessa é que já resolvemos

tudo.

Jordan inclinou-se na direção dela. Seus lábios se encontraram por cima das mãos entrelaçadas.

Matt e Nancy se deram por satisfeitos. Tanto que resolveram propor mais um brinde.

— A Eve e Jordan. Que a magia que os uniu nunca se perca. E que no caminho de vocês nunca surja uma pedra que não possa ser removida ou contornada.

Eve guardaria aquele momento para sempre na lembrança. Os copos subindo e refletindo o brilho suave da luz do candelabro, o tilintar alegre de vidro se chocando, as ondas que se formaram no vinho espesso, as gotas minúsculas que aspergiram a rosa vermelha e aveludada ocupando o centro da mesa dentro de seu vaso de cristal. Melhor que tudo, porém, foi o sorriso doce de Jordan e a paixão que seus olhos voltavam a espelhar.

Depois do jantar, Nancy e Matt os levaram para a região dos cassinos. Assistiram ao show do Harrah's South Shore Room e jogaram no Harvey's e no Caesar's. Eve se divertiu a valer e, maravilha das maravilhas, o mesmo parecia estar acontecendo com Jordan.

Quando ganhou na máquina de caça-níqueis, Eve bateu palmas e gritou de alegria. A distância, Jordan a observava com um sorriso malicioso. Seus olhares se cruzaram e foi como se de repente a multidão de apostadores desaparecesse do imenso saguão do cassino.

Em seguida ela passou para a mesa de vinte-e-um. Cada vez que o crupiê dava as cartas, Eve prendia a respiração. Acabou perdendo quase todo o lucro da noite, mas se divertiu do mesmo jeito. Ainda mais porque o olhar de Jordan continuava a acompanhá-la.

A verdade era que ele estava fascinado. Cada gesto de Eve ao colocar as fichas na mesa, ao jogar a cabeça para trás e rir alto, ao aplaudir o vencedor, fosse ele quem fosse, simplesmente o impedia de desviar os olhos para outro lugar ou pessoa.

Esse magnetismo era tanto que, em determinado momento, quando a pilha de fichas de Eve se transformara em um punhado insignificante, Jordan se aproximou e, passando a mão pela curva de seu pescoço até descansá-la em seu ombro, sussurrou-lhe ao ouvido palavras de encorajamento.

O vinho do jantar, aliado ao champanhe que tomaram durante o

espetáculo, produzira um tom rosado no rosto de ambos. Nancy e Matt, contentes em vê-los tão alegres, não paravam de incitá-los a se divertirem ao máximo. Afinal de contas, diziam, haviam planejado aquela noite para isso mesmo.

Eve não se fez de rogada. Brincou, riu muito e, para completar sua felicidade, acabou rodopiando no meio do salão de baile do cassino, nos braços fortes e carinhosos do homem que amava.

Às duas da manhã, exaustos porém felizes, saíram para a noite fria e muito tranqüila. Eve parou na calçada para observar o céu. As luzes da rua continuavam acesas, mas não ofuscavam o brilho intenso das estrelas sobre as montanhas que circundavam a cidade. De repente lembrou do jornal que estava lendo na casa de Dora antes de saírem. O serviço de meteorologia anunciava uma nevasca ainda para àquela noite. Com certeza se enganaram, pensou.

— Depressa, querida — disse Jordan, ajudando-o a fechar o casaco e protegendo-a com seu braço. — Vamos logo antes que você se resfrie.

Ainda sob o efeito da bebida, Eve sorriu e deixou-se conduzir. Seguiram atrás de Matt e Nancy, que já entravam no carro que os conduziria de volta para casa.

Instalaram-se no banco traseiro. No mesmo instante Eve aninhou-se no ombro de Jordan, sentindo seu perfume másculo e roçando o rosto no tecido macio do pesado casaco de inverno que ele usava.

— Está confortável assim? — Jordan perguntou.

— Muito.

Os lábios dele, frios do ar noturno, depositaram-lhe um beijo na fronte, enquanto sua mão enluvada lhe alisava o cabelo.

Quando deu por si, Matt estacionava o carro na frente da casa de Dora.

— Já chegamos? — perguntou.

Em resposta, Jordan abriu a porta, deixando entrar um vento gelado, e disse:

— Passe os braços ao redor do meu pescoço.

Eve não discutiu. Ele tomou-a nos braços, fechou a porta do carro com o pé e carregou-a até os degraus da varanda. Enquanto Nancy remexia na bolsa a procura da chave, Eve pediu:

— Pode me colocar no chão agora.

— Por quê? Não está gostando da minha carona? — Jordan brincou.

Matt e Nancy acharam graça e Eve riu também. Mas, encabulada, não teve coragem de confessar em voz alta que estava adorando. Em vez disso, aconchegou-se mais contra o corpo de Jordan, disposta a tirar o máximo de proveito daquele momento maravilhoso. Ergueu o rosto e o fitou demoradamente. Os lábios dele curvaram-se em um sorriso confiante. Nesse instante, Eve teve certeza do que aconteceria assim que estivessem a sós no quarto.

— Achei! — disse Nancy, enfiando a chave na fechadura e abrindo a porta.

Colocou-se de lado para deixá-los passar. Eve nem se lembrou de agradecer ao casal que lhes proporcionara uma noite tão gostosa. Alheia a tudo, só tinha consciência dos braços de Jordan a carregá-la para cima, do coração dele batendo cada vez mais acelerado junto a seu ouvido.

Do fundo de sua mente uma voz ameaçou importuná-la: Nada foi resolvido. Vocês continuam na estaca zero. Eve a fez calar-se. Pois de que adiantaria lhe dar ouvidos? Se tivessem que acabar com tudo — que Deus não o permitisse — ao menos levaria na memória aquela última noite de amor.

Jordan entrou no quarto e fechou a porta com o pé, como fizera no carro. Afinal aproximou-se da cama e, com toda delicadeza, colocou-a no chão.

Eve cambaleou um pouco, mas ele apressou-se a socorrê-la, segurando-a por trás.

— Que foi, muita bebida? — perguntou sorrindo.

Não, apenas queria continuar o resto da vida em seus braços, Eve pensou. Mas não teve coragem de dizê-lo em voz alta. Limitou-se a fazer que não com a cabeça.

— Que bom — Jordan murmurou no seu ouvido.

Eve gemeu baixinho e apoiou-se naquele corpo rijo que a sustentava. Inclinou a cabeça para trás, deixando o pescoço exposto. Jordan não resistiu à tentação de lhe cobrir a pele alva de beijos ternos e apaixonados. Ela estremeceu e se entregou, ansiosa por mais.

Porém ele não parecia disposto a se apressar. Parou de beijá-la

para abrir seu casaco e escorregá-lo por sobre seus ombros. Em seguida levou-o até o armário para pendurá-lo, onde também guardou as próprias luvas. Eve o aguardou com o coração batendo em ritmo descompassado.

Jordan foi até a mesinha de cabeceira e acendeu o abajur. Só então voltou para junto de Eve, os olhos ocultos pelas sombras, revelados apenas pelo brilho do desejo que o incendiava.

— Você continua tomando pílulas?

— Sim. Sou uma otimista incorrigível — ela conseguiu dizer, apesar da ansiedade que lhe roubava o fôlego. — Imagine você que cheguei até a incluir um négligé preto na bagagem.

— Eu conheço esse négligé. Mas duvido que precisemos dele essa noite.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ficaram em silêncio outra vez. Sob a luz fraca do abajur ele estudou-a. Por fim, como num sonho em câmara lenta, Eve puxou o cabelo de lado e tirou os brincos de brilhante. Afastou-se para colocá-los dentro do porta-jóias de porcelana que encontrara sobre a penteadeira. Não conseguiu mais sair dali. As pernas bambas pela emoção impediram-na de dar sequer um passo. Fechou os olhos e esperou.

Ouviu quando ele se aproximou. De repente estremeceu ao sentir mãos começando a lhe acariciar os braços, ao mesmo tempo que um corpo viril colava-se em toda a extensão de suas costas. Um arrepio lhe percorreu os nervos.

Sua pele queimava ao contato daquelas mãos macias. Parecia que despertava de um sono profundo, imposto pelo desespero de imaginar que nunca mais voltaria a ser sua.

Jordan acariciou-lhe os ombros, o pescoço, a nuca... Até que de repente suas mãos tomaram rumos opostos. Enquanto uma descia a espinha e a cingia pela cintura, a outra segurou o zíper do vestido e começou a abri-lo.

— Oh, Jordan... — Eve gemeu e abriu os olhos.

Através do espelho da penteadeira, viu o vestido pender para a frente à medida que o zíper descia. Afinal ele caiu, preso a sua cintura. Jordan se incumbiu de acabar de tirá-lo.

Eve prendeu a respiração. Pelo espelho, viu seu ventre liso, o sutiã sem alças e a calcinha cavada. Sentiu-se por demais vulnerável, não tanto pela nudez do corpo quanto pela da alma. Jordan sabia que podia fazer dela o que bem entendesse. O amor que lhe tinha o tomava senhor de toda sua vida.

Um súbito receio a invadiu.

— Jordan? — chamou.

— Shh. Não se preocupe, querida — disse ele, como se lesse seus pensamentos. — Concentre-se apenas nos momentos maravilhosos que já passamos juntos.

Confiante, ele sustentou seu olhar pelo espelho. Eve sentiu-se um pouco mais segura. Não teria dificuldades para fazer como Jordan dizia. Lembrou-se do prazer que ele lhe proporcionara logo que se conheceram, algo que guardaria para sempre em seu coração.

Fora sua primeira vez desde o nascimento de Lisa. Estava nervosa e apreensiva em dividir sua intimidade com aquele homem incrível. Esperava agradá-lo, embora soubesse que seu corpo, após a segunda gravidez, não era mais tão firme e macio como fora um dia.

Porém logo descobriu que não havia motivo para tanta preocupação. Jordan a despertara aos poucos, tocando-a em toda parte, seus olhos queimando de desejo. Tanto que Eve acabou esquecendo os próprios receios e simplesmente se deixou levar. Fora uma noite memorável, como todas as outras que se seguiram.

Sem desviar os olhos do espelho, Jordan voltou a percorrer seu corpo com as mãos. Abraçou-a pela cintura sem descuidar dos carinhos. Eve engoliu em seco, mas nada fez para impedi-lo.

As mãos moveram-se mais para cima até lhe segurar os seios. Eve gemeu. Vencendo a resistência do elástico, Jordan mergulhou os polegares dentro do sutiã e esfregou a pele macia. Assim que os tocou os mamilos endureceram, doloridos, ansiosos por mais.

Nesse instante Eve sorriu ao constatar que podia sentir as inibições sendo devoradas pelas chamas do desejo, como o orvalho da manhã que evapora e se transforma em anda sob o beijo cálido do sol. Arqueou para trás, apoiando a cabeça no ombro de Jordan, e fechou os olhos. Talvez o espelho refletisse os gestos de uma devassa. Mas isso agora lhe era indiferente. Só o prazer importava.

— Desde que você desistiu de se casar comigo — Jordan

sussurrou a seu ouvido -, eu passo as noites sonhando com esse momento. Queria tocá-la outra vez, amá-la como nunca nos amamos...

Eve concordou. Eu também, Jordan. Oh, eu também. A violência de suas emoções, no entanto, impediram-na de dizê-lo em voz alta.

Uma das mãos de Jordan soltou-a para abrir o fecho do sutiã, que caiu no chão. Embora sabendo que ele a observava, Eve não sentiu vergonha, nem teve vontade de cruzar os braços para cobrir os seios. Antes preferia expô-los àquele olhar lascivo, incentivando-o a continuar a excitá-la.

Jordan fez como ela esperava. Sem a barreira das rendas do sutiã, suas mãos redesenharam a curva daqueles seios lindos, exuberantes, seus seios brincaram com os mamilos túrgidos. Enquanto isso, Eve gemia e esfregava as costas no corpo dele, banhando-o em um mar de desejo.

Os lábios de Jordan desceram sobre o pescoço de Eve outra vez. Os beijos provocantes, a respiração quente contra sua pele nua a enlouqueceram e ela tentou virar para colar a boca à dele. Porém Jordan a impediu, prendendo-a com firmeza entre os braços.

De repente suas mãos desceram aos quadris de Eve. Sempre a beijá-la, dedos ágeis livraram-na da calcinha, que puxaram para baixo. Jordan afastou-se apenas o tempo suficiente para se curvar e acabar de tirá-la, acompanhando com a mão o tecido macio à medida que ele descrevia as curvas das pernas bem torneadas de Eve.

— Não quer tirar os sapatos? — sugeriu então, ofegante. Eve abriu os olhos e obedeceu, empurrando-os com a ponta dos pés para debaixo da penteadeira. Livre de mais aquele entrave, restavam apenas as meias de seda preta. Ainda agachado, Jordan ajudou a desvencilhar-se delas também.

Agora não tinha nada sobre seu corpo para protegê-la. Pelo espelho, viu-o se levantar, vestido dos pés à cabeça, e retomar as carícias. Entre um beijo e outro, Jordan elogiou sua beleza em palavras e sussurros arrebatados.

Eve acreditou no que ele dizia. Não tinha motivos para duvidar de sua sinceridade. Há muito deixara de ser uma menina, mas, por outro lado, já o presenteara com prazeres como só uma mulher madura é capaz de fazer.

Jordan afagou-lhe os seios outra vez. Os movimentos de seus

dedos tornavam-se mais ávidos a cada instante. A simples insinuação de um toque fazia a pele de Eve arder. Ela gemeu ao sentir que lhe massageavam o ventre, E não conseguiu reprimir um uivo quando desceram mais ainda e atingiram o centro de sua feminilidade.

Eve inclinou-se para trás e fechou os olhos. O chão sumiu debaixo de seus pés, porém experimentava tamanho gozo que nem se importou. Os braços fortes de Jordan haviam se transformado nas asas de um pássaro gigantesco que a transportava para além das mais altas nuvens do céu.

Quanto tempo durou essa sensação é coisa que Eve jamais seria capaz de dizer. Afinal abriu os olhos e deparou-se com o próprio corpo muito branco contra a roupa escura de Jordan refletido no espelho. Em vez de lhe acalmar os sentidos, no entanto, a visão fez bambear suas pernas e, excitada, ela pediu:

— Oh, Jordan, por favor... preciso me deitar...

No mesmo instante ele a tomou em seus braços, como fizera quando voltaram da cidade, e colocou-a sobre a cama. Apesar de suave, a lâmpada do abajur encheu de um brilho intenso o cabelo de Eve. Parecia trazer enganchadas em seus anéis algumas estrelas colhidas durante o vôo de amor.

Eve suspirou e esticou os braços para cima. Jordan apenas observou-a por um momento, ofegante, os olhos transbordando de desejo. Por fim, começou a se despir. Atirou longe gravata e paletó. Em seguida foram as abotoaduras, a camisa, meias, sapatos, calça. Tudo.

Em pé ao lado da cama, ficou nu como ela. Punhos cerrados, o corpo musculoso e duro como uma rocha, era um homem magnífico. O homem que Eve queria, e a quem amava de todo coração.

Ele sorriu. Ela correspondeu e ergueu os braços. Devagar, Jordan deitou-se em cima dela. Imediatamente, porém, Eve o abraçou. Era sua vez de acariciá-lo, de gxcitá-lo, de sentir a delícia de ter o homem de seus sonhos entre as próprias mãos.

Seus lábios se uniram. Eve cedeu e a língua de Jordan invadiu-lhe a boca no mesmo instante em que, com os dedos, retomava o caminho entre suas pernas. Ela se contorceu de prazer. Ambos sabiam que estava pronta para recebê-lo.

Como ele tardasse a realizar seus anseios, Eve estendeu a mão e envolveu-lhe o membro rijo. Afagou-o no ritmo que o próprio Jordan

imprimia. Seus beijos tornaram-se mais sedentos, como se quisessem sugar a alma um do outro.

Até que Jordan se afastou. Ergueu-se o suficiente para admirá-la, e então desceu os lábios sobre o mamilo de Eve. Lambeu-o, mordeu-o, enquanto ela gemia e jogava a cabeça para trás. Irrequieto, ajoelhou-se na cama para traçar com a língua um rasto úmido sobre sua barriga. Incentivado pelos carinhos de Eve, seguiu em frente até saborear seus segredos mais profundos.

Nesse momento, o hálito quente de Jordan entre as pernas, ela pensou que fosse morrer. Atingiu o êxtase com os dedos entrelaçados no cabelo dele, mordendo os lábios para não soltar um grito que acordasse a casa inteira.

Nunca experimentara nada igual. O próprio Jordan não lhe despertara tamanha fúria antes. Talvez sua insegurança a impedisse de conhecer toda a extensão do prazer de que poderia usufruir. Agora, certa do que queria, permitira deleitar-se com o único homem com quem seria capaz de dividir o resto de sua vida.

O arrependimento pelo tempo perdido a fez ansiar por mais. Jordan tentou esquivar-se mas Eve insistiu. Precisava senti-lo dentro de si, e ao mesmo tempo, proporcionar-lhe um prazer como ele nunca sonhara existir.

Puxando-o pelos ombros, convidou-o a deitar-se outra vez sobre toda a extensão de seu corpo. Afinal ele se rendeu a sua doce persistência e, subindo em cima dela, penetrou-a com uma única e profunda estocada.

Receptiva, Eve enlaçou-o com braços e pernas. Jordan gemeu o nome dela. Seus lábios se uniram de novo para trocarem beijos longos, ardentes, enquanto seus corpos se moviam no ritmo definitivo do amor.

De repente ele a deixou. Eve reclamou baixinho, e Jordan tornou a escorregar para dentro de seu corpo cal ido. Repetiram vezes sem conta o mesmo passo daquela dança frenética. Até que, de lento e sensual, o movimento sincronizado a que haviam se entregado adquiriu uma cadência mais rápida e brusca. Eve atingiu o clímax pela segunda vez no exato momento em que os lábios de Jordan buscavam os seus para tê-la inteira no instante em que ele também chegava ao êxtase final.

Exaustos e satisfeitos, continuaram abraçados por muito tempo. No que dependesse de Eve, porém, nunca mais se separariam. Pois um

homem e uma mulher que atingem os limites do mundo como acabava de acontecer, jamais suportariam a idéia de viver isolados um do outro.

CAPÍTULO X

Jordan se remexeu um pouco, acomodando-se melhor na cama. Ao lado, Eve apoiava a cabeça sobre seu braço, o sedoso cabelo castanho derramando-se sobre seu ombro.

Momentos antes ele estendera a mão e apagara a luz do abajur. A noite sem luar deixara o quarto às escuras.

Jordan experimentava uma paz profunda. A necessidade física que o atormentava desde o primeiro dia daquele fim de semana havia sido satisfeita. Por hora.

Olhando fixo para o teto, mesmo sem poder vê-lo no escuro, admitiu para si mesmo que o inevitável acontecera. Não se arrependia, mas preocupava-se imaginando como seria dali para a frente.

De uma coisa tinha certeza: nunca mais conseguiria afastar-se de Eve. De alguma forma ela se tornara parte integrante de sua vida. Deixá-la significaria dividir-se ao meio.

— Jordan? — Ela chamou, hesitante.

— Hum?

— Você está... bem?

— Sim. Estou ótimo.

Eve calou-se um instante e aconchegou seu corpo macio ao dele. Mas Jordan tinha certeza de que o silêncio não duraria muito tempo. Sentia que, mentalmente, ela se esforçava para formular as frases de forma tal a impedi-lo de safar-se com simples evasivas.

Concluiu que deveria ajudá-la. Permitira que os fatos se desenrolassem alheios aos conselhos da razão. Agora seria inevitável encará-los.

Assim sendo, enquanto alisava seu cabelo e depois de lhe dar um beijo leve na fronte, perguntou:

— E então, minha querida? Não vai me dizer o que se passa nessa sua cabecinha?

Eve virou de lado, apoiada no cotovelo, e soltou um profundo suspiro.

— Eu sei que concordamos em não tocar no assunto até voltarmos para casa, mas...

— Mas o quê?

— Bem... agora que aconteceu, imaginei que...

Percebendo sua aflição, Jordan sorriu. Ergueu-se um pouco para lhe dar mais um beijo e dessa forma encorajá-la a continuar. Em seguida tornou a esticar-se na cama, deitando a cabeça sobre os dedos entrelaçados.

— Não se preocupe. Nós vamos nos casar.

Eve ficou sem fôlego.

— Vamos mesmo? — repetiu e curvou-se em cima dele, tentando enxergar-lhe os olhos a fim de confirmar se brincava ou dizia a verdade.

— Não é o que você queria? Ou será que mudou de idéia? — Jordan provocou, rindo.

Mais que depressa, ela respondeu:

— Claro que ainda quero. Mas você...

— Eu o quê?

— Você disse que preferia esperar. Até há pouco recusava-se a conversar sobre isso antes do domingo.

— Sim, mas agora tudo mudou. Você mesma acaba de reconhecer esse fato. Vamos nos casar o mais rápido possível, tão logo eu consiga providenciar toda a papelada. Está bem assim?

— Oh, Jordan!

Beijou-lhe o nariz e deitou-se de novo. Ele sabia que Eve precisava de muito mais. Queria ouvir as mesmas promessas de amor que lhe fizera na praia, quando a pedira em casamento pela primeira vez.

Muita coisa acontecera desde então. Eve, que nunca lhe negava nada, forçou-o a encarar a possibilidade de perdê-la para sempre. Na verdade, quando lhe disse que o futuro não os encontraria juntos, Jordan estava sendo sincero. Apenas expressava uma certeza que tinha dentro de seu coração.

Quando você se abre para amar, abre-se também para sofrer. Sempre acreditara nessas palavras, e por elas procurou viver. Por isso não permitia que as pessoas se aproximassem demais.

Mas com Eve fora diferente. Quando caiu em si, ela já se instalara em sua vida de uma maneira definitiva. Mesmo que cada um seguisse seu rumo, jamais conseguiria esquecê-la.

No entanto, acabariam se casando. Sentia-se feliz por causa disso, mas ao mesmo tempo... Eve lhe roubara o sabor da conquista, algo a que não estava acostumado. Tinha a seu lado uma mulher forte, determinada. Precisava se habituar com isso antes de criar coragem para lhe declarar sua paixão.

— Jordan?

— Sim?

— Você está bem?

— Tanto quanto há três minutos, quando você me fez a mesma pergunta.

— Tenho a impressão de que alguma coisa o está aborrecendo.

— Não precisa se preocupar, eu já disse. Vou me casar com você.

Fez-se silêncio, um silêncio incômodo. Mas Eve não desistiu:

— E sua família?

— O que tem?

— Você vai contar?

— Que ainda não somos casados? Por que deveria?

— Porque me afeiçoei muito a todos eles. Fico constrangida tendo de mentir para pessoas de quem eu gosto.

— Que inferno, Eve — ele reclamou, embora reconhecesse que se sentia da mesma maneira.

— Por favor, querido. Eu prefiro contar tudo. Afinal, vamos nos casar em breve.

Por mais que lhe desse razão, Jordan não podia concordar com aquela idéia. Ficariam todos preocupados e, pior ainda, bastante magoados. A única pessoa que adoraria a novidade seria Louise. Serviriam de matéria para suas fofocas pelo resto da vida.

— Acho melhor deixar como está — disse ele. — Contaremos depois que nos casarmos. Do contrário, ficarão apreensivos, tentando imaginar se dessa vez dará tudo certo.

Eve não respondeu de imediato. Afinal, embora a contragosto, concordou:

— Está bem. Mas ainda há outro problema a ser resolvido.

— Qual?

— Wesley. Tentei conversar com ele mas foi inútil. Você precisa

convencê-lo de que dessa vez vai ser diferente... Ele tem medo de se apegar e ser abandonado de novo.

Jordan se retesou. Duvidava na própria capacidade de se entender com um menino arredio de quatro anos de idade. Provavelmente o confundiria ainda mais. De qualquer forma, admitia que não teria como fugir dessa responsabilidade.

— Está bem. Eu converso com Wes.

— Obrigada — disse ela.

Jordan prendeu a respiração ao vê-la sentar-se na cama e virar-se para encará-lo. Uma mecha de cabelo lhe cobria parte do rosto. Seus seios pareciam brilhar na escuridão, convidativos.

De repente se deu conta de que o desejava outra vez. Não se surpreendeu. Era uma mulher forte, cheia de entusiasmo pela vida. Passou maus bocados quando aquele idiota com que se casou resolveu trocá-la pela carreira na Broadway. Mesmo assim, conseguiu tornar-se uma empresária bem-sucedida, além de criar os dois filhos com extrema dedicação. E tudo isso sem se tornar amarga nem endurecer seu coração. Pelo contrário, não lhe faltavam forças para desfrutar de todos os prazeres que a vida tinha para lhe proporcionar.

Acima de tudo, porém, sabia cativar as pessoas. Alma, Dora, a família inteira estava encantada com ela. Que diabos, Jordan pensou, eu também estou.

— Aonde você vai? — perguntou quando Eve escorregou para a beirada da cama e fez menção de se levantar.

— Pegar meu robe.

— Esqueça-o.

Erguendo-se o suficiente para lhe alcançar o braço, puxou-a até obrigá-la a se deitar em cima dele. Sentiu o próprio corpo reagir no instante em que aqueles seios macios se apertaram contra seu peito.

— O que você quer? — Eve perguntou tentando se levantar, porém sem muito empenho.

Jordan empurrou seu cabelo para trás e tomou-lhe o rosto entre as mãos. Em seguida beijou-a antes de responder:

— Você, querida. Eu só quero você.

— De novo? — Seu tom de voz traduzia uma clara excitação.

— Sempre.

Ela suspirou e sorriu.

— Você tinha razão.

— Como assim?

— Não vou precisar do meu robe.

Jordan riu e abraçou-a com força. Tomou-lhe os lábios entre os seus outra vez, em um beijo longo e apaixonado. Em questão de segundos ele sentiu o desejo tomar seu corpo de assalto. Urgente, incontrolável, doloroso até.

Escorregando as mãos para baixo, fez com que Eve afastasse as pernas. Ela deixou-se guiar sem oferecer qualquer resistência. Então, em um único movimento, Jordan penetrou-a.

Ela deixou escapar um gemido suave ao mesmo tempo em que murmurava:

— Oh, Jordan... Eu te amo tanto...

Seus corpos assumiram o mesmo ritmo suave e constante, feito ondas em alto-mar. Afastaram os lábios e Eve entregou-se à delícia de cavalgá-lo. Jordan arqueou-se para trás e fechou os olhos por um instante, para melhor saborear o prazer de sentir-se dentro da mulher que tanto amava. Então estendeu os braços e afagou-lhe as coxas bonitas, o ventre liso, os seios macios. O simples toque nos mamilos rijos a fez jogar a cabeça para trás e gemer alto. Perdida em um mundo de sensações avassaladoras, Eve apoiou-se nas mãos de Jordan, dedos entrelaçados, e começou a se mexer mais depressa.

Jordan sabia o que estava acontecendo: ela estava prestes a explodir, a alcançar outra vez o êxtase total. A visão daqueles quadris subindo e descendo o excitavam demais. De repente percebeu que também ofegava e que não conseguiria se controlar por muito tempo.

Afinal Eve prendeu a respiração, para então soltá-la em um gemido longo e enlevado. Parou um instante sua louca cavalgada e deixou-se cair sobre o peito dele, um sorriso de pura luxúria e satisfação a curvar-lhe os lábios.

Jordan a abraçou com força e retomou os movimentos, agora lhes imprimindo seu próprio ritmo. Imediatamente Eve se aconchegou a ele para melhor recebê-lo. Vendo-a receptiva e ainda arquejante, Jordan não se conteve mais. Com estocadas fortes e vigorosas, penetrou-a até atingir o pleno gozo que, tinha certeza, só mesmo ela lhe poderia proporcionar. A cabeça enterrada no travesseiro, os braços a lhe

envolver o corpo ardente, experimentou o maior e mais intenso arrebatamento de toda sua vida.

Permaneceram imóveis um longo tempo, esperando desacelerar as batidas de seus corações. Até que, por fim, Eve o deixou, escorregando para fora da cama e desaparecendo atrás da porta do banheiro.

Como ela demorava e lhe incomodava demais sua ausência, Jordan chamou:

— Eve?

— Sim? — ela respondeu, abrindo a porta e voltando a se deitar ao lado dele.

— Sabe que horas são?

— Já passa das quatro da manhã — disse ela, depois de virar-se para consultar o relógio na cabeceira da cama. Em seguida riu e comentou: — Vai ser difícil levantar, mas daqui a pouco rompe a aurora e as crianças virão bater na porta.

Jordan puxou as cobertas em cima dos dois.

— Acho que valeu a pena.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — ela retrucou. Aconchegando seus corpos nus um contra o outro, esperaram o sono chegar, trazendo consigo doces sonhos de amor.

Uma rajada de vento balançou um galho do castanheiro, que bateu na janela do quarto e despertou Eve.

Olhos abertos, por um momento ela não se mexeu para dar tempo à consciência de lembrá-la onde estava e o que tinha acontecido.

O dia cinzento e o vento que soprava lá fora, assobiando nos beirais do telhado, anunciavam a aproximação da tempestade prevista pelo jornal.

Preocupada, lembrou que deveriam ir embora naquele dia. Será que o mau tempo os impediria de pegar o avião e voltar para casa?

Mas então sorriu. Não acharia tão ruim se uma nevasca os prendesse na casa de Dora por mais algum tempo. Tudo que teria a fazer seria telefonar para Rosie e explicar que estavam impedidos de retornar. Depois, aproveitaria para jogar canastra, brincar de dominó com as crianças e saborear outros pratos deliciosos preparados por Niles. Sem contar que aquela cama seria um refúgio excelente para escapar

da neve, agora que ela e Jordan estavam juntos de novo.

Suspirou de felicidade, sentindo na nuca a respiração tranqüila e constante dele. Junto a suas costas, o peito de Jordan se expandia e contraía no ritmo preguiçoso do sono. Deixaria que ele acordasse sozinho. Afinal, desfrutava de um descanso merecido, depois da tensão das outras noites.

O relógio na cabeceira da cama chamou sua atenção. Nove horas. Mais tarde do que imaginara. Alguma alma caridosa — com certeza Dora ou Carla — estava cuidando as crianças para ela.

Fechou os olhos outra vez, pensando em dormir mais um pouco. Porém foi impossível. A idéia de que se casaria com Jordan, depois de imaginá-lo perdido para sempre, não saía de sua cabeça. Tinha medo de adormecer e, ao acordar, descobrir que tudo não passara de um sonho bom.

No entanto, ainda trazia no corpo a lembrança do carinho que recebera na noite anterior. Nem em sonhos seria capaz de imaginar momentos tão maravilhosos.

Ainda a incomodava o fato de que não poderiam contar a verdade para a família de Jordan. Consolava-se com a certeza de que seria por pouco tempo. Dentre em breve todos teriam chance de compartilhar de sua alegria.

O galho bateu na janela de novo e a sobressaltou. Nesse instante lhe ocorreu que, embora afirmasse que se casariam e que nunca a abandonaria, Jordan não disse que a amava. Talvez ainda se sentisse magoado pelo fato de ela ter pedido mais tempo antes de assumir um compromisso definitivo e tão importante para a vida de ambos.

O tempo se incumbirá de curar essa ferida, pensou. Aos poucos Jordan descobriria que ela era digna de confiança. Então estaria livre para expressar em palavras todo o amor que lhe devotava. Assim como também tinha certeza de que, com o tempo, ele e Wesley acabariam se entendendo.

Cansada de olhar para os ponteiros aparentemente imóveis do relógio, resolveu se levantar. Com muito cuidado para não acordá-lo, conseguiu safar-se do braço que a envolvia e descer da cama. Jordan resmungou alguma coisa mas continuou dormindo, enquanto Eve ajeitava melhor as cobertas em cima dele.

Na ponta dos pés, pegou roupas limpas no armário e entrou no

banheiro. Tomou um banho gostoso para despertar e se vestiu. De volta ao quarto, guardou as roupas usadas na mala. Acabava de dobrar um vestido quando ouviu de repente:

— Bom dia — cumprimentou-a Jordan, a voz rouca e sonolenta.

Eve assustou-se mas então sorriu.

— Bom dia.

Deus do céu, como achou-o lindo depois de uma boa noite de sono. Teve de se esforçar muito para resistir à tentação de enfiar-se na cama outra vez.

— O que você está fazendo já de pé? — ele perguntou, lendo seus pensamentos. — Não quer se deitar mais um pouco? Está tão quentinho debaixo das cobertas...

— Se fizer isso, vamos passar o dia inteiro aqui em cima.

— Hum. Uma sugestão interessante.

— Porém inviável.

— Por quê?

— Dora e os outros têm sido muito bons cuidando de Wesley e Lisa para mim, mas não quero abusar. Por mais que digam que adoram, sei o quanto é difícil entreter duas crianças pequenas por tanto tempo.

Embora lamentasse, ele lhe deu razão. Assim sendo, empurrou as cobertas de lado, sentou-se na beirada da cama e alisou o cabelo com as duas mãos. Aproveitando que Jordan espreguiçava e sentindo um calor gostoso tomar a incendiar-se dentro dela, Eve observou-lhe o peito forte, os belos músculos esculpidos em seus braços e pernas.

— Que pena — disse ele, e sorriu. — Venha cá.

— Para quê? — Eve perguntou, divertida.

— Você só vai saber se vier até aqui.

Desconfiada, ela se aproximou devagar. Quando parou ao lado da cama, Jordan a instruiu:

— Sente-se.

O calor que ela experimentava transformou-se em fogo e excitação. No mesmo instante voltou-lhe à mente tudo que acontecera na noite anterior. A forma como ele a tocara, seus beijos, o movimentos sincronizado de seus corpos...

— Estou falando sério, Jordan. Precisamos descer.

Na verdade, nem ela própria conseguiria se convencer com o tom de voz que empregou.

— Sente-se.

Suspirando, fez como ele pedia. Mais que depressa Jordan envolveu-a com os braços e deu-lhe um beijo temo e apaixonado. Foi como se lhe sugasse as forças com os lábios. Eve sentiu-se zonza e com certeza cairia em cima da cama se ele não a sustentasse.

De repente, porém, quando ia desistir da idéia de chamá-lo para descer, ele a soltou.

— Você não tem coração, Jordan McSwain — brincou, tentando se recompor.

— Só queria lembrá-la do tempo precioso que estamos perdendo.

— Podemos recuperá-lo à noite... — ela insinuou.

— Se eu sobreviver até lá. — Levantou-se então, revelando-se em todo o esplendor de sua masculinidade. — Vou tomar banho. Encontro você lá embaixo dentro de quinze minutos.

Sem fôlego, Eve viu a porta do banheiro fechar-se sobre suas costas largas. Demorou alguns segundos para conseguir desviar os olhos. Quando afinal o fez, foi com um suspiro de arrependimento.

— Bom dia — disse Dora ao ver Eve entrar no solário.

Um coro de saudações idênticas receberam-na de todos os lados. Eve sorriu, mas não teve tempo de devolver o cumprimento. Do colo de Alma, Lisa gritou:

— Mamãe, mamãe!

Eve foi até ela e a beijou. Ofereceu-se para pegá-la, porém a avó de Jordan pediu:

— Oh, por favor. Deixe-a ficar mais um pouco comigo. Tome seu café enquanto isso.

— Tem certeza de que não está cansada?

— Vovó — Lisa murmurou, segurando o polegar de Alma.

— Absoluta — disse a boa senhora, e sorriu. — Pelo contrário, é um prazer.

— Mãe, você está doente? — foi a vez de Wesley perguntar, contrariado.

— Não, meu querido — Eve respondeu, curvando-se para beijá-lo também. — Na verdade, estou me sentindo muito bem.

— É que você demorou tanto para levantar.

Dora e Niles, que chegava da cozinha trazendo pedaços de bolos e tortas, se entreolharam. Nancy e Matt, sentados à mesa tomando café, riram em uníssono. Mesmo assim, Nancy apressou-se a socorrê-la:

— Sua mãe foi deitar muito tarde ontem à noite. Por isso dormiu até mais tarde, para compensar.

Eve lançou um olhar de agradecimento a Nancy. Depois de ver Jordan carregá-la nos braços escada acima, claro que ela sabia muito bem o que de fato acontecera.

Kendrick, brincando com os dominós, disse:

— Vem me ajudar, Wes. Quero construir um hangar para o meu jato.

— Já estou indo — Wesley respondeu, descendo da cadeira e correndo para junto do amigo.

Eve foi até a cozinha e serviu-se de uma xícara de café.

— Não vai comer nada? — Niles perguntou.

— Jordan já está descendo. Vou esperá-lo.

— Está bem.

Eve levou a xícara para a mesa e sentou-se. Olhando pelas janelas, observou:

— Parece que vai nevar.

— É o que diz o serviço de meteorologia — Matt confirmou.

— Eve, querida? — Alma chamou.

— Senhora?

— Pode segurar Lisa um instante? Acho que preciso dar um pulinho ao banheiro.

— Claro.

Eve pegou a filha e sentou-se outra vez, com ela no colo. Apoiada no andador, Alma se levantou. Dora se ofereceu para ajudá-la, mas a irmã recusou.

— Pode deixar, eu me arranjo. Não se preocupe tanto comigo, Dory.

— Eu só queria...

— Eu sei. Mas estou bem.

O rosto tenso e sério desmentia essas palavras. Mesmo assim,

Alma dirigiu-se sozinha para o banheiro no final do pequeno corredor que ligava o solário à entrada dos fundos da casa.

— Ora, não sei por que tanto mau humor de repente — Dora resmungou baixinho.

— Tia Alma é igualzinha a você, mamãe — brincou Carla, procurando tranqüilizá-la. — Independente.

— Mas ela não está bem. Isso me deixa aflita.

— Afligir-se não ajuda nada.

— Eu sei, eu sei.

Eve sorriu e tomou seu café. As pessoas em volta da mesa retomaram a conversa interrompida. Matt e Nancy discutiam o melhor horário para ir embora. Pretendiam acabar de comer, fazer as malas e sair antes que chegasse a tempestade. No canto, Wesley e Kendrick faziam voar seus brinquedos, imitando o barulho de avião. Carla comentou que era esperada na clínica de Austin às nove horas do dia seguinte.

O feriado prolongado se aproximava do fim. Eve sentia-se muito bem, pensando que atingira seu objetivo. Voltaria para casa com Wesley, Lisa... e Jordan. Despreocupada, beijou o cabelo sedoso da filha, que riu e se remexeu em seu colo.

Mas de repente Dora saltou da cadeira e gritou:

— O que foi, meu filho?

Nancy também se assustara e dizia:

— Jordan?

Confusa ante a súbita tensão que carregava o ar, Eve virou-se na direção em que todos olhavam.

Jordan estava parado na porta do solário, pálido como um papel. Queria falar mas alguma coisa o impedia. Afinal engoliu em seco e balbuciou:

— Carla... Depressa...

— O que foi, Jordan? O que foi?

— Alma. Oh, meu Deus. Não consigo sentir seu pulso...

CAPÍTULO XI

Alma estava caída no chão, o rosto virado para ##erro junto à porta do banheiro.

— Tirem isso do caminho — pediu Carla, referindo-se ao andador que obstruía a passagem.

Jordan apressou-se a atendê-la, colocando o aparelho dentro do banheiro. Quando voltou, Carla estava ajoelhada ao lado de Alma e já assumira o controle da situação:

— Mamãe! Chame uma ambulância.

Apalermado, Jordan observava, tudo a distância, com medo de atrapalhar caso chegasse mais perto. No instante em que Carla colocou os pulsos no peito de Alma e empurrou-o com toda força, teve a impressão de ouvir o som surdo de costelas se quebrando. Não agüentou e desviou os olhos. Sabia que era o procedimento correto a ser adotado, mas doía demais assistir a seu sofrimento sem poder fazer nada.

Só então percebeu que Eve, com Lisa e Wesley sentados em seu colo, continuava no solário. Procurava convencê-los de que não fora nada, que logo a vovó ficaria boa.

— Leve as crianças para longe daqui! — gritou Jordan, mais áspero do que pretendia.

— Não fala assim com a minha mãe! — protestou Wesley, o rosto de repente cheio de ódio.

— Calma, Wes — disse Eve, colocando-o no chão para poder se levantar. — Ele só está nervoso...

— Vovó! Vovó! — Lisa chamava sem parar, choramingando.

Jordan fechou os olhos quando Carla esmurrou outra vez o peito de Alma. Quando tornou a abri-los, Eve desaparecera. Afinal ouviu Carla, ofegante de tanto esforço, dizendo:

— Isso, Alma. Vamos, querida, só depende de você. — Então, olhando para Jordan e Dora, acrescentou: — Estou sentindo o pulso dela de novo.

Dentro de poucos minutos ouviram a sirene da ambulância chegando e estacionando na frente da casa. Mais que depressa os médicos entraram.

Jordan recuou para o solário para lhes abrir passagem, odiando a própria inutilidade diante de uma situação tão grave. Puseram-se a trabalhar sem demora. Checaram os sinais vitais de Alma e fizeram mil perguntas a Carla, que a todas respondia com calma e segurança.

Colocaram Alma na maca e levaram-na para a ambulância. Jordan se ofereceu para acompanhá-los, mas reconheceu que Carla seria uma opção bem melhor. Mesmo assim, disparou escada acima em busca das chaves e do documento do carro. Apanhou um casaco no armário e vestiu-o enquanto descia.

Estava abrindo a porta da frente quando Eve saiu da sala de estar, indo a seu encontro.

— Jordan, você quer que eu...

Não a deixou terminar. Em vez disso, lançou-lhe um olhar duro e ordenou:

— Prefiro que você fique aqui.

— Está bem — ela concordou, cabisbaixa porém compreensiva. Mas acrescentou: — Por favor, dirija com cuidado. As ruas estão cobertas de neve.

— Não se preocupe.

Assim dizendo, levantou o colarinho do casaco e correu porta afora, desaparecendo sob os pesados flocos brancos que rodopiavam no pátio.

Jordan passou o dia todo no hospital, recusando-se a voltar para casa. Devido ao compromisso em Austin, Carla teve de ir embora. Mas Nancy e Matt ficaram, bem como todos os membros da família que podiam adiar a partida. Queriam estar por perto para ajudar no que fosse necessário. À tarde, Eve ligou para Rosie.

— O que foi? — perguntou a amiga, percebendo que havia algo errado assim que atendeu.

— A avó de Jordan sofreu um ataque cardíaco.

— Ela está...?

— Conseguiram reanimá-la, graças a Deus.

— Que bom. E Jordan?

— Muito nervoso, como já era de se esperar. Na verdade, mal conversamos depois que aconteceu. Vou até o hospital daqui a pouco. Então terei mais notícias.

— Certo. Não se preocupe comigo — disse Rosie, adivinhando-lhe os pensamentos. — Modéstia à parte, estou me saindo bastante bem. Os clientes que têm entrado em contato comigo não se cansam de elogiar minha eficiência e simpatia. Para ser franca, acho que você não

está fazendo a menor falta por aqui.

Ha, como o bom humor da amiga fazia bem a Eve. Tanto que conseguiu até lhe arrancar uma resposta espirituosa:

— Fico contente em ouvir isso. Mas, se a conheço bem, tenho certeza de que você está morrendo de saudades de nós.

— Bem, talvez um pouquinho...

— Assim que tiver mais detalhes eu telefono para você. De qualquer forma, acho que antes de amanhã não poderemos ir embora. — Pela janela, Eve viu que a neve continuava caindo. — O tempo está muito feio por aqui, o que pode dificultar ainda mais nossa partida.

Depois de mais algumas palavras de conforto, Rosie não conseguiu controlar a curiosidade e perguntou se havia alguma novidade no relacionamento entre Eve e Jordan.

— Excelente! — exclamou afinal, quando ouviu a resposta. — Eu sabia que ia dar tudo certo.

— De fato, você tinha razão — concordou Eve. — Obrigada pelos conselhos.

Na verdade, porém, os últimos acontecimentos deixaram-na apreensiva. Não saberia precisar por quê. Talvez fosse o olhar distante que Jordan lhe dirigira antes de sair para o hospital. Ou então, o fato de ele não ter lhe dado nenhum telefonema até o momento.

Procurou se livrar desses pensamentos. Afinal, o que esperava? Era uma situação de emergência. Nada mais natural que ele se preocupasse com a avó, que tanto amor lhe dedicara a vida toda.

— Eve? Você ainda está aí?

— O quê? Oh, sim. Mas preciso desligar agora. Mais uma vez, muito obrigada por tudo.

— Amigos são para essas coisas. Mas não se esqueça de me manter informada.

— Fique tranqüila, não vou esquecer.

Eve desligou no instante em que Nancy entrava, de volta do seu turno no hospital.

— Como ela está? — perguntou.

— Seu quadro clínico vem se mantendo constante. Está lúcida agora, mas bastante cansada.

— Vai ficar boa?

Nancy fez que sim com a cabeça.

— É o que dizem.

Eve afundou-se na cadeira de espaldar alto ao lado do telefone.

— Graças a Deus. — E então, como não poderia deixar de ser, perguntou: — E Jordan?

Nancy parecia preocupada ao dizer:

— Não sai do lado dela desde que Carla partiu.

— Mas está bem?

— Fisicamente, ótimo. Só acho que a tensão está sendo grande demais para ele.

Depois de uma pausa, vendo que Eve se assustara, Nancy continuou:

— Ora, você sabe como é o Jordan. Ele nunca permite que as pessoas se aproximem demais. Fica difícil saber o que ele está sentindo de verdade.

— Nancy, por favor — Eve implorou. — Tenho a impressão de que você ainda não disse tudo que pensa.

— Bem... Quando cheguei ao hospital, quis saber como ela estava. Em vez de me dizer, Jordan resmungou que não sabia. Acontece que ia passando um médico e ouviu nossa conversa. Ele garantiu que Alma venceria essa batalha. Eu me senti aliviada, mas Jordan deu de ombros e se afastou. Recusa-se a acreditar, que seja verdade. Parece pensar que todos se uniram para enganá-lo.

Nancy aproximou-se de Eve e, apertando com a mão em seu ombro para lhe transmitir confiança, sugeriu:

— Talvez, se você fosse até lá...

Não precisou completar a frase. De um salto Eve se pôs de pé. Pediu a Nancy o carro emprestado, subiu correndo para pegar um casaco e saiu.

Demorou meia hora da casa de Dora ao hospital por causa da neve, um percurso que faria em dez minutos em outras condições. Afinal deixou o carro no pequeno estacionamento reservado para visitantes e entrou no hall.

A recepcionista indicou-lhe a sala de espera. Jordan estava lá, um vulto solitário e amargurado, sentado em uma cadeira de plástico azul. O movimento na entrada da sala chamou-lhe a atenção. Sua testa encheu-

se de rugas tão logo a viu.

Apesar da expressão contrariada, Eve se armou de coragem e acomodou-se na cadeira vizinha.

— Jordan? Alguma novidade?

Os olhos que se viraram para ela continuavam com o mesmo ar distante.

— O que você veio fazer aqui? — ele perguntou. — Devia ter ficado em casa, cuidando das crianças.

— Nancy está me fazendo esse favor. Disse que Alma vai ficar boa. É verdade?

— Foi o que os médicos disseram. Mas não me deixaram ficar com ela.

— Por quê?

— Pelo que entendi, precisam fazer mais alguns exames. Ela continua na UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.

Eve calou-se para observá-lo apenas, tentando adivinhar o que lhe ia pela mente. Nunca o vira tão estranho, tão frio.

— E você, Jordan? — perguntou afinal.

— Estou muito bem, Eve — disse de pronto, como um robô.

— Meu querido, eu...

— Por favor, eu já disse que estou bem. É minha avó quem está doente.

— Mas...

Jordan congelou-a com o olhar. Eve recuou na mesma hora.

— Não estou com disposição para conversar agora. Quero ficar aqui, em silêncio, e esperar até que me deixem voltar para junto dela. Será que você consegue compreender?

Eve baixou os olhos, intimidada e confusa. Mas, lembrando o quanto ele devia estar sofrendo, decidiu insistir:

— Está bem. Vou lhe fazer companhia. Prometo que ficarei calada.

— Não há necessidade.

— Pode ser, mas vou ficar.

E assim o fez durante cerca de uma hora. Não trocaram mais uma palavra sequer. Uma enfermeira entrou para avisar que os exames

haviam terminado e Alma dormia tranqüila no quarto. Em seguida, sugeriu que eles deviam ir embora. Nada podiam fazer ali e a noite não tardava a cair. Com a tempestade, seria muito perigoso trafegar no escuro pelas ruas.

Jordan, no entanto, pediu:

— Posso entrar? Prometo que não vou acordá-la. Só preciso ver com meus próprios olhos que ela está bem.

Relutante, a enfermeira acabou concordando.

— Queira me acompanhar, por favor. Mas devo adverti-lo que ela não vai saber que o senhor esteve com ela.

— Não faz mal.

Jordan se levantou e a seguiu. Eve fechou a fila. Precisava ter certeza de que Jordan não ficaria emocionado demais.

O quarto ficava ao lado da Unidade de Terapia Intensiva. A enfermeira os conduziu até ele e abriu a porta. Alma, deitada na cama enorme, parecia mais frágil do que nunca. Tubos entravam e saíam de suas narinas e se espalhavam por toda parte. Usava toca e camisola verdes, fornecidas pelo hospital. Acima da cama, uma tela monitorava cada batida de seu coração.

Jordan não tirava da avó os olhos marejados de lágrimas. Parecia uma fera enjaulada. Se dependesse dele, o coração de Alma nunca mais lhes pregaria outro susto tão grande.

Observando sua expressão angustiada, Eve se compadeceu. Pensando em lhe transmitir um pouco de conforto, colocou a mão no ombro dele. Imediatamente Jordan encarou-a como se nunca a tivesse visto antes.

Jordan olhou para ela como se nunca a tivesse visto antes. Afastou o ombro para livrar-se da mão dela e, sem esperar por sua reação, dirigiu-se à enfermeira:

— Vou passar a noite aqui. Não se preocupe, não vou incomodá-la.

Surpresa, a enfermeira estudou-o por um momento. Afinal, murmurou:

— Senhor McSwain, ela está sob efeito de medicamentos. Com certeza só despertará pela manhã.

— Não importa. Eu quero ficar.

A enfermeira resignou-se.

— Está bem. Pedirei que tragam uma cama extra para o senhor.

— Obrigado. — Em seguida voltou-se para Eve. — Vá para a casa de Dora. Diga a todos que vou dormir aqui, e que telefonarei caso haja alguma novidade.

Eve odiava a idéia de deixá-lo, mas tinha de pensar nos seus filhos. Lisa e Wesley também se assustaram com o que acontecera. Precisavam de seu apoio, que os colocasse na cama, que lhes desse o beijo de boa-noite, que os tranqüilizasse um pouco.

— Eu vou, mas volto depois que as crianças dormirem.

— Não precisa.

— Mas...

— Fique em casa, Eve. — Ele cochichava, porém mas seu tom de voz era duro.

— Jordan, eu...

Dessa vez foi a própria enfermeira quem a interrompeu:

— Este quarto também faz parte da Unidade de Terapia Intensiva. Se vocês têm algum problema para resolver, peço que voltem para a sala de estar.

Jordan fez que não com a cabeça.

— Já está tudo resolvido. Vá embora, Eve.

Ela olhou-o fixo, com vontade de sacudi-lo pelos ombros para ver se conseguia dissipar um pouco da frieza com que vinha sendo tratada desde a manhã. Mas optou por mostrar-se forte e dizer:

— Está certo, querido. — Ficou na ponta dos pés para lhe dar um beijo rápido. — Eu vou.

A tensão desapareceu do rosto da enfermeira. Jordan deixou-se cair na cadeira para começar a longa vigília. Eve abriu a porta e saiu para o corredor.

Encontrou Wesley e Lisa irrequietos. Ressentiam-se do ambiente estranho que se instaurara na casa de Dora, onde todo mundo andava de lá para cá, pensativos, tristes. Os agrados que lhes dispensavam pareciam diferentes, e embora soubesse que a vovó estava doente, sentiam sua falta.

Eve desdobrou-se em carinhos e atenção. Pegou-os no colo para lhes dar de comer, repetiu várias vezes que os amava, distraiu-os um

pouco com as peças de dominó.

Afinal subiram para dormir. Quando se deitava, Wesley perguntou se a vovó ia morrer.

— Claro que não, meu querido — Eve lhe assegurou. — O coração dela ficou cansado, mas já está trabalhando direitinho de novo. O doutor falou que logo, logo ela volta para casa.

Wesley então quis saber:

— Ela não é minha vovó de verdade, é?

Eve sentou-se na beirada da cama e suspirou. Às vezes achava que não havia nada mais difícil na vida que ser mãe. Principalmente na hora de responder indagações constrangedoras como aquela. Não queria mentir para o menino, mas também não podia lhe contar toda a verdade — ainda.

— Ela é sua vovó do coração — disse por fim.

— O que isso quer dizer? — Wesley insistiu, sem se dar por satisfeito.

— Bem, eu sou sua mãe, certo?

— Certo.

— Eu, você e Lisa formamos uma família.

— Hum-hum.

— Alma é a vovó de Jordan. Eles dois são da mesma família. Certo?

— Certo.

— Pois então, se Jordan e eu... estamos juntos, nossas famílias também estão. E se Alma é a vovó de Jordan, ela passa a ser sua vovó do coração. Entendeu?

Para ser sincera, Eve teria de admitir que nem ela própria se convenceria com uma explicação tão confusa. Apesar da pouca idade, Wesley não era bobo. As crianças parecem dotadas de uma sensibilidade toda especial, capaz de traduzir os sentimentos que cada palavra contém, mais que seu significado.

— Não entendi, mamãe — disse ele, indo direto ao ponto. — Como é estar junto?

— É a mesma coisa que casar.

— Casar? Você casou com Jordan? Igual um papai e uma mamãe?

— Isso mesmo.

Por um instante Wesley não disse nada. Afinal, muito sério, declarou:

— Ele não é meu pai.

Eve sentiu um aperto no coração. Reconhecia que não estava obtendo o menor sucesso. Mas era tarde demais para recuar.

— Eu sei, meu querido. Jordan não é seu pai de verdade. Mas, assim como Alma é sua vovó do coração, ele será seu papai do coração.

— Não. Nem do coração. Ele é mau. Ele vai embora, eu sei que vai.

— Wesley, Jordan não vai embora — disse Eve, assustada com a veemência das palavras do filho. — Já conversei com ele sobre isso e ele prometeu que nunca vai embora. Hoje ele vai passar a noite no hospital para não deixar a vovó sozinha. Mas amanhã estará conosco outra vez.

— Pra mim, tanto faz. Não gosto do jeito como ele fala com você.

— Ele estava nervoso, Wesley. A vovó ficou doente e deixou todos nós muito preocupados. Mas Jordan gosta muito de mim, de Lisa, de você. Pode ter certeza disso.

O menino virou o rosto para o outro lado.

— Querido...

— Ele não é meu pai.

— Wesley...

— Não é — repetiu, e fechou os olhos com força.

Eve ficou aturdida. Wesley tinha uma personalidade forte e não se deixaria convencer com facilidade. Que atitude tomar? Será que devia tocar no nome de Teddy Tanner e fazê-lo conversar até que esgotassem o assunto? Mas o que ela diria? Seu pai de verdade ama você, Wesley. Só que não tem tempo para visitá-lo porque vive ocupado demais consigo mesmo e sua maravilhosa carreira no teatro... Deus do céu, isso acabaria com o resto de confiança que ainda restava em seu filho.

Lembrou-se de Jordan e como o deixara ao vir embora: sério, distante, retraído. Será que teria condições de cumprir a promessa de conversar com Wesley a tempo de conquistar-lhe a simpatia?

Jordan concordara em se casar com ela e assumir a responsabilidade de ajudar a criar seus filhos. Mas isso não implicava

que seria um bom pai, carinhoso, afetuoso. Talvez nunca conseguisse amá-los realmente.

Eve o queria tanto que, até então, esquecera-se de considerar essa possibilidade. A família inteira comentava que foram raras as vezes em que Jordan permitiu às pessoas uma maior aproximação. Estava disposta a tudo para tê-lo a seu lado, mas será que tinha o direito de submeter duas crianças inocentes a tamanha privação?

Pensando assim, curvou-se sobre o menino e chamou:

— Wes?

— Vai embora, mamãe. Quero dormir.

Desolada, suspirou e depositou um beijo suave no rostinho corado de Wesley.

— Amo você.

Ele não respondeu. Manteve a cabeça virada, os olhos cerrados. Mas quando sentiu que a mãe se levantava para ir embora, murmurou baixinho:

— Eu também amo você.

Ela apertou bem as cobertas ao redor dele e fez o mesmo com Lisa, que há muito se entregara a um sono profundo em um ninho de travesseiros na cama ao lado. Então saiu para o outro quarto.

Colocou a cadeira de balanço de frente para a janela e sentou-se. A neve embaçava os vidros e tingia de branco belo castanheiro.

Ainda era cedo, passava pouco das oito da noite. Talvez devesse descer para compartilhar com os outros seus momentos de aflição e espera. Seria uma forma de se ausentar o máximo de tempo possível do quarto que a ausência de Jordan tornava tão frio e vazio. Também pensou em deitar-se e tentar dormir. Assim as horas passariam mais depressa.

Eve olhou fixo para a noite lá fora. Flocos de neve volteavam no ar e vergavam os galhos da árvore. Resolveu que não faria nenhuma das duas coisas. Queria ficar sozinha e refletir. Seu filho precisava de certezas que não podia lhe dar. Jordan a mandara embora, quando qualquer outra pessoa estenderia a mão para aceitar toda ajuda que lhe oferecessem. Tudo isso a amargurava demais.

De repente lembrou que fora até aquela casa decidida a lutar. Nada a obrigaria a dar por vencida uma guerra que chegara tão perto de

ganhar.

Assim sendo, levantou-se. Sua felicidade e a de seus filhos estava em jogo. Não ia esperar.

CAPÍTULO XII

Eve pediu para a recepcionista do hospital que informasse a seu "marido" que precisava lhe falar. Enquanto aguardava, ficou folheando uma revista na sala de espera.

— O que diabos você está fazendo aqui?

Sobressaltou-se com a pergunta, pois não vira Jordan entrar.

Mais que depressa se recompôs e disse:

— Como está Alma?

— Sem alterações. Continua dormindo. Mas eu lhe fiz uma pergunta.

— Vim ficar com você.

— Não precisa. Estou muito bem sozinho.

Eve estudou-lhe o rosto. Havia sombras sob seus olhos. Afligiu-se mais uma vez pela distância que ele impunha, mas no mesmo instante lhe veio à lembrança a imagem do filho murmurando "Vai embora, mamãe. Quero dormir".

— Se não precisa de mim, ótimo — retrucou. — Mas eu tenho de ficar aqui.

Jordan arqueou as sobrancelhas e sua testa se encheu de rugas. Não sabia o que dizer.

— Posso ir para o quarto também? — Eve continuou. — Quero estar a seu lado quando ela acordar.

— E quanto a Lisa e Wes?

— Já os coloquei para dormir. Dora, Niles, Nancy e Matt, todos se ofereceram para olhá-los. Tenho certeza de que ficarão bem.

Jordan alisou o cabelo com as mãos.

— Prefiro que você volte para lá.

— Por quê?

— Já expliquei por quê! — Percebeu que falara alto demais porque calou-se e olhou a sua volta. Em seguida, mais baixo, emendou: — Não quero você aqui.

Essas palavras cortaram o coração de Eve. Mas ela se recusava a

vacilar.

— Por que não?

— Não quero discutir — disse ele, e lhe deu as costas. — Pelo amor de Deus, volte para a casa de Dora e não saia mais de lá.

— Não.

Jordan virou-se para encará-la e piscou várias vezes.

— Como?

— Eu disse que não — repetiu Eve, e agarrou-o pela mão. — Vamos.

Sua ação súbita o deixou atônito demais para tentar se desvencilhar.

— O que diabos você quer?

— Encontrar um lugar onde possamos discutir mais à vontade.

Dessa vez ele se afastou.

— Não. Isso é ridículo. Preciso voltar para o quarto.

— Não se preocupe, prometo ser breve. Mas nesse exato momento, querendo ou não, vamos ter uma conversa séria.

— Maldição, Eve. Isso não é hora...

— Para você, nunca é hora — ela interrompeu, segurando-lhe a mão de novo. — Vamos. Senão, juro que faço tamanho escândalo que seremos os dois expulsos daqui.

Jordan observou-a desconfiado. Mas alguma coisa na expressão de Eve lhe disse que ela não pensaria duas vezes antes de cumprir com sua palavra.

— Está bem. — Deu de ombros, indiferente. — Se é tão urgente assim...

Antes que ele tivesse tempo para voltar atrás, Eve puxou-o pelo corredor do hospital. Pensou em pedir à recepcionista que indicasse um lugar a que pudessem ir sem incomodar os pacientes.

Mas temia que Jordan aproveitasse sua distração para se afastar outra vez. Assim sendo, rumou direto para a saída.

— Aonde você vai nos levar? — Jordan quis saber.

— Para o carro de Nancy.

Uma rajada de vento gelado varreu-os assim que ela abriu a porta que dava para o estacionamento.

— Vamos pegar uma pneumonia.

Eve ignorou seu protesto e arrastou-o até o carro. Rapidamente tirou a chave do bolso do casaco e abriu a porta do lado do passageiro.

— Entre.

— Ora, mas que bobagem...

A neve caía em profusão, sujando-lhes, molhando seus cabelos.

— Eu mandei entrar — disse ela, irredutível.

Os olhos dele estavam frios como os flocos brancos que despencavam do céu. Mas enfim, Jordan resolveu atendê-la. Assim que ele entrou, Eve correu dar a volta no carro e sentar-se ao volante. Girou a chave na ignição para ligar o aquecedor e escondeu as mãos debaixo dos braços. O ar quente liquidefez a neve presa a suas botas. Logo o interior do carro atingia uma temperatura mais amena.

— Fale de uma vez — pediu Jordan. — Não quero demorar.

Eve precisava aproveitar enquanto o tinha cativo para ir direto ao ponto. Enxugou o rosto com as mãos e ajeitou os cabelos, tentando ganhar tempo e decidir qual a melhor maneira de começar.

Não se deu conta, porém, de que seus gestos o irritavam. De repente ele ameaçou abrir a porta do carro e descer, dizendo:

— Isso não faz o menor sentido.

— Espere! — ela gritou, -estendendo-se por cima dele para segurar a maçaneta. — Só peço que me escute.

Não lhe passou despercebido que Jordan recuara, como se lhe fosse ofensiva sua proximidade. Mas, pelo menos, desistiu de descer do carro.

Eve endireitou o corpo e, sabendo que não podia mais protelar, começou:

— Alma vai ficar boa, querido.

Jordan respondeu sem desviar os olhos dos flocos de neve que se empilhavam sobre o pára-brisa.

— Claro que sim. Eu ouvi o que os médicos disseram.

— Mas não acreditou neles.

— Isso não interessa. O que tiver de ser, será. Mais alguma coisa?

— Sim. Quero deixar tudo muito claro agora.

— Não há nada para deixar claro — disse ele, voltando-se para encará-la. — Já resolvemos nossas diferenças. Assim que minha avó se recuperar, nós nos casaremos. Vai dar tudo certo.

— Pelo contrário, nada vai dar certo se você insistir em agir desse modo. Não enquanto mantiver o coração trancado para as pessoas.

Jordan tornou a olhar para a frente, o rosto fechado, duro. Eve suspirou e disse, a voz muito doce:

— Amo você, Jordan. De todo o coração. Mais até do que devia.

— Que bom — ele murmurou, tenso. — Fico contente em ouvir isso.

A dor que ele sentia era quase palpável. Espalhava-se em ondas pelo interior aquecido do carro. Em vez de reconhecer-lhe a existência e lutar contra ela, Jordan erguera uma muralha a sua volta. Recusava-se a admitir que sua verdadeira inimiga estava dentro dele.

Eve tinha plena consciência de que, se não a transpusesse, jamais o atingiria. Com o tempo a dor se abrandaria e Jordan voltaria a sorrir. Mas precisava ajudá-lo a vencer de uma vez por todas, ou nunca o teria por completo.

— Eu... estava errada em desistir do casamento, e hoje sinto muito por tê-lo feito. Mas, como eu disse naquela ocasião, não o conhecia bem o bastante. Não imaginava que a maior decepção que poderia lhe causar seria deixando de cumprir um compromisso assumido. Acontece que também tinha meus receios. Depois do primeiro casamento, fiquei com medo de ser precipitada. Não confiava em meu próprio coração. Só descobri o quanto me enganara ao vê-lo com Alma. Então compreendi que você não é do tipo que volta atrás depois de ter empenhado sua palavra.

— Eu lhe disse isso.

— Sim, mas entenda, eu tinha medo. Precisava chegar a essa conclusão por mim mesma. Sempre o achei um homem independente, bem-sucedido, dono do próprio nariz, enquanto que eu era uma mulher frágil, mãe de duas crianças, vinda de um casamento destroçado. Imaginei que nunca me relacionaria com você em pé de igualdade. Reconheço que me enganei. Neste final de semana provei que consigo me impor, e você não me rejeitou por causa disso. Quando nos casarmos, haverá momentos em que eu serei a mais forte, aquela em quem você virá procurar apoio. Momentos como este que estamos

vivendo agora...

Eve reparou nos punhos cerrados de Jordan, os nós de seus dedos brancos de tanto fazer força para se conter e ouvi-la até o fim. Confiante, ela estendeu a mão e os acariciou.

— Jordan, por favor. Nesse instante você precisa de mim e não há mal nenhum nisso. Foi esse o motivo que nos uniu. É para isso que serve o amor.

— Basta — ele ordenou em um som rude, gutural, afastando as mãos para evitar seu toque.

— Não. — Eve agarrou-lhe o braço em um gesto de desespero para se fazer entendida. — Ainda não basta. Não vou desistir de tentar ajudá-lo, nem agora, nem nunca Foi apenas um susto, mas Alma já está velha e chegará o dia em que ela irá descansar para sempre. Esse é um fato que ninguém pode evitar. E se você não permitir que outra pessoa te ame, se não tiver alguém que o ampare... Oh, Jordan, como fará quando isso acontecer?

— Não sou obrigado a ficar ouvindo isso — ele reclamou, segurando de novo a porta da maçaneta ao mesmo tempo em que tentava se desvencilhar de Eve com um safanão.

Mas ela não o largou.

— Eu te amo, Jordan. Por favor, confie em mim.

Ele virou-se para encará-la com um movimento brusco. Seu rosto se transformara em uma máscara de rancor.

— Solte-me! Maldição!

Conseguiu afinal libertar-se. Mais que depressa empurrou a porta do carro e saiu para o asfalto coberto de neve. Eve não desistiu. Desceu do carro e disparou atrás de Jordan, quase caindo no chão escorregadio. Por um milagre o alcançou, agarrando-se à manga de seu casaco

— Não faça isso, Eve. Solte!

Mas ela não o atendeu. Pelo contrário, aproveitou que conseguira detê-lo para bloquear seu caminho. Abraçou-o então com força e sustentou-lhe o olhar irado.

— Jordan, estou te pedindo. Abra o coração e se permita me amar também!

Flocos de neve desciam sobre seu rosto e impediam-na de ver direito. Porém não deixou de notar lágrimas nos olhos dele e o leve

tremor de seus lábios. Até que, com um gemido de desabafo, Jordan também a abraçou. Agarrou-a como quem se apega a uma tábua de salvação em um mar revolto, enterrou o rosto no cabelo dela e a apertou tanto que por momento Eve imaginou que seus ossos iam quebrar.

— Maldita seja — ele murmurou -, por que não me deixou sozinho? — Soluçava agora, um som profundo e dilacerante. — Maldita seja, Eve...

— Isso, meu amor. Me abrace e diga tudo que se passe no seu coração ferido.

— Eu não queria que você me visse neste estado... Um homem precisa ser forte.

— Mas você é forte — ela o corrigiu. — O fato de conseguir se abrir comigo só confirma isso.

— Meu Deus. Parece que tenho cinco anos de idade outra vez. — Sua voz soava rouca ao ouvido dela. — Oh, Eve, não quero que ela morra.

— Eu sei, meu querido. Mas ela não vai morrer. Os médicos disseram que ainda não chegou sua hora.

Jordan soltou-a e enxugou os olhos na manga do casaco. Inclinou a cabeça para trás, como se só então se desse conta da neve que caía.

— Não podemos ficar aqui fora. Vamos para o carro.

Segurou-a pela mão e levou-a de volta, abrindo a porta para que Eve entrasse.

Sentados de novo dentro do carro de Nancy, entreolharam-se como se não soubessem o que dizer. Eve tomou a iniciativa de estender a mão e tocar-lhe o rosto gelado.

Era todo o incentivo de que ele precisava. Jordan a abraçou, aconchegando-a contra seu peito. Beijou-lhe o cabelo molhado, as faces, o queixo. Eve apertou-o e sussurrou sem parar o quanto o amava, o quanto desejava passar o resto de seus dias ao lado dele.

Afinal, afastando-se o suficiente apenas para poder olhar bem dentro de seus olhos, ele começou a falar. Toda mágoa e dor que abrigava há tempos em seu coração ele pôs para fora. Algumas coisas Eve já sabia, das histórias que Louise lhe contara.

Reconhecia que a perda da mãe o abalara. Chegou a imaginar que havia algo de errado com ele quando o pai o abandonou. Afinal, as

pessoas que mais queria tinham desaparecido de sua vida como que por encanto.

— Então fui morar com minha avó — disse ele. — Em grande parte ela compensou tudo isso. Aos sete anos descobri o que significava ter uma mãe de verdade. Você compreende?

— Claro que compreendo — Eve respondeu.

— Por isso tenho tanto medo de perdê-la...

Não conseguiu concluir a frase, a voz embargada pela emoção.

— Nunca mais seu pai deu notícias!?

— Não. Há cinco anos fiquei sabendo que ele havia morrido. Foi como se falassem de um estranho. Na verdade, mal o conheci.

Eve então murmurou:

— Seus pais o abandonaram... e eu também. Foi assim que você pensou?

Jordan não respondeu. Nem era preciso. A tristeza em seus olhos dizia tudo. No entanto, afastou uma mexa de cabelo molhado do rosto de Eve, em um gesto carinhoso para demonstrar que não lhe tinha mágoa.

— Juro que não vou deixá-lo outra vez, meu querido. Só espero que você ainda consiga acreditar em mim.

Ele sorriu, parecendo mais calmo, e deu-lhe um terno beijo.

Voltaram juntos para o quarto de Alma. Ficaram sentados na cama que a enfermeira havia providenciado, de mãos dadas. As vezes um adormecia, enquanto o outro vigiava. E assim foi até o romper da aurora, quando então Eve se despediu com um beijo e partiu. Prometeu voltar tão logo desse de comer às crianças.

Jordan tentou permanecer acordado depois que ela se foi, mas o cansaço provocado pela tensão acabou por vencê-lo. Ele simplesmente apagou.

Quando abriu os olhos, assustado, sem saber ao certo quanto tempo dormira, deparou-se com a avó a observá-lo.

Alma sorriu, enchendo de alegria o peito do neto. Jordan correu chamar a enfermeira, que checou os sinais vitais da paciente e fez diversas anotações no formulário preso à prancheta ao pé da cama.

Quando ficaram a sós outra vez, Jordan aproximou a cadeira da cama e sentou-se. Pegou a mão sem forças da avó e perguntou:

— Como está se sentindo?

— Cansada, mas muito melhor que ontem. — A voz dela não era mais que um sussurro. Respirava com dificuldade, com certeza devido às duas costelas que quebrara quando Carla esmurrou seu peito para reanimá-la. Mesmo assim, encontrou ânimo para brincar: — Essa foi por pouco.

— Mas graças a Deus você vai ficar boa, vovó. Graças a Deus.

— Eu sei, meu querido.

Permaneceram alguns minutos em silêncio, entregues ao prazer de estarem juntos. Até que Alma o surpreendeu com a pergunta:

— Eve está aqui?

Jordan consultou o relógio de pulso.

— Deve chegar a qualquer momento. Foi para casa dar o café da manhã para Wesley e Lisa, mas disse que voltaria por volta das oito. Já são quase oito e meia.

— Eu gostaria de trocar uma palavrinha com ela. A sós.

Embora curioso em saber por quê, Jordan apenas concordou com um gesto de cabeça. Não queria cansá-la sem necessidade. Estava tão contente com sua recuperação que faria qualquer coisa que ela pedisse.

Assim, levantou-se e beijou-lhe a face enrugada.

— Vou verificar na sala de espera. Talvez ela nos tenha visto dormindo e não quis incomodar.

— Obrigada, querido.

Jordan saiu e atravessou o corredor. Ia abrir a porta da sala de espera quando viu Eve conversando com a recepcionista.

— Oi — disse ela. — Estava pedindo à enfermeira para avisá-lo que eu já estava aqui.

Parecia aflita quando tentou sorrir. Só então Jordan percebeu que ela não estava sozinha. Wesley, de mãos dadas com a mãe, observava-o com uma expressão zangada.

— Ele quis vir junto comigo — Eve explicou, medindo as palavras com grande cuidado para não magoar ainda mais seu filho -, mas não está se comportando muito bem.

Jordan agachou-se na frente do menino.

— Qual o problema, garotão?

Wesley não se mexeu. Limitou-se a desviar os olhos na direção da porta de entrada.

— Wes?

Nada. Ele continuou a ignorá-lo acintosamente.

— Responda, meu filho — disse Eve, consternada. Jordan resolveu deixar de lado aquele problema por alguns instantes e ergueu-se.

— Alma está acordada — disse a Eve. — Perguntou por você. Quer vê-la a sós.

— Para quê?

— Não faço a menor idéia. Vá falar com ela. — Tornou a olhar para o garoto. — Não se preocupe. Wes ficará bem comigo.

— Mas...

— Pode ir tranqüila.

Eve mordeu o lábio, receosa. Porém acabou concordando.

— Está bem. Não demoro.

Colocou Wesley sentado em uma cadeira da sala de espera e desapareceu no corredor. Jordan acomodou-se ao lado dele, procurando manter uma certa distância para não o intimidar.

— Você também gostaria de ver a vovó Alma, Wes? — perguntou.

Como já esperava, não obteve resposta. O menino olhava fixo a frente, para a parede nua.

— Não sei se permitem a entrada de crianças, mas podemos tentar. O que você me diz? — E deu palmadinhas na perna do garoto.

Wesley puxou-a mais que depressa.

— Não toque em mim.

— Wes, eu...

— Não quero conversar.

— Por quê?

— Porque eu odeio você.

Jordan respirou fundo para controlar a irritação. Se fosse possível, fingiria que não ouvira aquelas palavras tão duras. Porém Wesley as dissera em alto e bom som.

Tampouco podia continuar imaginando que o tempo se incumbiria de resolver o problema que o garoto tinha com ele. Alguma coisa precisava ser feita se quisesse viver em paz com Eve.

O momento pedia pulso firme e enérgico, apesar de não ter

experiência nenhuma com crianças. Duvidava que fosse capaz de vencer-lhe a resistência.

Mas então pensou na noite anterior, quando Eve exigiu que ele se abrisse, jurando armar a maior confusão caso se recusasse a atendê-la.

Jordan sorriu. E Wesley viu seu sorriso. Embora não abandonasse o jeito desafiador, suas pequeninas sobrancelhas uniram-se no alto da testa.

Jordan levantou-se.

— Venha comigo — disse Jordan, pondo-se em pé. O menino cruzou os braços e fez beiço.

— Não vou.

— O que foi que você disse?

— Que eu não vou! — Wesley era a própria personificação da teimosia, mas seus olhos denotavam nervosismo.

Se não vai por bem, vai por mal, pensou Jordan. Em um movimento ágil, pegou o garoto pela cintura e colocou-o sobre seus ombros.

O espanto foi tão grande que ele não reagiu de imediato. Mas começou a gritar e a espernear.

— Me solta! Eu te odeio! Me solta! Eu quero minha mãe!

Fingindo não perceber o olhar preocupado das enfermeiras a sua volta, Jordan saiu a passos rápidos e decididos, em direção ao estacionamento. Wesley lhe dava socos nas costas e continuava esbravejando:

— Você não é meu pai! Me solta!

Naquela manhã o céu continuava escuro, repleto de nuvens pesadas acumuladas pelo vento gelado. Seus pés escorregavam na neve acumulada, mas isso não o deteve. Para não expor ao risco de se resfriar, Jordan aproveitou a idéia de Eve. Abriu a porta do carro alugado, colocou Wesley lá dentro e em seguida entrou também.

Na mesma hora o menino tentou fugir. Sereno porém irredutível, Jordan o advertiu:

— Se eu fosse você não faria isso.

Wesley virou, estudou o rosto de Jordan por um momento e concluiu que seria melhor ficar quieto. Mal-humorado, cruzou os braços e fixou os olhos no pára-brisas.

Ao observá-lo, Jordan reconheceu a ironia daquela situação. Na noite anterior fora ele quem assumira idêntica atitude, enquanto Eve se esforçava ao máximo para penetrar-lhe o interior e contribuir de alguma forma na cura de feridas invisíveis que seu silêncio ajudara a abrir.

Como se sentira? Acuado. Parecia que o ameaçavam de morte. Queria ficar sozinho, e ela insistia em que jamais o deixaria.

Talvez Wesley precisasse ouvir a mesma coisa. Pensando assim, disse no tom de voz mais manso possível:

— Sua mãe e eu vamos nos casar, Wes. Gosto muito dela, como também gosto muito de você e de Lisa. Juntos, nós quatro formaremos uma família.

Fez uma pausa, porém Wesley continuou mudo.

— Parece que essa idéia não o agrada muito, mas vamos nos casar de qualquer jeito.

Ao ouvir isso, os lábios do garoto tremeram.

— Você tem o direito de ser contra, mas é assim que vai ser. Nós quatro, juntos. Em uma só família.

— Não! — Wesley o encarou, os olhos brilhando de raiva. — Você não é meu pai! Eu te odeio! Você foi embora! Você abandonou a gente, e vive gritando com a minha mãe!

— Às vezes as pessoas gritam quando se sentem mal, Wes. Como você está fazendo agora.

— É, mas você foi embora e fez minha mãe chorar. Eu ia entrar no quarto dela e escutei ela chorando, aí fiquei escutando atrás da porta. Ela conversou um bocado com a Rosie e a Rosie falou para ela telefonar para você. Eu não queria que ela telefonasse. Não queria nunca mais ver você! Você disse que gostava de nós, mas é mentira. Logo, logo, você vai embora de novo!

— Não — Jordan respondeu, apesar do nó que lhe fechava a garganta.

Sabia exatamente como Wesley se sentia. Conhecia muito de perto a dor de se sentir rejeitado.

— Não, eu não vou embora! — gritou também.

— Vai sim!

— Não vou!

— Vai!

— Juro que não vou, Wes...

— Mentiroso, você é um mentiroso!

Wesley estendeu a mão para abrir a porta e descer do carro. Jordan reagiu sem pensar. Envolveu-lhe a cintura com os braços e segurou o agora soluçante garotinho, apertando-o bem junto de si. Wesley se debatia e gritava, dando vazão a toda raiva e dor que trazia acumuladas em seu jovem coração. Enquanto isso, Jordan sussurrava sem parar:

— Ouça, Wes. Ouça. Tem razão, eu te abandonei uma vez. Mas me arrependi e voltei. Nunca mais vou te deixar. Não importa o que aconteça ou o que você faça, nunca mais vou embora...

Repetiu inúmeras vezes a mesma coisa, não só para convencer o menino, como também para expressar seu maior desejo. Todos o acusavam, com razão, de não permitir que as pessoas se aproximassem. Pois daquele momento em diante assumia o compromisso de ser diferente com aquela criança, com Eve e com Lisa.

A sinceridade de suas palavras tocaram o coração de Wesley. Aos poucos ele foi se acalmando. Os gritos cessaram, os pequenos punhos relaxaram. Entregou-se à proteção dos braços fortes que o envolviam.

— Mas e se você morrer? — perguntou então, entre um soluço e outro.

— Isso só vai acontecer dentro de muito, muito tempo. Até lá, você já será moço e terá condições de cuidar de Lisa e de sua mãe para mim.

— Tem certeza?

— Ninguém tem certeza absoluta de quando vai morrer, mas prometo tomar o máximo de cuidado para que não seja tão cedo.

Wesley considerou o assunto, a cabeça apoiada no peito de Jordan. Até que, sem dizer nada, escorregou de volta para seu assento e esfregou o nariz com a mão.

Jordan abriu o porta-luvas, onde Eve guardara uma caixa de lenços de papel.

— Tome.

Wesley aceitou o lenço e limpou o nariz.

— Acho melhor a gente voltar lá para dentro — Jordan sugeriu. — Sua mãe vai ficar preocupada se não nos encontrar.

Wesley fungou mais uma vez, fez que sim com um gesto de cabeça e desceu do carro. Lado a lado, retornaram à sala de espera, andando com cuidado no chão escorregadio do estacionamento.

Assim que atravessaram a porta de entrada do hospital, Jordan percebeu que Wesley procurou sua mão para segurá-la. Isso o fez sentir-se o homem mais feliz do mundo. Além do prazer de ter Eve Tanner nos braços, nunca experimentara nada tão gostoso quanto o contato daquela mão tão pequenina dentro da sua.

Eve abriu a porta do quarto de Alma procurando não fazer barulho. Assim que entrou, no entanto, deparou-se com aquele par de olhos escuros tão parecidos com os de Jordan a fitá-la, e um sorriso encantador. No mesmo instante Alma gesticulou, indicando a cadeira perto da cama. Eve sentou-se, tomando entre as suas e beijando a mão que Alma lhe estendia.

— Eve, eu queria lhe falar.

— Sim?

— Fico tão feliz... por Jordan tê-la encontrado.

— Oh, Alma — Eve suspirou. — E eu, por ele ter você.

— Também cometi os meus erros.

— Quem não comete? O que interessa é que você é a pessoa mais importante no mundo para ele. Você o ensinou a amar.

— Você é muito gentil, querida.

— Não se trata disso. Apenas digo o que acho.

Alma afagou a mão de Eve um minuto, para então comentar:

— Jordan sempre manteve as pessoas tão a distância...

— Sim, eu sei.

— Pensei que jamais fosse encontrar uma mulher que o aceitasse como ele é. Já tinha me acostumado com a idéia, até ele conhecer você...

Alma falava em tom baixo e pausado, evitando se cansar demais.

— Eu queria dizer que, na minha opinião, Jordan não poderia encontrar alguém melhor. Você é tudo que eu sempre quis para ele. Espero que um dia vocês se casem realmente. Mas essa é uma decisão que terá de partir de vocês dois. De qualquer forma, desejo que sejam muito felizes.

Eve não conseguiu disfarçar seu assombro. Engoliu em seco

antes de perguntar:

— A senhora... sabia o tempo todo?

Alma sorriu.

— Até agora, não tinha certeza.

— Mas suspeitava...

— Sim.

— Como...?

— Foi por acaso. Jordan me pareceu estranho quando telefonou, no dia em que deveria ter acontecido o casamento. Fiquei preocupada e resolvi telefonar de volta, para o hotel em South Shore. Disseram que a reserva do senhor McSwain havia sido cancelada. Concluí que alguma coisa acontecera, mas resolvi não me meter.

Depois de outra pausa, Alma continuou:

— No entanto, na noite de Ação de Graças, lá estavam vocês descrevendo a lua-de-mel em Tahoe. Além disso, senti que havia algo errado entre vocês... Havia uma certa tensão no ar. A manhã em que Niles encontrou Jordan dormindo no sofá da sala serviu para aumentar minhas suspeitas.

— Oh, Alma. Por favor, perdoe-nos. Não queríamos aborrecê-la a ponto de...

Alma a interrompeu com um aceno de mão.

— Querida, meu coração parou de bater porque já está velho e cansado. Você e Jordan não tiveram culpa nenhuma. Claro que preferia vê-los alegres e se dando bem, mas não sofreria um infarto por causa disso. Entende?

— Sim. — Eve sabia que ela tinha razão. — Sim, eu entendo.

— Ótimo. Vocês são jovens e devem cuidar dos próprios problemas. Senão, acabam culpando a gente, os mais velhos, quando as coisas não dão certo.

A prima Louise, as tias Camilla e Blanche, bem como o segundo filho de Camilla, Ronald, estavam reunidos na sala de espera quando Jordan e Wesley entraram.

Louise, impaciente como sempre, pôs-se a reclamar assim que o viu.

— Ha, aí está você, Jordan. Disseram que Eve está lá no quarto e que não podemos entrar. Viemos fazer uma visita rápida, mas não temos

o dia inteiro.

Jordan assegurou-lhe que, tão logo Eve voltasse, veria o que podia ser feito.

— Acho bom mesmo — declarou Louise. De repente olhou por cima do ombro do primo e exclamou: — Ora, vejam só quem vem chegando. Dora e Nancy. E estão trazendo as crianças. O que será que passa pela cabeça dessas duas?

De fato, quando Jordan olhou para trás, viu Dora e Nancy acompanhadas de Kendrick, Lisa e Phyllis. Alvoroçada, Nancy foi logo explicando:

— Não se preocupem. Só vim trazer Dora. Pensei em dar um pulo na casa da tia Denise e levar as crianças comigo. Inclusive você, Wesley, se quiser vir conosco.

Jordan sorriu para o garoto.

— O que você acha?

— Posso ver a vovó Alma primeiro?

Louise intrometeu-se:

— Seria um absurdo permitirem a entrada de crianças na Unidade de Terapia Intensiva. Além disso, e quanto a nós? Vamos ficar aqui, esperando?

Porém Lisa ouvira seu nome predileto.

— Vovó Alma? Vou ver a vovó Alma?

— Eu também quero — Kendrick anunciou.

Até a nenê pareceu se agitar ante a menção daquele nome. Louise ficou estupefata.

— Francamente. Hospital não é lugar para tanta criança. Nancy, você devia ter ficado esperando no carro, em vez de arrastar todo mundo para cá. Não consigo entender como você pode ser tão...

Jordan não ouviu mais nada do que a prima disse. Eve aparecera no corredor, roubando-lhe toda a atenção.

Ela parou no meio do caminho e piscou, espantada em ver o filho e o homem a quem tanto amava de mãos dadas. Olhou fixo para Wesley que, sorridente, ergueu os olhos para Jordan. Nesse momento Eve compreendeu, aliviada, que os dois haviam feito as pazes.

Jordan sorriu para ela. O brilho nos olhos dele avisavam que o melhor ainda estava por vir.

— Devem ter fechado a estrada para South Shore por causa da tempestade — disse ele. — Mas aposto como é possível se chegar a Reno.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Louise quis saber.

— Pelo amor de Deus, fique fora disso — ralhou Blanche.

— Mas, mamãe, eu...

— Eu quero ver a vovó! — exclamou Lisa, acompanhada em coro pelas demais crianças.

Eve, porém, alheia ao alarido, fez que sim com a cabeça.

— Sim, acho que podemos ir para Reno.

— Quero que se case comigo ainda hoje — disse Jordan.

— É o que eu também quero.

— Eu desisto! — resmungou Louise. — Não precisam explicar mais nada. Já sei que estou no meio de um bando de loucos.

Eve adiantou-se pelo chão de ladrilhos como se pisasse em nuvens. Os braços de Jordan rodearam-na, fortes e carinhosos. Ela ergueu a cabeça e seus lábios se encontraram em um longo e terno beijo.

— Eu te amo, Eve Tanner — ele sussurrou afinal.

— Eu também te amo, meu querido. Mal posso esperar para me tornar sua mulher de verdade.

EPÍLOGO

Dois anos mais tarde, no aniversário de noventa anos de Alma, Dora fez outra reunião. Jordan compareceu com toda a família: Wesley, Lisa e Eve, grávida de seis meses.

Depois do jantar, quando todos estavam na sala de espera, Louise aproveitou para provocá-lo:

— E então, Jordan? Até agora não entendi direito sua história. Naquele dia de Ação de Graças, você e Eve vieram para cá depois da lua-de-mel... e de repente saíram voando daqui, dizendo que iam se casar. Como pode ser isso?

— Ora, Louise — protestou Blanche -, talvez Jordan não queira tocar nesse assunto.

— Por favor, mamãe. Será que posso ouvir o que ele tem a dizer?

— Claro, mas...

Jordan a interrompeu:

— Está tudo bem, tia Blanche.

A família inteira suspirou aliviada, enquanto Jordan piscava para a avó, sentada do outro lado da sala, e pegava a mão de Eve.

— Ouçam todos — anunciou. — Porque só vou contar uma vez. E assim, Jordan McSwain revelou como a mulher de quem ele só precisava para representar uma farsa se transformara no único e mais verdadeiro amor de sua vida.

FIM

NÃO PERCA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

CHRISTINE RIMMER, uma californiana na terceira idade, chegou à profissão que desempenha hoje pelo caminho mais longo. Antes de se dedicar à magia dos romances, foi atriz, vendedora, zeladora, modelo, operadora de televendas, professora, garçonete, autora de peças teatrais e gerente de escritório. Agora que encontrou uma ocupação que se adapta a ela perfeitamente, insiste em dizer que nunca teve problemas em se fixar em um emprego — apenas adquiria "experiência de vida" para compor suas histórias e personagens. Aqueles que a conhecem bem evitam comentar tal afirmação; contentam-se em vê-la realizada. Christine está feliz porque gosta de escrever. Mas também por desfrutar dois grandes prazeres: ao final de cada jornada de trabalho sabe que a espera um homem a quem ama e por quem é correspondida, e tem o privilégio de ver seus filhos crescerem e se desenvolverem dia a dia.

CHRISTINE RIMMER, uma californiana na terceira idade, chegou à profissão que desempenha hoje pelo caminho mais longo. Antes de se dedicar à magia dos romances, foi atriz, vendedora, zeladora, modelo, operadora de televendas, professora, garçonete, autora de peças teatrais e gerente de escritório. Agora que encontrou uma ocupação que se adapta a ela perfeitamente, insiste em dizer que nunca teve problemas em se fixar em um emprego — apenas adquiria "experiência de vida" para compor suas histórias e personagens. Aqueles que a conhecem bem evitam comentar tal afirmação; contentam-se em vê-la realizada. Christine está feliz porque gosta de escrever. Mas também por desfrutar dois grandes prazeres: ao final de cada jornada de trabalho sabe que a espera um homem a quem ama e por quem é correspondida, e tem o privilégio de ver seus filhos crescerem e se desenvolverem dia a

dia.

— ARMADILHA DE MEL

Cathie Linz

Desde o momento em que Hillary Grant entrou em sua vida, Luke McCallister soube que essa mulher nascera para ele. Mesmo assim, abandonou-a para ir trabalhar fora do país. Agora, quatro anos depois, Luke quer reascender a ardente paixão que ambos viveram no passado, recomeçar um amor renovado e mais profundo, sem mágoas. Hillary faria qualquer coisa para acabar com a perigosa briga entre as duas famílias, inclusive casar com Luke... Diz "sim" ao casamento, mas diz "não" a todo o resto! Será que esse falso casamento vai impedir que Hillary caia de novo vítima do charme e da sensualidade de Luke?

— A CABANA DO PECADO

Jackie Merritt

Jennifer Auburn não simpatizou com o musculoso e enigmático agrimensor, Reno Banning. Seu pai lhe garantiu que aquele homem de poucas palavras tinha a solução para salvar a fazenda da família. Mas para ela, Reno não passava de um grosseirão. Então, por que o jeito reservado dele e seus olhares insinuantes lhe provocavam as mais loucuras fantasias?

Reno Banning conhecia bem esse tipo de mulher: sempre com a mente voltada para a carreira e um corpo feito para o pecado. Jennifer seria bem-vinda em sua cama a qualquer hora, mas nem com toda a conversa do mundo ela entraria em seu coração!